UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Alzira de Souza Santos

***A geração da utopia e Memórias do cárcere:
a resistência como re- existência***

São Paulo
2010

versão corrigida

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

***A geração da utopia e Memórias do cárcere:
a resistência como re- existência***

Maria Alzira de Souza Santos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior.

São Paulo
2010

versão corrigida

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

SANTOS, Maria Alzira de Souza

A geração da utopia e Memórias do cárcere: a resistência como re-existência; Maria Alzira de Souza Santos; orientador Benjamin Abdala Junior. – São Paulo, 2010.

Tese (Doutorado – Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Palavras – chave: Opressão. Intelectual engajado. Resistência. Unidade. Desalienação. Pepetela. Graciliano Ramos.

SANTOS, Maria Alzira de Souza

A geração da utopia e Memórias do cárcere: a resistência como re-existência

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

**Para meu pai, meu grande amigo e companheiro, que partiu
sem ver este trabalho concluído.
Saudade sem fim**

Agradecimentos

A Deus, primeiro e acima de todas as coisas.

Ao Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, por mais uma vez ter dado um voto de confiança a uma pesquisadora com tantas dificuldades, mas com muita força de vontade para superá-las.

Aos membros da Banca de Exame de Qualificação, Prof.^a Dr.^a Vima Lia Martin e Prof. Dr. Hélder Garmes pelas valiosas sugestões críticas que contribuíram para o amadurecimento deste trabalho.

A professora Tânia Macedo, verdadeira “iluminadora de caminhos”, muito obrigada mesmo.

A professora Dr.^a Rejane Vecchia, pelo feliz reencontro e pelo livro que me deu - presente inestimável!

A professora Rita Chaves, pela amizade carinhosa e pela terna solicitude de sempre.

A minha família, principalmente minha mãe, pela doce cumplicidade de cada dia.

A meu esposo Antonio Augusto, pela compreensão sem limites.

Ao David, pela solicitude e presteza inigualáveis.

Aos Professores do Colégio FAAP, companheiros e amigos de verdade. Principalmente Sônia Regina, Sarita, Mariangela, Sandra e Graziela pela contribuição acadêmica, mas, muito mais pela ternura das palavras e gestos de amparo.

A Professora Marinez, pelos reconfortantes diálogos a cada manhã.

A Débora, pelo apoio, pelos livros, pelas dicas, pelas observações, pelo ânimo nas horas mais difíceis, por tudo.

A Iraci, Susana e tantos outros que, de muitas formas me incentivaram e me ajudaram a prosseguir.

Desejo que todos sejam muito felizes, sempre.

Desejo, tanto quanto espero.

Criar

Criar criar

criar no espírito no músculo criar no nervo

criar no homem criar na massa

criar

criar com os olhos secos

(...)

Criar criar

estrelas sobre o camartelo guerreiro

paz sobre o choro das crianças

paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato

paz sobre o ódio

criar

criar paz com os olhos secos

Criar criar

criar liberdade nas estradas escravas

algemas de amor nos caminhos paganizados do amor

sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas simuladas

criar

criar amor com os olhos secos

Agostinho Neto

SANTOS, Maria Alzira de Souza *A geração da utopia e Memórias do cárcere: a resistência como re-existência*;/ 2010. 241 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Resumo

Em *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela, e em *Memórias do cárcere*, do escritor brasileiro Graciliano Ramos, ambos os autores denunciam formas de opressão e alienação usadas pelos governos: o colonialismo português em Angola, e o ditatorial, de Getúlio Vargas, no Brasil. Embora o texto de Pepetela trate de um romance, e o de Graciliano Ramos, de um livro de memórias, esses textos se aproximam pela ideia de um balanço histórico crítico. Posicionados ao lado dos oprimidos, invertem o discurso oficial e expressam a voz dos vencidos. Juntam as partes do que fora fragmentado e refazem a unidade - da nação, em *A geração da utopia*, e dos homens, em *Memórias do cárcere*. Como intelectuais engajados, elaboram uma literatura de resistência - capaz de levar à re-existência e à desalienação - e que aponta, utopicamente, para a possibilidade de alcançar um futuro melhor, por meio de um agir contínuo no presente, pleno de esperanças.

Palavras – chave: Opressão Intelectual engajado. Resistência. Unidade. Desalienação. Pepetela. Graciliano Ramos.

Abstract

Both **A Geração da Utopia**, by the Angolan writer Pepetela, as well as **Memórias do Cárcere**, by the Brazilian writer Graciliano Ramos, are built as a denunciation of oppression and alienation, imposed by the overmastering governments: the Portuguese colonianism in Angola, and the dictatorial, by Getúlio Vargas, in Brazil. Although Pepetela's text is a novel and Graciliano's a memory one, both texts are similar by the idea of setting aside their view throughout a critic historical study. Standing by the oppressed, official speech is inverted while the voice of the conquered ones is expressed. Parts of what was fragmented are joined in order to remake men's unit, in **Memórias do Cárcere** and nation's, in **A Geração da Utopia**. As engaged intellectuals, a literature of resistance, which is able to conduct to a reexistence as well as desalienation, is created and it shows, throughout an utopian perspective, a possibility of achieving a better future, through an acting way in the present time, full of hope.

Keywords: Oppressiveness; Engaged intellectual;

Resistance; Unity;. Desalienation; Pepetela; Graciliano Ramos

Resumen

En *A geração da utopia*, del escritor angolano Pepetela, y en *Memórias do cárcere*, del escritor brasileño Graciliano Ramos, ambos los autores denuncian formas de opresión y alienación usadas por los gobiernos: el colonialismo portugués en Angola, y el dictatorial de Getúlio Vargas, en Brasil. Aunque el texto de Pepetela trate de una novela y el de Graciliano Ramos, de un libro de memorias, esos textos se acercan por la idea de un balance histórico crítico. Posicionados al lado de los oprimidos, invierten el discurso oficial y expresan la voz de los vencidos. Juntan las partes de lo que fue fragmentado y rehacen la unidad – de la nación en *A geração da utopia* y de los hombres en *Memórias do cárcere*. Como intelectuales comprometidos, elaboran una literatura de resistencia capaz de llevar a la re-existencia y a la desalienación – y que apunta, utópicamente, para la posibilidad de alcanzar un futuro mejor, por medio de una actuación continua en el presente, lleno de esperanzas.

Palabras-clave: Opresión. Intelectual comprometido. Resistencia. Unidad. Desalienación. Pepetela. Graciliano Ramos.

Sumário

1. Introdução	12
2. Dominação e alienação	31
3. A literatura e o escritor engajados	57
4. Os caminhos da desalienação	94
5. Memórias e utopias	184
6. Considerações finais	207
7. Bibliografia	214
De Pepetela	214
De Graciliano Ramos	215
Ficção auxiliar	218
Sobre Pepetela	218
Sobre Graciliano Ramos	222
Teoria e crítica	228

1. Introdução

Eu estou aqui. E só posso identificar-me “eu”-comigo próprio-quando me assumo presente e me identifico ao mesmo tempo plural. Nada poderei criar sem os outros.

Manuel Rui.

“Vamos conhecer Angola?!”

“Vamos conhecer Angola!” – a mesma força que aparece no lema: *“Vamos descobrir Angola!”* do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, criado em 1948, perpetua no tempo e no espaço e chega até nós, brasileiros do século XXI. Mas, ao invés de “descobrir”, o convite é para “conhecer”, porque é o que efetivamente nos falta: conhecer Angola!

A maioria diz apenas “África” e logo remete ao imaginário dos leões, zebras e girafas correndo por grandes selvas, ou a homens, mulheres e principalmente crianças negras e muito magras. Pouco ou nada sabe sobre a imensidão do continente, a pluralidade das etnias, a riqueza das culturas.

Segundo Paulo Araújo, em seu texto “Caos e metamorfose: África século 21”, a população angolana, hoje de aproximadamente 17 milhões de habitantes,

(...) sabe quase tudo sobre o Brasil, desde a escalação dos nossos times de futebol, os atores e atrizes mais famosos, o nome de nossas

praias, até pormenores sobre a vida de escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e, claro, Paulo Coelho.¹

Os brasileiros, de imediato, podem lembrar-se da questão da escravidão e só depois relacionar a não pequena contribuição cultural

(...) apesar de todo o sofrimento imposto pelo degredo, foram grandes responsáveis por obras-primas da cultura mundial como o jazz, a rumba, a capoeira, o candomblé, reinventaram a cozinha dos colonizadores portugueses, ingleses e espanhóis (...)².

Portanto, tanto o conhecimento que os angolanos têm sobre o Brasil, como o que os brasileiros têm sobre Angola, passam pelas marcas dos estereótipos. Por isso, fazemos coro ao desejo dos artistas angolanos:

De forma geral, há um movimento organizado entre os artistas angolanos para que seus trabalhos não sejam reduzidos no imaginário mundial a máscaras decorativas, adornos de marfim ou tecidos com geometria colorida.³

¹ ARAUJO Paulo. Caos e Metamorfose: África século 21 In *Revista da Cultura*, s/p., disponível em: <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc19/index2.asp?page=contos> acesso em 02/03/09.

² *Idem.*

³ *Idem.*

Comparando hoje a literatura brasileira e a angolana

Brasil e Angola - iguais

Se o espaço cultural foi, como afirma Alfredo Margarido, (...) *uma arma anticolonial eficaz*⁴, uma vez que foi o único espaço em que os colonialistas não puderam impedir a criação de um projeto político, hoje podemos falar da eficiência de também buscarmos novas associações no campo do comunitarismo cultural como formas alternativas ao que é imposto pela globalização neoliberal.

Benjamin Abdala Jr. se refere a laços comunitários supranacionais e aponta o comunitarismo como uma maneira de favorecer uma agregação supranacional⁵. Partindo do Brasil, teríamos duas possibilidades de articulações político-culturais: as que apontam para a América Latina e as que têm em seus horizontes os países da língua portuguesa.

*(...) Num mundo de fronteiras múltiplas, torna-se politicamente indispensável ao pensamento crítico considerar o sentido estratégico dessas associações comunitárias supranacionais, com base no comunitarismo cultural*⁶

Para Benjamin Abdala Jr., nesse atual mundo de fronteiras múltiplas, podemos redescobrir uma identidade coletiva com uma nova

⁴ MARGARIDO, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. A regra do jogo. 1980, p. 18-19.

⁵ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plúrais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

⁶ *Idem*, p.31.

visão compartilhada (supranacional), ou seja, essas novas fronteiras não devem ser “(...) *de separação, mas de contato, de compartilhamento.*”⁷

Os “contatos de compartilhamento” do Brasil com os países da América Latina e com os de língua portuguesa, tornam-se possíveis porque nos aproximamos por uma maneira de ser, por formação cultural e situação política periférica. Tais constatações nos permitem identificar uma nítida aproximação entre Brasil e Angola – o que justifica, assim, a realização, hoje, de um estudo comparado entre a literatura brasileira e a angolana como formas de estabelecermos as desejadas associações no campo do comunitarismo supranacional.

Ambos os países foram colônias de Portugal e têm o português como língua oficial. Em relação ao “modo de ser” há muito de Brasil em Angola e muito de Angola no Brasil. Temos um passado comum, mas sobretudo temos “carências comuns.”

Por isso, vale a repetição: “Vamos conhecer Angola!”. Vamos conhecer a literatura de Angola, a qual também tem muita relação com a brasileira. Ao prefaciар o livro de Tânia Macedo *Angola e Brasil – Estudos Comparados*, Benjamin Abdala afirma:

A circulação literária sempre foi importante nas relações literárias Brasil-Angola. Se nossos escritores estiveram sempre presentes nas revistas angolanas, a partir do século XIX, os autores angolanos passaram a ter aqui uma presença cultural ativa, como na revista do Grupo Sul, de Santa Catarina, quando nós sonhávamos com um país

⁷ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC, 2002, p.38.

*socialmente livre e os angolanos apontavam para a libertação nacional do jugo português como forma de uma libertação mais ampla, de ordem social.*⁸

Ambas as literaturas são produções do comunitarismo cultural que se traduzem como forma de afirmação de nossas diferenças: no passado, quando do surgimento de cada uma dessas literaturas, em relação ao domínio colonial e, hoje, em face à estandardização da globalização.

Literatura brasileira: ser e não ser

Tânia Macedo, em seu artigo mestre para a *Revista Crioula*, em maio de 2009, afirma: (...) *na lógica colonial a existência de um sistema literário autônomo, do colonizado, significaria tanto uma maneira própria de representação de si e do outro, a negação dos modelos tecnoformais da literatura das metrópoles, mas, principalmente, a negação do domínio colonial*⁹.

Nesse artigo, a autora usa o termo “sistema literário” formulado por Antonio Cândido e explica que se trata de

(...) considerar o processo literário de países de passado colonial não como um processo “natural” ou uma adaptação/aclimatação da cultura dos colonizadores levada a efeito em outras latitudes, mas sim

⁸ MACÊDO, Tânia. *Angola e Brasil- estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002, p.11.

⁹ MACÊDO, Tânia. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In *Revista Crioula*, maio de 2009 disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/09.

examinar os produtos literários a partir do desejo (e da ação) dos escritores de realizar uma literatura que os expressasse.¹⁰

Para produzir, então, uma literatura “que os expressasse”, os escritores brasileiros precisaram enfrentar o dilema do confronto entre os padrões definidos pelo modelo cultural importado e a persistência de matizes associadas a outro referencial – considerado atrasado ou primitivo; tal confronto criou impasses para nossos escritores.

Em seu livro *A formação do romance angolano*, Rita Chaves sintetiza a visão dos críticos Antonio Cândido, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz sobre a nossa literatura, os quais apontam que:

(...) a questão é que nossa literatura de lidar com o desconforto de ser produzida na esfera impiedosa do subdesenvolvimento. Instalados à margem das matrizes, inevitavelmente assaltados pelo desejo de autonomia em choque com a consciência da dependência, os escritores brasileiros, em todo o processo de formação de nosso sistema literário, vêm buscando caminhos adequados à articulação dessas duas forças que, afinal, nos estruturam: a necessidade de comungar os valores universalizados (o que equivale a dizer valores produzidos pela Europa) e a vontade de manter as nuances particularizadoras de nossas raízes culturais.¹¹

¹⁰ MACÊDO, Tânia. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In *Revista Crioula*, maio de 2009 disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/09.

¹¹ CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre Intenções e gestos*. Coleção Via Atlântica, nº 1. São Paulo: 1999, p.51.

Literatura angolana – arma de combate

Em Angola, a literatura contribuiu com o esforço dos angolanos de superar o estatuto de colônia desempenhando importante papel nas lutas de libertação: (...) *os autores angolanos, quase todos envolvidos, inclusive profissional e fisicamente, na campanhas libertadoras.*¹²

Trata-se de uma literatura que, desde seu surgimento, esteve atrelada a um projeto político: (...) *as literaturas africanas identificam-se, desde o seu começo com a reivindicação sócio-político que, silenciosamente, germinava os anseios de independência que não era possível adiar por mais tempo* (TRIGO, s/d,p.62).

Dos “anseios de independência” à luta armada e conquista, enfim, da independência, tudo foi devidamente registrado e expresso pelas literaturas africanas desde seu começo, o qual nos remete para as primeiras produções de textos dos jovens da CEI (Casa dos Estudantes do Império). Textos que trazem em si os sinais da resistência, definida por Alfredo Margarido como uma resistência (...) *à dureza da aculturação imposta pelo meio português*¹³, pois

(...) *Ao mesmo tempo em que suscitava uma reconsideração constante dos valores nacionais (...) a CEI servia para isso, entre o mais:*

¹²CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre Intenções e gestos.* Coleção Via Atlântica, nº 1. São Paulo: 1999, p.55.

¹³MARGARIDO, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa.* A regra do jogo, 1980, p. 18-19.

*fornecer os meios da reflexão política que deviam transformar os jovens intelectuais africanos, em membros activos e conscientes, desalienados, da contestação do poder colonial.*¹⁴

Quando os jovens intelectuais se transformam em cidadãos (de sua terra, de seu país) conscientes, que resistem à alienação do dominador, o projeto político de libertação e reconstrução da Nação, é gestado. Ainda segundo Alfredo Margarido:

*Os colonialistas tinham entretanto compreendido que o espaço cultural podia ser uma arma anticolonial eficaz. Tendo eliminado todos os outros campos onde seria possível a elaboração de um projeto político – associações, sindicatos, jornais, partidos – os colonialistas foram obrigados a constatar que não podiam controlar a totalidade do campo cultural. Razão pela qual os jovens dirigentes políticos começaram quase todos por ser escritores: antes de passar à prática foram obrigados a escrever a teoria da prática possível. Escrever(...) era já combater (...) a autonomia cultural traduzia um projeto político.*¹⁵

Assim, a literatura surge como arma de combate e, ao mesmo tempo em que registra as marcas da identidade e denuncia a violência do colonialismo, também ressalta a importância e necessidade de recuperar a própria dignidade

¹⁴MARGARIDO, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. A regra do jogo, 1980, p. 18-19.

¹⁵ *Idem*, p.21.

(...) De fato, a literatura há de ser essencialmente marcada pela ruptura radical com o mundo colonial, passando neste caso da autolegitimação à denúncia da brutalidade do processo colonial (...) teóricos, poetas e políticos sabem que só a acção violenta, a acção armada poderá permitir a recuperação da dignidade humana.¹⁶

Ao negar o domínio colonial e recuperar a própria dignidade humana, a literatura produzida nesses países possibilitou a construção de um caminho que partiu da tomada de consciência à ação propriamente dita.

Para Tânia Macedo trata-se de uma literatura que se erigiu dos escombros do mundo colonial cindido, a partir do “nacionalismo africano”:

Não se pode deixar à margem que o chamado “nacionalismo africano” consistiu em uma resposta às diversas demandas impostas pelo colonialismo: a subjugação política, a brutal exploração econômica, o desprezo das culturas autóctones africanas, o menosprezo às formas próprias de crenças e valores tradicionais, entre outros desastres. É em resposta, pois, a esse quadro, que o nacionalismo buscará elaborar respostas aos obstáculos colocados pelo colonialismo e erigir dos escombros desse mundo colonial cindido, os edifícios das novas nações africanas e suas literaturas.¹⁷

Estamos, então, tratando de um nacionalismo que surge como resposta aos obstáculos impostos pelo colonialismo, um projeto político

¹⁶ MARGARIDO, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. A regra do jogo, 1980 p.133.

¹⁷ MACÊDO, Tânia. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In *Revista Crioula*, maio de 2009 disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/09.

originado na desalienação e conscientização dos jovens intelectuais africanos – e registrado também pela literatura.

Nacionalismo este no qual a nação não se define apenas em termos objetivos, como território, língua ou unidade econômica. Vale lembrar que, em África, muitos países tinham suas fronteiras estabelecidas pelas potências européias. Portugal insistia mesmo em chamar suas colônias africanas de “províncias ultramarinas”.

O nacionalismo que os Movimentos de Libertação¹⁸ defendiam, definiam a nação também a partir dos valores subjetivos: “comunidades imaginadas”, para usar o termo de Benedict Anderson; “criações culturais” – termos de Eric Hobsbawn e ainda “produto jamais acabado de um processo constantemente em curso”, termo de Otto Bauer. (LÖWY, 1938).

A luta armada era para defender uma nação já construída politicamente no imaginário dos jovens intelectuais da CEI, criada culturalmente quando do resgate dos valores da cultura de cada país, e, sem perder de vista o fato de tratar-se de um processo não concluído: não bastava fazer a independência, o colonialismo havia deixado marcas, era preciso “refazer as nações” levando-se em conta tudo o que aconteceu no passado, assim como as contínuas transformações a que estavam sujeitas e que ainda hoje prosseguem. O ritmo e a intensidade desse processo são detectados pelas literaturas produzidas nesses países. Não atentar para essas contínuas e constantes transformações, ao penetrar no estudo dessas

¹⁸ Em Angola, o movimento de libertação foi liderado, sobretudo, pelo **MPLA** (Movimento para Libertação de Angola). Para registrar, em Moçambique, o movimento de resistência foi liderado pela **FRELIMO** (Frente de Libertação de Moçambique) e, em Guiné-Bissau, pelo **PAIGC** (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde).

literaturas, seria um erro. Afinal, segundo Otto Bauer (...). Situado *no meio do fluxo universal* ele [o caráter nacional] não é mais um ser persistente, mas um *de vir e um desaparecer contínuos*.¹⁹

Brasil e Angola, iguais, mas diferentes

Embora seja possível detectar proximidades e semelhanças entre Brasil e Angola, não podemos, por outro lado, nos esquecermos de que somos, na verdade, estrangeiros, ou seja, precisamos ver e respeitar Angola a partir de sua própria identidade, daquilo que a singulariza, da(s) sua(s) diferença(s), portanto.

Rita Chaves, em seu artigo mestre para a edição sete da *Revista Crioula*, chama a atenção dos estudiosos da literatura angolana:

Acabo, nesse momento, de tocar num outro aspecto que me parece essencial: a nossa condição de estrangeiro, ou melhor, a importância de não perdermos de vista, ao lidarmos com esses textos, que estamos diante de uma literatura que não é nossa. E, nesse ponto, contrariando algumas correntes, ousar arriscar que a língua portuguesa é um complicador. Porque ela nos dá a ilusão de que estamos perante uma situação familiar. Muitas convergências existem, muitos laços nos unem e creio que, como todos que têm a África como tema, eu

¹⁹ LÖWY, Michael. *Nacionalismos e Internacionalismos: da época de Marx até nossos dias*. Trad. de Carmen Cacciaccaro e Valeria Coelho da Paz. São Paulo: Xamã, 2000, p.61.

*desejo vê-los apertados; no entanto, acho que a viabilidade desse desejo depende também da consciência serena das nossas diferenças.*²⁰

Ancorada em sua experiência pessoal vivida em países de África, como Moçambique, Angola e África do Sul, a autora ressalta a necessidade de atentarmos para a pluralidade da realidade cultural do continente africano, “abafada” pelo colonialismo e reclamada pelas lutas de independência. À necessidade de **unidade** está atrelada a **diversidade** – um “patrimônio singular”, segundo a autora, que também aponta o predomínio dos valores comunitários como base para o equilíbrio harmônico como elemento central no código de várias sociedades africanas. O individual só se constitui inserido no todo, que por sua vez se forma (a unidade) a partir da integração, portanto, daquilo que é múltiplo (a diversidade).

Portanto, o ideal é que busquemos os “contatos de compartilhamento” que nos unem, sem, contudo, deixarmos de atentar para as diferenças, respeitando o que singulariza cada país, cada literatura.

²⁰ CHAVES, Rita. A pesquisa em torno das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: pontos para um balanço In *Revista Crioula* n° 7, maio de 2010, disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/10.

Literatura: preencher vazios e humanizar

Retomando os aspectos levantados, podemos afirmar sobre as literaturas brasileiras e angolanas que: no Brasil, a literatura cumpriu o papel de construir, literariamente, o sentimento nacional necessário para legitimar a nossa independência:

(...) Explica-se, assim, a dimensão da literatura como atividade empenhada, ou seja, integrada num esforço maior para atribuir ao país uma fisionomia harmonizada e humanizadora que ele, lamentavelmente, jamais possuiu.²¹

E, em Angola, o papel da literatura foi o de

(...) transmitir a sabedoria e humanizar o reino das relações que os outros elementos completavam. Trazida com os tiros, a escrita corresponde a uma espécie de ruptura que será convertida em nova forma de sentir e dizer. Transformando-se em maneira de presentificar experiências e organizar o real, a palavra vai sendo trabalhada no sentido de preencher o vazio entre o homem e o mundo, agora redimensionado nessa nova etapa do chamado processo civilizatório. Violenta e irreversível, a quebra se deu; mais tarde

²¹ CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre Intenções e gestos*. Coleção Via Atlântica, nº 1. São Paulo:1999, p.53.

*caberia à literatura ali produzida a tarefa de rejuntar pedaços para a composição de uma outra ordem.*²²

Nos dois países, coube à literatura a tarefa de preencher vazios: no Brasil, a falta de um “rosto” nacional e em Angola, a falta de unidade para a nação estilhaçada, em todos os sentidos, pelo colonialismo e pela guerra.

Um olhar para o Modernismo brasileiro

Sob a perspectiva de negar os “modelos tecnoformais da literatura das metrópoles” como forma de negar, assim, o próprio domínio colonial, a literatura angolana, embora tenha mantido algum diálogo entre os autores angolanos dos anos 1950 com a literatura neorrealista portuguesa, volta-se mesmo para os autores brasileiros. Segundo Rita Chaves *As identidades históricas e a utilização da mesma língua foram determinantes nessa escolha que definiu a literatura brasileira como a grande interlocutora.*²³

Além disso, o Modernismo brasileiro, que se iniciou com a semana de 1922, ao apresentar e defender inovações estéticas, a valorização de elementos nacionais e ainda os registros populares (...) *a integração da voz do povo iletrado na letra dos textos produzidos (...)*²⁴, forneceu aos autores angolanos propostas estéticas tanto com relação a aspectos formais quanto aos temas que passaram a ser trabalhados por eles.

²² CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre Intenções e gestos*. Coleção Via Atlântica, nº 1. São Paulo: 1999, p.20.

²³ *Idem*, p.48.

²⁴ MACÊDO, Tânia. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. in *Revista Crioula*, maio de 2009 disponível em <http://www.flch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/09.

Em Angola, o projeto estético passou também a político, acrescido ainda de outro elemento, que não podemos deixar de citar ainda nesta introdução: a utopia. Nas palavras de Tânia Macedo:

*(...) se a leitura do Modernismo brasileiro realizada em Angola foi estética, sem dúvida ela rapidamente se transformaria em política (...). Assim, com uma “consciência crítica do subdesenvolvimento” para utilizar a excelente expressão de Antonio Cândido, os autores angolanos consolidaram o seu sistema literário e, pouco tempo depois, lutariam na guerra de libertação contra o colonialismo. A luta seria árdua e a utopia extremamente necessária a fim de manter acesa a chama da “sagrada esperança”, até a chegada da independência a 11 de novembro de 1975.*²⁵

O termo utopia tem sido usado no estudo da literatura angolana a partir das formulações de Ernst Bloch em sua obra, traduzida em português, como **O Princípio Esperança**.²⁶

Para Bloch, a esperança concreta irrompe subjetivamente, com força, contra o medo, junto com a insatisfação manifesta que dela faz parte (...) *porque ambas brotam do não à carência*.²⁷ A luta pela libertação é também luta contra toda forma de opressão imposta, por isso, ao mesmo tempo em que disseram “não” a essas carências, os angolanos precisaram se nutrir de esperanças. Esperanças essas traduzidas pelo desejo de reconstruir a nação

²⁵ MACÊDO, Tânia. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In *Revista Crioula*, maio de 2009, disponível em : <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/10

²⁶ BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris: Gallimard, 1976, 1982, 1991, 3t.

²⁷ *Idem*, p.16.

com uma sociedade mais justa e igualitária, o que quer dizer também mais humana.

Bloch trata da utopia como um desejo associado à práxis: um motivo posto no horizonte que move o presente. Assim é que, desejar uma nova Angola era, já no presente, mover-se, ou seja, lutar por esse desejo – que embora projetado para o futuro presentificava-se através das ações dos sujeitos envolvidos.

O desejo de libertação construiu o caminho da luta até a independência: *O que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários*.²⁸; caminho este também trilhado pela literatura ao cumprir, conforme afirmamos anteriormente, sua tarefa de fazer também a nação, escrevendo-a e dando unidade ao que até então ainda estava dividido.

Os autores se empenharam na construção de um discurso (...) *autônomo, capaz de unificar as vozes dispersas pelos quatro cantos do colonialismo*²⁹ o qual expressava a utopia libertária do projeto político.

A energia subjetiva necessária para atingir a transformação social foi “captada” pelos escritores que a desenvolveram na criação das imagens utópicas de seus textos.

²⁸ BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris: Gallimard, 1976, 1982, 1991, 3t p.18.

²⁹ CHAVES, Rita *A formação do romance angolano. Entre intenções e gestos*. Via Atlântica, nº1. São Paulo: 199, p.32.

Outros laços

Assim, quando os escritores angolanos voltam seu olhar para o Modernismo brasileiro estreitam-se os laços. Aos históricos, somaram – se os literários, que ora pretendemos tornar mais apertados ao realizar este estudo comparado entre o livro do escritor angolano Pepetela, *A geração da utopia*³⁰ e o livro do escritor brasileiro Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*.³¹

A geração da utopia é um romance no qual o autor faz um balanço crítico de um período da história de Angola. Nesse romance, Pepetela ficcionaliza a trajetória de sua geração, que se associa à história de Angola sob o domínio colonial. O autor conta a história de um grupo de amigos que, depois de questionarem ainda na CEI (Casa dos estudantes do império), a problemática social de Angola, são levados à práxis da luta pela independência de sua terra. No entanto, o projeto inicial utópico, de construir uma nação livre, com uma sociedade mais justa e igualitária, não se concretizou. Cindida pelo colonialismo, a nação angolana “mutilou-se” ainda mais com as guerras de libertação.

Memórias do cárcere, do escritor brasileiro Graciliano Ramos, também é um balanço histórico do período da ditadura Vargas no Brasil. A obra foi publicada postumamente, no mesmo ano em que o autor faleceu, sem que houvesse escrito o capítulo final. Por meio da evocação das

³⁰ PEPETELA, *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

³¹ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Record, 1992.

Doravante usaremos as iniciais **GU** para o livro de Pepetela e **MC** para o volume 1 e **MC 2** para volume 2 do livro de Graciliano Ramos.

memórias, o autor conta a sua experiência, no cárcere, compartilhada com outros homens os quais são apreendidos, sobretudo na condição humana degradada em que se encontram.

Embora o texto de Graciliano trate de um livro de memórias, e o de Pepetela de um romance, além do balanço histórico crítico, aproxima-os também o fato de que ambos se constituem como denúncias da opressão e alienação impostas pelos governos dominantes.

Portanto, a partir do estudo do engajamento da literatura nos problemas sociais e políticos de uma nação, assim como do estudo da atuação dos escritores no quadro social no qual se inserem, nosso objetivo é mostrar como, posicionados ao lado dos oprimidos, os autores invertem o discurso oficial e expressam a voz dos vencidos. Juntam as partes do que fora fragmentado e refazem a unidade – da nação, em *A geração da utopia*, e dos homens, em *Memórias do cárcere*.

Como intelectuais engajados, elaboram uma literatura de resistência, capaz de levar à re-existência e à desalienação, e que aponta, utopicamente, para a possibilidade de alcançar um futuro melhor, por meio de um agir contínuo no presente, pleno de esperanças.

Dos capítulos

Para embasar nossa reflexão sobre o conceito de alienação (entendido sobretudo como opressão), buscamos, no capítulo 2, as discussões feitas por Eric Fromm e por Istvan Mészáros desse conceito formulado por Marx.

No capítulo 3 tratamos da questão do intelectual engajado e da “missão desalienadora” da literatura. Nossas discussões fundamentam-se em colocações de Marilena Chauí; Edward Said; Alfredo Bosi e, sobretudo, de Benjamin Abdala Junior.

No capítulo 4, intentamos averiguar, através de uma análise da construção dos textos de *Memórias do cárcere* e *A geração da utopia*, como estes se constituem, então, como “escrita resistente e desalienadora”, na medida em que são escritas de intelectuais engajados e se opõem à alienação/opressão dos dominantes.

No capítulo 5, ampliando algumas questões já levantadas, tratamos de como se mesclam memórias e utopias na construção de *Memórias do cárcere* e de *A geração da utopia*, tomando por base uma discussão de Fredric Jameson.

E concluímos, atentando para a força das reflexões críticas que a literatura suscita e pode, assim, preencher a nossa falta de convicções e de utopias - desalienar-nos, enfim.

2. Dominação e alienação – a arte de silenciar

Provisoriamente não cantaremos o amor

Cantaremos o medo que esteriliza os braços

(Carlos Drummond de Andrade)

Segundo Bourdieu, os setores populares são alijados dos instrumentos (políticos) que lhes permitem participar diretamente: *a política é uma atividade monopolizada pelas classes privilegiadas*.³² Esse alijamento dos setores populares torna-se mais evidente em formas de governo ditatoriais – onde ocorre uma concentração de todos os poderes e as liberdades individuais são suprimidas. Para manter o poder, os ditadores utilizam diversos mecanismos repressivos e alienadores, os quais buscam apagar a memória dos vencidos e construir o pensamento autoritário.

Nosso trabalho toma por base o conceito desses “mecanismos alienadores” discutido por Eric Fromm em *O Conceito Marxista do Homem*³³ e por István Mészáros em *A teoria da alienação em Marx*.³⁴ São as discussões desses teóricos que interessam mais aos nossos propósitos.

Para Fromm, a filosofia de Marx representa um protesto contra a alienação do homem, contra sua transformação em objeto; é um movimento ao oposto à sua desumanização e automatização.

³² Cf. CATTANI, Afrânio Mendes. Compreendendo os fundamentos ocultos da dominação. In *Revista Educação* Ano 1 –Especial Bourdieu pensa a educação. São Paulo: Ed. Segmento, s/d.

³³ MARX, Karl. “Apêndice”, Apud .FROMM, Eric. *Conceito Marxista do homem*. São Paulo: Editora Zahar S.A. 3 ed., 1983.

³⁴ MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

A essência dessa filosofia é a preocupação com o homem, com a realização de suas potencialidades. Para o autor, a filosofia de Marx é um *protesto impregnado de fé no homem, em sua capacidade para libertar-se*³⁵

Na medida em que há uma pressão das necessidades econômicas as quais impedem o homem de ser totalmente humano, Fromm aponta então como Marx está interessado na emancipação do homem como indivíduo *na superação da alienação, na restauração da capacidade para relacionar-se com seus semelhantes e com a natureza*.³⁶

Fromm observa que o estudo de Marx está concentrado no homem e na História, partindo do real e das condições econômicas e sociais em que ele tem de viver; e também que não é a consciência do homem que determina seu ser social, mas ao contrário, seu ser social é que determina a consciência dele. “Uma cegueira do pensamento consciente do homem” é que o impede de tomar conhecimento de suas verdadeiras necessidades humanas e: *(...) a força política não pode produzir nada para que não tenha havido preparação no processo político e social*.³⁷

O homem precisa reconhecer-se a si e à sua própria vida “por trás” das formas fixas das coisas e das leis – é quando adquire autoconsciência, se converte em essência e parte para a ação. É então caracterizado pelo Princípio de Movimento - *(...) na medida em que não é produtivo, é receptivo e passivo, ele nada é, está morto*.³⁸

³⁵ MARX, Karl.”Apêndice”, Apud.FROMM,Eric. *Conceito Marxista do homem*. São Paulo: Editora Zahar S.A. 3 ed., 1983 p.8.

³⁶ *Idem*, p.16.

³⁷ *Idem*, p.32.

³⁸ *Idem*, p.38.

Estar “passivo/ morto” é o mesmo que estar “alheio” ou “alienado”. E, quando assim está, o homem não consegue “se vivenciar” como agente ativo de seu controle sobre o mundo.

Por fim, Fromm aponta como, partindo do conceito bíblico de idolatria (**Salmo 115**), no qual o homem é repreendido por submeter-se a coisas que ele mesmo criou – em vez de experimentar-se a si próprio em seu ato criador, Marx baseia o conceito de alienação na distinção entre existência e essência, no fato de a existência do homem ficar alheia de sua essência. O homem então, em sua dependência do capital (sua própria criação), torna-se um ser coisificado.

Mais recentemente, ao retomar esses conceitos, István Mészáros observa como Marx tratou da questão da vendabilidade – transformação de todas as coisas em objetos alienáveis, vendíveis. A alienação se caracterizaria, então, pela extensão dessa vendabilidade a qual também converte os seres humanos em “coisas” para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras trata-se aqui da reificação das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em indivíduos isolados. Segundo Mészáros, as investigações de Marx são relacionadas à natureza do Estado moderno “autocentrado” no qual a individualidade isolada é condição natural.

A base da alienação é o trabalho; o homem precisa produzir para atender suas necessidades primitivas, mas precisa ter outras necessidades alcançadas, ou seja, precisa “motivar-se” para trabalhar. O problema do capitalismo é que, devido a esse isolamento do indivíduo, não ocorre, na

atividade produtiva do homem, a mediação entre ele e a natureza- a consciência fica alienada e então dá-se a reificação: o homem permanece apenas na sua natureza animal – trabalhando só para sua subsistência, sua sobrevivência.

A alienação tem um aspecto econômico e político, uma vez que o poder governante da sociedade moderna não é político, mas econômico: o poder de compras do capital, mas, se o homem não se identifica com a sua produção, trabalhará “alienado” dela. Por outro lado, o princípio governante é econômico, porém está associado a uma estrutura política no qual ele opera. Por isso, a tarefa da “emancipação humana universal” deve ser formulada em uma forma política de emancipação dos trabalhadores a qual resultaria em uma atitude crítica em relação ao Estado, ou seja, de uma transformação radical até sua abolição.

Em relação aos aspectos ontológicos e morais, para Mészáros, o tema central da teoria de Marx sobre a alienação é como realizar a liberdade humana, uma vez que (...) *o homem pode fazer com que ele mesmo se torne o que é em qualquer momento dado*³⁹. A superação da alienação tem de ser vislumbrada em termos da realidade social efetiva, isto é, como transcendência da alienação na prática social.

Enfim, o homem é um ser natural, tem necessidades naturais, vive em sociedade e, como ser social produtivo, transforma o mundo à sua volta deixando nele sua marca. A alienação surge como um “divórcio” entre o individual e o social, entre o natural e o autoconsciente. Para promover a

³⁹ MÉSZÁROS, Istvan. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006, p.151.

desalienação seria necessário que estes aspectos estivessem juntos, formando uma unidade complexa. Pois, assim como a alienação não é um ato único, sua superação, por meio da iniciativa autoconsciente, só poderia ser concebida como um processo complexo de interação o qual produziria mudanças estruturais em todas as partes da totalidade humana.

Insistindo, portanto, que a teoria de Marx visa à realização do indivíduo social o qual se relaciona com o indivíduo real humano, com todos seus problemas, necessidades e aspirações específicas, então a relação entre indivíduo e humanidade precisa ser pautada pela automediação. O indivíduo social “mediar-se a si mesmo”, ao invés de ser mediado por instituições reificadas.

Portanto, a alienação está associada a aspectos tanto econômicos quanto políticos: as pressões econômicas tornam o homem um ser “coisificado”, e as políticas cegam seu pensamento consciente e assim se realiza um movimento que leva à desumanização.

O indivíduo, então, passivo e alheio, permanece alienado e é o que convém aos poderes ditatoriais para ser por eles manipulado. Manipulação esta que inicia por um processo de “silenciamento” de vozes que ousem erguer-se num questionamento crítico.

Esse processo, então, de “silenciamento de vozes questionadoras” é o que encontramos no Brasil, durante a era Vargas, e em Angola, quando sob o domínio do Colonialismo português.

Considerações históricas

Brasil – Getúlio no poder

Conduzido ao poder com o movimento que ficou conhecido como Revolução de 30, no período de 1930 a 1945 o Brasil viveu sob o governo de Getúlio Vargas. A princípio tratava-se de um governo provisório, que durou até 1934 – ano em que foi proclamada a constituição e legalizada a permanência de Getúlio no poder.

A propaganda fascista italiana, a ascensão de Hitler na Alemanha e as graves dificuldades por que passava o governo republicano espanhol deram êxito à organização de um partido brasileiro de orientação fascizante: a Ação Integralista Brasileira (AIB), a qual teve como chefe Plínio Salgado.

A AIB apresentava um programa complexo e um tanto confuso, que atacava a democracia liberal, o sistema de voto, o imperialismo norte-americano e inglês e, sobretudo, o comunismo. Seu ideário procurava adaptar uma resposta ao “desafio da realidade brasileira”, salientando a falta de espírito público, de formação ideológica dos políticos profissionais e pregava uma forma totalitária de governo que conseguisse “unificar a nação” a partir de um Estado forte.

Getúlio, que procurava motivos para afastar a Constituição e permanecer no poder, olhava com simpatia a AIB. No plano nacional impediu as agitações promovidas pelos integralistas e no plano

internacional procurava melhorar a situação do país. A ameaça integralista e o avanço constante do fascismo na Europa levaram os homens de esquerda a se agruparem em uma frente única, denominada Aliança Nacional Libertadora (ANL). Dela participava o Partido Comunista do Brasil (PCB), sob a chefia de Luís Carlos Prestes, ao lado de políticos radicais de grande prestígio popular como Maurício Lacerda, de socialistas, como Abguar Bastos e João Mangabeira, e de tenentes como Agildo Barata e Herculino Cascardo.

Em fevereiro de 1935 foi redigido o manifesto- programa da ANL e no dia 12 de março, realizou-se a cerimônia de lançamento público da Aliança. A orientação de luta da ANL tinha três alvos centrais: o imperialismo, o fascismo e o latifúndio (suspender o pagamento das dívidas imperialistas do país; entregar as terras dos grandes proprietários aos camponeses e trabalhadores rurais que as cultivavam e, finalmente, a constituição de um governo popular, orientado somente pelos interesses do povo brasileiro).

Durante a última manifestação pública da ANL foi lido um extenso documento, analisando a situação brasileira e salientando as perspectivas revolucionárias imediatas do Movimento. Conhecido como “Manifesto de Luís Carlos Prestes”, esse documento acabou sendo o pretexto para o governo decretar a ilegalidade da Aliança e forçar sua dissolução. Na realidade, Prestes, na liderança do PCB, seguia a orientação da Internacional Comunista e acreditava numa firme possibilidade insurrecional revolucionária. Com a radicalização do movimento e com o

afastamento dos moderados, os remanescentes da ANL cerraram fileiras em torno do Partido Comunista para prepararem a revolução. Prestes, que já havia entrado clandestinamente no país, acompanhado de sua esposa alemã, Olga Benário, e de alguns assessores estrangeiros ligados à Internacional Comunista, como o argentino Rodolfo Ghioldi, superestimou o prestígio da ANL no exército e o prestígio de seu nome. Julgando que um levante militar seria acompanhado de uma greve geral dos trabalhadores e, conseqüentemente, da tomada do poder, passou a conspirar ensaiando a revolução. Esta foi deflagrada em novembro de 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, mas acabou tendo uma vida efêmera: em três dias, as forças fiéis ao governo debelaram completamente todos os pontos do levante.

Getúlio, com a habilidade que o caracterizava, compreendeu que chegara o momento de agir, de articular o golpe que o perpetuaria no poder. Contando com um Parlamento dócil, que logo perderia suas poucas figuras combativas, pediu e obteve, quase sem oposição, 30 dias de “estado de sítio”. Esse dispositivo seria renovado repetidamente nos dois anos seguintes, sempre sob a alegação de uma inexistente ameaça comunista. Começava um verdadeiro e terrível terror de Estado, mergulhando o país num clima extremamente repressivo que procurava sufocar todos os setores populares e oposicionistas, inclusive aqueles que não tiveram nenhum envolvimento no levante da ANL.

Quanto aos comunistas, foram barbaramente torturados. A mulher de Prestes, que estava grávida, foi entregue à Gestapo nazista(ele era

judia), sendo morta num campo de concentração na Alemanha. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se uma completa e massiva campanha propagandística baseada em mentiras e distorções. Esse terror de estado propiciou a criação de mecanismos institucionais capazes de destruir todas as garantias individuais, legitimando a violência governamental, calando todas as vozes descontentes e encarcerando milhares de pessoas. Entre dezembro de 1935 e outubro de 1937, Vargas lançou, num campo fertilizado pelo intenso arbítrio, as sementes da sua ditadura. (cf. *Historia Popular*, p. 34 -38)

O escritor Graciliano Ramos foi preso em três de março de 1936, em sua casa, em Alagoas onde era funcionário na Instituição Pública. Clara Ramos, filha do autor, afirma:

Graciliano nada tivera com a rebelião de Natal e o levante do 3º Regimento. Também não é comunista. Nunca fora. Limitara-se a acompanhar com interesse pelos jornais a Revolução Russa. E, no começo dos anos 30, a dizer “cobras e lagartos do fascismo” no Bar Central. Os que convivem com ele são unânimes em proclamar seu total alheamento da militância esquerdista.

A repressão que se abate sobre o país irá, no entanto, eleger o escritor como exemplo. Há evidente intencionalidade na agressão que lhe preparam.⁴⁰

⁴⁰ RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: Confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p.94.

Graciliano foi preso sem motivo, sem acusação, sem processo. Apenas porque era alguém que podia “enxergar um pouco mais”, ou seja, alguém que podia, pela sua capacidade de compreensão, não aceitar simplesmente uma dominação imposta. Era um homem estudado, que sabia escrever:

Em Graciliano Ramos, na verdade – e isso precisa ficar bem nítido – o que se pretendeu ferir, amesquinhar, ultrajar e infamar foi a cultura, em nosso país, foi a possibilidade de alguém enxergar um pouco mais porque estuda e compreende. As palavras do médico do presídio, ante a sua declamação de que escreveria o que ali assistira, denunciavam aquele propósito (...). Em Graciliano Ramos se brutalizava tudo aquilo que a cultura pode realizar em favor do homem, de sua visão da existência, de sua ânsia pela liberdade.⁴¹

Por isso o escritor usará justamente a escrita como forma de resistência e de combate. Resiste escrevendo, resiste enquanto escreve. É essa sua forma de combater na luta em defesa da liberdade humana.

⁴¹ MC p.29.

Mecanismos repressivos e alienadores no governo Vargas

Calar o Partido, prender e torturar

A direção do PCB chegou a distribuir manifestos convocando a população para o movimento de tomada de poder, mas a adesão foi muito restrita, os revoltosos foram presos e torturados. De algumas dessas prisões tratam as *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos – um dos objetos de estudo deste trabalho – ou antes, da tentativa de silenciar o escritor que, não obstante, registrou sua resistência através da escrita das memórias.

Nos primeiros capítulos do Volume I, Graciliano registra:

No começo de 1936, funcionário da Instituição Pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço. (...) Nada de requerimentos: queriam visitar-me em casa (...)

(...) O levante do 3º Regimento e a Revolução de Natal haviam desencadeado uma perseguição feroz. Tudo se desarticulava, sombrio pessimismo anuviava as almas. Tínhamos a impressão de viver numa bárbara colônia alemã. Pior: numa colônia italiana. (...) O Congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho – e vivíamos de fato a ditadura sem freio.⁴²

⁴² MC p.38 e p.51.

O discurso público visava o fortalecimento do Estado, o qual se apresentava como síntese da nação e dizia representar os interesses nacionais sem a necessidade de mediação de representantes políticos. A forte concentração de poder silenciava assim os partidos políticos, principalmente os de oposição.

Divulgação de ideias: Trabalhar em silêncio

Argumentava-se que só o Estado forte, centralizado, seria capaz de promover uma organização global da sociedade e assim desenvolver o país.

Para tanto, era necessário avançar o processo de industrialização, não colocar em risco a estrutura de poder existente, resguardar os interesses da burguesia e conter fortemente as classes populares.

O Estado Novo, que também se apresentava como Estado Nacional procurava mostrar que na verdade estava defendendo os interesses gerais da nação; por isso a necessidade de criar um regime de colaboração nacional, com a participação de todos os setores – uma vez que todos faziam parte da nação. Contudo, segundo Rodrigues Bercito:

Ao integrar todos os brasileiros, de operários a patrões, como componentes da nação, mascaravam-se as contradições de classe e os interesses divergentes. Com esse

*objetivo procurava-se incentivar o nacionalismo, o civismo e o patriotismo. A importância do indivíduo estava reconhecida enquanto parte integrante da nação. Em nome dos interesses nacionais se davam todas as realizações. Por trás da idéia de nação, a repressão, as desigualdades sociais, a dominação.*⁴³

Por essa época também o governo “desorganizou” os sindicatos dos trabalhadores através de medidas que reconheciam apenas os sindicatos vinculados ao Estado. Com isso, impedia o surgimento e a operação de sindicatos com posições diferentes da posição oficial e se podia controlar todos os outros a partir da sua vinculação ao Estado. Assim, o objetivo era fazer avançar um projeto de industrialização que favorecia a classe empresarial.

Para conquistar a adesão dos trabalhadores a esse processo de implantação do capitalismo industrial, procurou-se a todo o momento vincular idéias que valorizassem o ato de trabalhar. Discursos oficiais, publicações e eventos de massa se dedicavam a propagar essas idéias. A grande virtude a ser cultivada pelo homem brasileiro era ser trabalhador. O trabalho era apresentado como uma ação de patriotismo, valorizado enquanto um fim social, contribuição do indivíduo para a construção da grande nação brasileira. Enquanto isso, os salários continuavam insuficientes, a participação política silenciada e as desigualdades sociais cada vez maiores.

⁴³ BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Atual, 1990, p.10.

Em *Memórias do Cárcere*, Graciliano afirma:

*Os habitantes da cidade contentavam-se com discursos idiotas, promessas irrealizáveis e artigos safados, animavam-se à toa e depressa desanimavam, seriam capazes de aplaudir demagogos como os que, no princípio do século, defendiam a peste bubônica, a febre amarela e a varíola; as populações da roça distanciavam-se enormemente do litoral e animalizavam-se na obediência ao coronel e a do vigário, as duas autoridades incontrastáveis. Muitos anos seriam precisos para despertar essas massas enganadas, sonolentas...*⁴⁴

O controle da cultura

O regime precisava veicular e fazer propaganda de suas ideias. Para isso criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) - criado em 1939, sob a direção de Lourival Fontes, cabia a esse órgão a tarefa de promover a propaganda do governo e exercer censura sobre o cinema, o teatro, o rádio, a imprensa, a literatura e demais manifestações culturais

(...) Colocando-se assim, os meios de comunicação de massa disponíveis no período a serviço do Poder Executivo (o órgão estava relacionado diretamente à presidência), buscava-se estabelecer mecanismos de persuasão no sentido de garantir a adesão coletiva ao regime. Ampliava-se, com

⁴⁴ MC p.83.

*isso, o controle social, levado além da repressão pura e simples.*⁴⁵

O rádio, que era o meio de comunicação de massa por excelência, foi largamente utilizado para propagar as ideias do regime. Foi criada , nessa época, a **Hora do Brasil**, que ia ao ar em todo o território nacional das sete às oito horas da noite. Também a Rádio Nacional foi encampada pelo governo e passou a proceder á difusão ideológica do regime.

Em *Memórias do Cárcere*, a crítica de Graciliano:

Uma beatice exagerada queimava incenso defumando letras e artes corrompidas, e a crítica policial farejava quadros e poemas, entrava nas escolas, denunciava extremismos. Um professor era chamado à delegacia: “_ Esse negócio de africanismo é conversa. O senhor quer inimizar os pretos com a autoridade constituída ”(...)
*Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios, mortos ou torturados operários e pequeno-burgueses comprometidos, escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronices a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros.*⁴⁶

O DIP promovia eventos públicos destinados a difundir as realizações do governo e também criar um clima de comunhão coletiva:

⁴⁵ BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Atual, 1990, p.14.

⁴⁶ MC p.51.

inaugurações, visitas a indústrias e obras de caridade, grandes eventos de massa comemorativos das datas nacionais (como o Dia do Trabalho em maio e a Semana da Raça e da Pátria em setembro). Nessas festividades discursavam as autoridades e Getúlio, que reservava para essas ocasiões o anúncio de medidas populares, como a do salário mínimo.

As grandes massas urbanas que participavam desses eventos deviam demonstrar adesão coletiva ao regime – o que nem sempre era “espontâneo”, como aponta Rodrigues Bercito:

O grosso das manifestações de fidelidade ao Estado Novo repousava (...) nos estivadores e nos operários das fábricas de tecido de Bangu. Os estivadores (...) estavam sujeitos a um rígido controle policial e ministerial. As carteiras profissionais eram apreendidas até o término da parada e só podiam trabalhar no dia seguinte se tivessem passado pelo visto do comparecimento. Quanto aos operários de Bangu (...) havia livro de ponto e punição para os faltosos. Um verdadeiro comboio de caminhões se encarregava de trazê-los e levá-los depois da parada espontânea.⁴⁷

⁴⁷ BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Atual, 1990 p.52.

Salazarismo e Colonialismo português em Angola

Colonialismo e alienação

Ao contrário das outras colônias que eram o resultado da expansão industrial das potências metropolitanas (tinham nascido de uma base nacional de acumulação maciça do capital e do progresso da técnica, que tinham criado uma nova necessidade de matérias brutas e de novos mercados), as colônias portuguesas do século XIX eram apenas as sobrevivências estagnadas das feitorias comerciais e do comércio de escravos do século XVI subitamente estendidas para o interior sob a ameaça de anexações européias rivais.

João de Melo chama a colonização portuguesa em África de um prolongado e sistemático ato de guerra colonial.

Desde o início, os portugueses alimentaram a idéia de uma superioridade em relação aos africanos: *Para os portugueses, ver os negros comerem no chão ou morarem em casebres de palha logo lhes infundiu um sentimento de superioridade*⁴⁸.

Seres “superiores”, a providência imediata dos colonizadores foi a de calar a voz dos colonizados. Tido como “inferior”, o Outro perdeu o direito de expressar-se como pessoa e teve o seu espaço físico – psico – social – político – cultural invadido; foi uma dominação que durou cinco séculos.

⁴⁸ FERRO, Marc. *História das Colonizações: das Conquistas às Independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: 1996. Cia de Letras, p. 44.

O colonialismo não restringiu sua forma de apropriação/dominação aos elementos infra-estruturais. Para garantir a exploração das sociedades submetidas criou mecanismos de dependência no nível cultural e ideológico que por sua vez levaram à criação de mecanismos de alienação e despersonalização. A violência exercida pelo colonizador sobre o colonizado ultrapassou o campo físico - perpassou também os níveis psicológicos e culturais (julgavam-se seres “civilizados”, detentores de valores estético – ideológicos que deveriam ser aceitos e assimilados pelos colonizados). A partir da teoria de Marx, podemos então afirmar que o colonialismo “alheou” a essência dos colonizados de sua existência tornando-os, assim, em seres “coisificados”.

Destituído de sua terra, o colonizado também o foi de seus valores, de sua voz, de sua própria humanidade enfim. Para responder a toda essa violência, o crítico Fanon⁴⁹ argumenta sobre uma resposta igualmente violenta por parte dos colonizados, uma resposta coletiva e com orientação política capaz de promover uma consciência nacional.

⁴⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

Em Portugal, a ditadura de Salazar

De 1933 a 1974 Portugal viveu o chamado Estado Novo, que foi

(...) a institucionalização da ditadura, de acordo com o modelo corporativista do fascismo. A consolidação do novo regime fez-se em torno do professor de Economia António de Oliveira Salazar, católico de extrema – direita. Sua ação corresponde às expectativas de grupos sócio-econômicos ansiosos por uma “ordem” interna, sem greves ou questionamentos políticos.⁵⁰

Salazar era professor de Finanças da Universidade de Coimbra quando fora chamado ao governo, e realizou feitos importantes como: o orçamento foi equilibrado, o escudo estabilizado e a administração financeira disciplinada.

Em 1933 foi submetido a plebiscito um projeto de Constituição preparado pelo governo e aprovado embora com altíssimo número de abstenções. O novo texto constitucional foi marcado pela reação contra o parlamentarismo:

O chefe de Estado deixava de ser um elemento do poder executivo para ser um poder próprio, que se situava acima dos outros (Assembleia Nacional, Governo e Tribunais. (...). Ao chefe de Estado competia designar o governo e este era da “exclusiva confiança do

⁵⁰ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Historia Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990, p.156.

*presidente da República e a sua conservação no poder não dependia de qualquer votação da Assembléia Nacional.*⁵¹

Não foi autorizado o funcionamento dos partidos políticos. A oposição refugiou-se em formas clandestinas e suas atividades foram perseguidas. Essa “proibição de vida partidária” suprimiu completamente o diálogo político e teve, entre outros efeitos, o de impedir a reabsorção dos quadros formados durante a Primeira República.

*Ora, estes quadros coincidiam, praticamente, com o setor intelectual não conservador; a maioria dos intelectuais permanecem à margem do regime, parte em oposição complacente, parte em contestação aberta que se tornou especialmente intensa depois da segunda guerra mundial(...) A proibição de oposição organizada, o controlo da imprensa e a forte personalidade do Dr. Salazar explicam a longa estabilidade quer dos homens, quer das orientações.*⁵²

Um único partido político foi legalmente reconhecido: a “União Nacional”, do governo. E, de acordo com os moldes do integralismo português, o regime organizou também a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa como forças auxiliares para-militares.

Mas a grande força repressora do salazarismo foi PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), a qual teve suas funções ampliadas após

⁵¹ SARAIVA, José Hermano. *Historia Concisa de Portugal*, 18 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996 p.358.

⁵² *Idem*, p.358 -359.

a Segunda Grande Guerra para: PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado).

(...) Entretanto, os instrumentos do poder ditatorial (máquina do Estado e a PIDE) estavam afinados com Salazar. Além disso, sua bandeira anticomunista de defesa da “civilização cristã ocidental” teve apoio norte-americano. O resultado foi mais uma derrota da democracia, situação que virá a repetir-se outras vezes, por mais de vinte anos. (...) A PIDE transformou-se em poder quase autônomo dentro do regime. Prendeu, torturou e assassinou milhares de portugueses e africanos durante muitos anos. Conseguiu mesmo manter um campo de concentração nas Ilhas de Cabo Verde, de 1936 a 1956.⁵³

Os meios de comunicação também foram fortemente censurados. Uma oposição organizada só ressurgiu com a vitória aliada na segunda guerra. A resistência antifascista organizou-se em torno do Movimento da União Democrática (MUD).

⁵³ SARAIVA, José Hermano. *Historia Concisa de Portugal*, 18 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996 p.156

Mecanismos repressivos e alienadores do Colonialismo português em Angola

Para manter sua dominação em Angola, o colonialismo português utilizou os mecanismos repressivos e alienadores do salazarismo.

Suzana Vaz Húngaro⁵⁴ aponta, entre esses mecanismos que aparecem em *A Geração da Utopia*: a atuação da PIDE; a propaganda de governo e a atuação da Igreja Católica.

Assim é que, em *A geração da utopia*, quando Sara precisa encontrar um lugar, em Lisboa, para esconder Aníbal por uns dias, tem muitas dificuldades por causa do trabalho constante de espionagem da PIDE:

*(...) Pensou em todos os amigos ou conhecidos, quer angolanos, quer portugueses (...) os que tinham casas maiores não ofereciam a mínima garantia política (...) demasiados reacionários. Ou recusavam imediatamente um futuro terrorista em sua casa, ou chamavam depois a polícia. (...) Havia também pessoas que até tinham meios e eram progressistas, mas as suas casas eram permanentemente espionadas pela Pide (...)*⁵⁵

⁵⁴ HUNGARO, Susana Regina Vaz. *Romance, revolução e utopia: um estudo comparado entre Capitães de areia, Levantado do chão e A geração da utopia*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação do DLCV da FFLCH da USP para obtenção do título de doutor.(Texto policopiado).

⁵⁵ GU p.55.

Por outro lado, havia a eficiente propaganda a favor do regime, transmitida pelos jornais e rádios - os quais só transmitiam o que interessava ao governo.

Ainda na Casa dos Estudantes, quando Sara conversa com Vítor sobre a necessidade de estudar para os exames, ressalta a dificuldade de concentração nos estudos por causa das muitas notícias sobre o que acontecia na terra (Angola). Notícias estas que não permitiam saber o que de fato era verdade ou propaganda do regime:

O que se passa realmente na terra. O que é verdade e o que é propaganda do regime. (...) As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discurso patrioteiro, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos.⁵⁶

Não só em Lisboa, em Angola também havia a atuação da propaganda do regime português (do colonizador, portanto). Anunciava em alto e bom som que a tropa portuguesa era amiga do povo, enquanto os guerrilheiros não passavam de “terroristas” - e ainda procurava desmobilizar os guerrilheiros incitando-os contra os dirigentes dos Movimentos de Libertação:

⁵⁶ GU p.15

*As ofensivas eram simultâneas e acompanhadas de propagandas, panfletos, comunicados, programas de rádio especiais. Vocês nas matas sofrem e morrem, enquanto os chefes terroristas vivem como nababos no estrangeiro... Não sigam os bandidos... A tropa é vossa amiga.*⁵⁷

A Igreja Católica também foi usada para defender as idéias do regime salazarista e contribuir para alienar o povo. Para Vaz Húngaro:

*Em especial, as instituições religiosas tendiam a voltar a população contra o comunismo e os comunistas. Era outra maneira de impedir, pela hegemonia, que idéias libertárias tomassem conta, especialmente, da juventude portuguesa ou africana.*⁵⁸

Isso é o que Vitor observa em Fernanda, a jovem viera do Lubango, estudava Veterinária em Lisboa e morava num lar de madres. Para Vitor, a relação da jovem com as católicas acentuava a ideia, na jovem, de que a CEI não era um bom lugar para ser frequentado, pois servia de “capa” para outras coisas:

Vitor percebera por uma frase ou outra que Fernanda estava crua em termos de consciência política (...) Vivía num universo que não lhe facilitava a aprendizagem de outras coisas, com as madres, ainda por cima...

⁵⁷ GU p.123-124.

⁵⁸ HUNGARO, Susana Regina Vaz. *Romance, revolução e utopia: um estudo comparado entre Capitães de areia, Levantado do chão e A geração da utopia*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação do DLCV da FFLCH da USP para obtenção do título de doutor.(Texto policopiado).p.91.

— A Casa é uma associação que torna mais fácil a vida aos estudantes das províncias africanas (...) E há muitas atividades culturais e de recreio. Isso é mau

— Se fosse só isso Dizem que é uma capa para outras coisas.

— Vem a Casa... E por ti mesma descobrirás que te andam a enganar, afastando-te dela.⁵⁹

Os indivíduos sociais acabam sendo mediados por esta instituição reificada, e se tornam, assim, incapazes de realizar a automediação (Mészáros).

Alienação pela falta de instrução

Mészáros apontou que seria tarefa da educação transcender positivamente a alienação, Em sentido contrário, a falta de instrução/educação contribui para a alienação.

Para Vaz Húngaro, em *A Geração da Utopia*, o povo é o sujeito revolucionário da obra, mas ocupa lugar secundário na luta de libertação na medida em que não se conscientizou da necessidade e dos benefícios da guerra. Como não houve instrução, formou-se um quadro de exploração. Inicialmente o povo apoiou a guerrilha, mas explorado depois

⁵⁹ GU p.89.

pelos chefes guerrilheiros, desistiu. *No momento em que todo o povo apoiava, abusaram dele. (...) É verdade que esta região era mais atrasada, mas que se fez para a desenvolver, para formar os homens?*⁶⁰

Mundial reclama a falta de uma ação, um trabalho para desenvolver regiões mais atrasadas. Não bastava os dirigentes dos Movimentos possuírem consciência e conhecimentos, era preciso levá-los também ao povo. Porém, isso não aconteceu, os intelectuais revolucionários não promoveram a emancipação dos oprimidos, não cumpriram seu papel – como sentenciava Aníbal:

(...) Mas os intelectuais tinham a obrigação de se aperceberem... No entanto, carregavam o pecado original, os privilégios do passado (...). Não exerceram o seu papel de intelectuais, aqueles que mostram o caminho. ⁶¹.

Sem ter quem lhes mostrasse o caminho, o povo ficou à mercê de um governo que se revelou também de oportunistas, aproveitadores e corruptos.

⁶¹ GU p.145.

⁶¹ GU p.305-306.

3. A Literatura e o escritor engajados

(...) O meu desejo transformado em força

Inspirando as consciências desesperadas.

(Agostinho Neto)

Voz do intelectual, voz dos oprimidos

No capítulo anterior vimos como os setores populares foram silenciados pelos fortes mecanismos de repressão dos governos ditatoriais em Angola, durante o Colonialismo português, e no Brasil, na era Vargas.

Segundo Mészáros, ao tornar-se alienado da natureza e dos outros homens, o homem não pode mais exercer os poderes que tem como “ser universal”, a sua atividade **espontânea** é transformada em **forçada** e a atividade de vida passa a meio de vida (autonegação), e ocorre então a *maximização da tendência à alienação a tal ponto que a existência da humanidade que está em jogo.*⁶²

É, pois, o resgate dessa humanidade que Pepetela e Graciliano buscam através de sua literatura. Por meio da elaboração literária, a qual é um redimensionamento crítico sobre realidades de seus países, recuperam e dão voz aos que foram silenciados, enquanto narram a luta de resistência contra a reificação imposta na busca de um caminho desalienador.

⁶² MÉSZÁROS, Istvan. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006 p228.

Em *Historia das Colonizações*⁶³, Marc Ferro chamou a atenção para a uniformização, padronização de imagens e informações, no mundo atual, que circulam na imprensa, na mídia.

Imagens e informações estas que são produzidas e veiculadas pela classe dominante - a qual determina, assim, a sua versão oficial da história. A contra-informação - que leva à contra história – é gerada pelo protesto dos que não têm direito à palavra, à produção de imagem (Ferro,p.402). O registro, a escrita desse protesto cabe ao intelectual e, já que (...) *Não existe intelectual sem escrita, porque a escrita é o modo de criar a brecha entre a memória e a possibilidade de futuro (...) é o modo de testemunhar, de ligar, de intervir no futuro.*⁶⁴, estamos nos referindo aqui ao **intelectual engajado**.

Marilena Chauí, em *O Silêncio dos Intelectuais* nos dá a seguinte definição de intelectual engajado: *O intelectual engajado é o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes (...) deve manter um estado de vigília permanente.*⁶⁵

Os “acontecimentos relevantes” pertencem aos campos econômico, social, político e cultural - dos quais o intelectual deve manter autonomia. Caso contrário, deixa de ser intelectual (o que fala “contra”, o que é capaz de questionar) e se torna um ideólogo (inserido no mercado, fala a favor da ordem vigente, justificando e legitimando-a).

Com o encolhimento do espaço público e o alargamento do privado, os direitos econômicos e sociais foram transformados em serviços

⁶³ FERRO, Marc. *História das colonizações: das Conquistas às Independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

⁶⁴ MARGATO, Isabel. GOMES, Renato Cordeiro. (orgs.) *O papel do intelectual hoje*. BH – MG:Ed.UFMG,2004,p.77.

⁶⁵ NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia das Letras,2006,p.25.

definidos pela lógica do mercado e transformou o cidadão em consumidor; com isso há uma despolitização da sociedade.

Assim, o intelectual engajado é substituído pelo especialista competente – o que dá os receituários para viver bem (ele “sabe” o que devemos pensar e sentir, fazer e esperar). Esse “saber competente” controla o social e o político através da tecnologia que opera a indústria da cultura. A maioria das pessoas não sabe os assuntos de economia e política – considerados assuntos de especialistas, cujas decisões são técnicas e , quando publicadas, o são em linguagem incompreensível para o cidadão.

Essa substituição do intelectual pelo especialista competente também é criticada por Edward Said em seu livro *Representações do Intelectual*. Nesta coletânea de seis conferências proferidas em 1993, em Reith, o autor parte da questão de que o intelectual deve estar comprometido com a verdade e, apesar de sofrer pressões, deve manter a sua independência. Deve ser

(...) alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. ⁶⁶

Para Said, o intelectual precisa ser ouvido, ter seu público e suscitar debates. Ser uma voz na sociedade que leve à emancipação, à liberdade, mas uma voz “reconhecível” e não “incompreensível”:

⁶⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As palestras de Reith de 1993. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p.36.

*(...) O intelectual não representa um ícone do tipo estátua, mas uma vocação individual, uma energia, uma força obstinada, abordando com sua voz empenhada e reconhecível na linguagem e na sociedade uma porção de questões todas elas relacionadas, no fim das contas, com uma combinação de esclarecimento e emancipação ou liberdade.*⁶⁷

No entanto, o autor afirma que o intelectual vem sendo ameaçado pelo profissionalismo – por pressões que a sociedade lhe impõe: que ele seja um especialista, um “expert”, um empregado, enfim, do governo.

Said defende que o intelectual seja então um “amador”: preocupado em levantar questões morais em qualquer atividade e com um espírito transformador (...) *Chamarei esta atitude de amadorismo, literalmente atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro e por uma especialização egoísta e estreita.*⁶⁸

Por fim, o discurso do intelectual deve estar associado a situações concretas, deve refletir pesquisando o que e por que algo aconteceu como parte de uma história a ser desvendada. Ele deve falar a verdade ao poder de forma inteligente para provocar a mudança concreta.

E, assim como Marilena Chauí, Said também se refere à necessidade de o intelectual manter um estado de alerta constante:

⁶⁷ SAID, Edward. *Representações do intelectual* As palestras de Reith de 1993. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.78.

⁶⁸ *Idem*, p.86.

(...) Nem sempre é uma questão de ser crítico da política governamental, mas, antes, de pensar a vocação intelectual como algo que mantém um estado de alerta constante, de disposição perpétua para não permitir que meias verdades ou idéias preconcebidas norteiem as pessoas.⁶⁹

Por isso é que somente este intelectual engajado tem condições de ser o que efetiva a voz e a palavra dos oprimidos, dos excluídos e vencidos, de forma que eles tenham então “vida e vez” nos campos sócio-político e cultural.

Destacamos, dessa forma, o papel dos escritores como intelectuais engajados – já que neste mundo de sociedades em que cada vez mais as hegemonias detêm poder, dominam e impõem suas ideologias, a literatura continua a ser, como afirma Inocência da Mata: (...) *veículo privilegiado da atividade reflexiva*⁷⁰

Afinal, são os escritores que, ao se posicionarem ao lado dos vencidos, tornam possível a construção de uma nova imagem através das palavras que usam para a elaboração de um texto crítico /reflexivo, capaz de questionar a “história oficial construída” e os valores impostos.

⁶⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual* As palestras de Reith de 1993. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p.36.

⁷⁰ MATA, Inocência da. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial. In *SCRIPTA*, Belo Horizonte, vol. 10, n 19, p.25 Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621145332.pdf acessado em 09-12-10.

Missão desalienadora da Literatura engajada

Quando nos referimos à construção de uma “nova imagem” estamos aludindo aos conceitos de “imagem na ação política” trabalhados por Benjamin Abdala Junior em *Literatura, História e Política*⁷¹. Neste livro, o autor trata da questão do engajamento literário associando-o a questões político-culturais. Tomando por base textos da literatura de língua (oficial) portuguesa, tece uma teoria desse engajamento literário que se faz “por dentro” – na articulação mesma da palavra escrita.

Embora, como já afirmamos, as expectativas do grupo socialmente hegemônico determinem a ideologia dominante, para Benjamin Abdala Jr. tanto essa ideologia como as “demais séries culturais” são atravessadas por outras perspectivas politicamente não hegemônicas. Ou seja, há também as aspirações sociais do(s) Outro(s) – os que não pertencem ao grupo social dominante – e cabe às literaturas de ênfase social resgatar, artisticamente, as carências desses setores populares. Ainda que construído com marcas da filosofia, política e sociologia, o texto deve ter um dominante artístico.

Os estereótipos, provindos da tentativa de manipulação ou controle da literatura, devem ser evitados pelo escritor engajado, para que este não acabe por redundar num reducionismo. Afinal, o escritor não pode

(...) alienar sua perspectiva criativa. Ao contrário, ativando-a, ele poderá articular novas formas de apropriações da série literária, em função de uma

⁷¹ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

perspectiva popular. A “tarefa” do escritor (...) seria assim construir um “objeto literário que deve propiciar ao “povo” não aquilo que ele já conhece, mas sobretudo uma sua compreensão mais profunda: a obra de arte como um processo de re-conhecimento sociocultural.”⁷²

Daí a valorização de uma prática consciente do escritor – consciência do trabalho artístico que procura corresponder à dinâmica do campo intelectual que o escritor engajado frequenta. Esse trabalho artístico de construção das palavras no texto, será engajado em termos de maior profundidade quando *contribuir para desarticular estruturas mais profundas do pensamento conduta /convencionais ou estereotipadas*⁷³.

A construção de um objeto literário que consiga comunicar-se simultaneamente com diversas faixas de leitores (o que só é possível através de um eficaz processo de sobrecodificação de texto artístico) é, segundo o autor, o grande desafio para o escritor de ênfase social.

Escritor engajado o qual procura voltar-se para sua realidade social – já que pode compreender a linguagem das massas de homens de sua época e assim interpretá-la e dar-lhe uma forma. E ao mesmo tempo fugir da “falsa consciência” – da manipulação ideológica das produções culturais que tentam mascarar o que, segundo Benjamin Abdala Jr., é “transparente” no texto: trata-se de uma literatura crítica do mundo alienado.

⁷²ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989 p.69.

⁷³*Idem*, p.120.

Segundo Alexandre Pinheiro Torres, foi o Neo-Realismo português a primeira corrente na História da Literatura a desmontar o fenômeno da alienação, definindo-o, investigando-lhe as causas e, com o autodinamismo que o caracteriza, insinuando cominhos e propondo aberturas para sua superação.⁷⁴

Ao definir e investigar esse fenômeno, o Neo – Realismo conclui que a alienação (também chamada de privação) pode ser de vários tipos: política, econômica, social, sentimental,... e, assim, o Neo-Realismo tornou-se a expressão artístico –literária de um novo humanismo que pressupôs como filosofia básica o materialismo dialético, como práxis o primado do social e a vontade de uma missão coletivamente resgatadora e desalienante na obra de arte.

Ou seja, se no texto do escritor engajado é transparente tratar-se de uma literatura que critica o mundo alienado (nas várias acepções tratadas no Neo- Realismo), também o é o fato de que, ao mesmo tempo, esse texto se constitui numa missão desalienante da obra de arte. Isso porque, de acordo com Benjamin Abdala Jr., quando o escritor engajado materializa “as carências”, dinamiza uma ação sobre outros setores de atividade – na medida em que desperta a consciência dessas carências e, dessa maneira, pela ação de formas emergentes de articulação, o escritor engajado enfatiza uma nova correspondência entre a literatura e os discursos sociais.

O Neo – Realismo pressupôs um conhecimento dialético da realidade, definiu o homem como condicionado por um complexo de fatores socioeconômicos e também afirmou que ele pode transformar esse

⁷⁴ TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Neo – Realismo Português* Lisboa: Moraes Editores, 1997, p.39.

condicionamento pela ação, afinal: “*A realidade opera uma reação da consciência social do indivíduo que por sua vez age no sentido de modificar ou transformar essa mesma realidade.*”⁷⁵

Trata-se, portanto, de uma literatura que não reflita passivamente sobre o mundo, mas, ao contrário, que se converta em (...) *instrumentos de compreensão transformadora do mundo exterior*⁷⁶.

Por isso, o escritor engajado procura colocar-se, ao mesmo tempo, como consciência crítica e como povo (Abdala Jr., p.149).

Observemos como Pinheiro Torres analisa a apreensão do camponês-povo feita pelo escritor português Fernando Namora:

Namora aproveita-se até da situação para entrar no mundo camponês que outros neo-realistas, ocupados com o mundo rural, só poderão ver de fora. Entra nos casebres serranos, ouve-lhes as conversas, ausculta-lhes as reações, aceita-os ou rejeita-os. O código dramático dele e dos seus é o da hostilidade em relação às instituições. Mudança é virtude e não corrupção (...); os camponeses, ergue-os Namora da lama: “São gigantes poderosos, homens que venceram as pragas, o chão xistoso e corroído, a incerteza do céu. A seiva da terra é obra deles. E, paradoxalmente, vivem em casinhotos tristes, de granito despido,

⁷⁵ TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Neo – Realismo Português* Lisboa: Moraes Editores, 1997 p.32.

⁷⁶ *Idem* p.33.

*eles, os reis! São as alavancas do mundo, têm dentro de si as chaves
do reino e de nada se servem.*⁷⁷

Somente porque penetra no mundo deles é que o escritor pode articular sobre a situação paradoxal em que vivem de serem ao mesmo tempo poderosos-reis-gigantes-alavancas do mundo – ter dentro de si as chaves do reino e não se servirem de nada, vivendo em condições tão adversas. É somente porque o autor “chega perto o suficiente” para ouvir-lhes as conversas.

Sem esquecer, é claro, como já aludimos anteriormente, que é necessário o cuidado para não cair nos estereótipos. E também, atentar para o que há de universal no particular, ou seja, a situação paradoxal vivida pelo camponês-povo português é similar a de opressão de outros “camponeses” de outros lugares. Daí Benjamin Abdala Jr. enfatizar que o escritor engajado não pode culminar num “reducionismo patrioteiro”. Ao analisar os poemas “**Olá, negro!**” do brasileiro Jorge de Lima e o poema “**Mamã Negra (Canto de Esperança)**” do angolano Viriato da Cruz, o autor afirma que os dois escritores, ao *entrelaçarem poeticamente os “negros de todo o mundo”, rearticulam a série literária apropriando-a (ou “desapropriando”* *formações alienadoras como as da mitologia religiosa), para subverter as formas do imaginário.*⁷⁸

⁷⁷TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Neo – Realismo Português* Lisboa: Moraes Editores, p.115.

⁷⁸ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989, p.127.

Análise semelhante faz Pinheiro Torres quando afirma que no poema “**Sábado nos musseques**”, do angolano Agostinho Neto, a ansiedade do negro perante o poder alheio concretizado no homem fardado é a mesma de que nos fala o brasileiro Graciliano Ramos, em seu romance *Vidas Secas*, na confrontação Fabiano - soldado amarelo.

Essas associações remetem ao comunitarismo solidário entre os países de língua portuguesa e, no repertório cultural compartilhado entre essas literaturas, podemos observar que fatores como o nacional, o local e o étnico são tratados de forma supranacional e assim se tornam comunitários. Os autores dessas literaturas, a partir de uma perspectiva sócio-política, enfatizam as diferenças para ressaltar o que a ideologia dominante ocultou ou escamoteou.

Por fim, a atividade do leitor

Todo o texto engajado necessita e se “efetiva”, por fim, no leitor, por isso importa a consideração de um leitor real de textos literários. Pois, é através da leitura que o leitor reconhece o trabalho artístico e o texto é atualizado dentro da literariedade. Benjamin Abdala Jr. sintetiza com clareza essa questão:

A atividade do leitor é condição indispensável para a literatura. Mais ainda para uma literatura que se pretende militante e que procura associar à potencialidade de atualização artística dos significados, os valores ideológicos

com ele imbricados. Por outro lado, esse leitor preexistente (implícito, no texto) situa-se socioculturalmente. E, pela ambigüidade da execução do texto artístico, esse modelo abstrato de leitor materializa-se em leitores reais diferentes, numa perspectiva sincrônica ou diacrônica. Para o escritor engajado, importa que os modos de articulação do poema permitam realizações produtivas (desalienadoras) para diferentes faixas de leitores e de diferentes momentos históricos. A simetria formal dos modelos geradores do texto coloca parâmetros interpretativos, por onde penetrará a atividade crítica do leitor.⁷⁹

Tanto o autor quanto o leitor possuem pressupostos pessoais e socioculturais os quais determinam o modo como um texto é escrito e lido. A interpretação busca o sentido que se constrói na interação entre o mundo do texto e o do leitor.

Portanto, quando a elaboração do texto torna possível uma interpretação (atividade) crítica do leitor, há uma realização produtiva que leva à desalienação.

⁷⁹ ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989, p.147.

Escritores engajados – literaturas desalienadoras

Pepetela, da crítica à utopia

Pepetela nasceu em 1941 e teve seus primeiros contos publicados em 1959, na CEI. É um dos maiores escritores da literatura angolana e (...) *divide com Luandino Vieira o estatuto de escritor mais conhecido e premiado de Angola, ganhador do Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1993) e Prêmio Camões (1997).*⁸⁰

Em entrevista a Michel Laban, o autor afirma que seus primeiros livros tinham uma orientação mais didática, a mudança ocorre em *A Revolta da Casa dos Ídolos (...)* já era para intervir directamente (...) *Havia já a preocupação do público*⁸¹

O livro conta a história da trajetória do jovem Nanga, o qual consegue enxergar e tenta convencer os demais que o povo possui uma grande força a qual consiste na união de todos os oprimidos contra seus dominadores.

Portanto, já aí emerge aquela que a será a grande personagem de toda a obra de Pepetela: o povo. Por isso a preocupação do autor de escrever para “intervir no público”.

Através de sua escrita ficcional, - e o autor, como têm apontado já os diversos estudiosos de sua obra, optou pelo romance como forma de

⁸⁰ CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: Experiência Colonial e Territórios Literários*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p.85.

⁸¹ Laban, Michel. *Angola- Encontro com Escritores – Vol II*. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, 1992, p.773.

expressão - Pepetela revê a história angolana, ou seja, o autor articula sua ficção com as transformações da História, da sociedade angolana, sempre sob o prisma do questionamento crítico.

Ainda na entrevista a Laban, Pepetela afirma que, assim como a Sociologia, a literatura é um instrumento para compreender a realidade (p.775). Buscando, pois, a compreensão da realidade de seu país, em seus livros, ele critica comportamentos errados e não pessoas: *Se as pessoas se sentem atacadas, é porque pensam ter comportamentos que merecem críticas, então, mudem seus comportamentos.*⁸²

Pepetela constrói a sua crítica questionando o Presente – valores, comportamentos e ideias “(...) a partir das mitificações (às vezes falsificações) da História”.⁸³

Rita Chaves, em seu livro *A formação do romance angolano*, afirma que, em Angola

*(...) o selo fundamental só poderia ser a imagem da fratura, materializada nas grandes divisões sociais, econômicas, religiosas e políticas ainda expostas em presente realidade (...)” e que caberia ao escritor (intelectual) “a tarefa de recobrir as marcas da cisão e da descontinuidade.*⁸⁴

⁸² Laban, Michel, *Angola- Encontro com Escritores – Vol II*. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, 1992 p.804.

⁸³ MATA, Inocência da. *Silêncios e Falas de uma voz inquieta*. Lisboa, Mar Além, 2001, p.196.

⁸⁴ CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre intenções e gestos*. Coleção Via Atlântica, n°1, São Paulo: 1999. p.31.

É, portanto, o escritor da literatura desse país o que pode, através de seus textos, tecer novamente uma **unidade** ao rejuntar os fragmentos gerados por essas diversas cisões (históricas). E isso mesmo a despeito do (...) *reduzido número de leitores que se pode ter como horizonte*.⁸⁵

Para João Carlos Venâncio, a literatura de Pepetela se caracteriza entre o fragmentado e o uníssono (Venâncio, 1992). O fragmentado é o que pertence ao tempo presente ou passado, enquanto o uníssono reporta-se ao futuro. Do passado vêm as marcas da violência do Colonialismo português em Angola, responsável pela destruição, pela fragmentação dos espaços físico e psicossociais; dos lugares e dos homens, de sua(s) identidade(s) e, por que não, de seus sonhos e esperanças: *De tal desestruturação psicossociocultural resulta a alienação do homem indiciada (...) pela perda do sonho e pela desesperança*.⁸⁶

E, nesse passado colonialista, a forte presença da guerra (colonial, para os portugueses, e de libertação para os angolanos). Segundo Inocência da Mata, (...) *narrar a nação angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e falar da guerra como força motriz das transações cíclicas*...⁸⁷

⁸⁵ Chaves, Rita. *Angola e Moçambique Experiência colonial e Territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005 p.289.

⁸⁶ MATA, Inocência da. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial. In *SCRIPTA*, BH, vol. 10, n 19,2 Sem 2006, p.39
Disponível em:
http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621145332.pdf acessado em 09-12-10.

⁸⁷ CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (coord.) *Portanto ...Pepetela* Luanda: Edições Chá de Caxinde, p.232.

A fragmentação resultante desse passado- marcado pela guerra- se perpetua ainda no presente. E temos então uma *desorganização da memória, dos espaços e dos afetos*.⁸⁸

Assim é que, o “fragmentado” da literatura de Pepetela se refere então à (re) construção do passado - e presente- de Angola. O autor redimensiona, criticamente, um discurso sobre a nação. Tendo participado efetivamente como combatente na Guerra de Libertação, pode direcionar um olhar crítico para o Movimento de Libertação, trazendo à tona também os erros e as falhas deste e dando-nos inclusive uma visão “real” dos guerrilheiros – a despeito da desaprovação de alguns, como o autor revela na entrevista a Laban:

*Houve problemas (...) pessoas que achavam que isso [referindo-se ao livro Mayombe]desmistificava um bocado o papel do guerrilheiro, do herói –guerrilheiro, que ali os heróis eram pessoas , eram homens como os outros ... e as pessoas gostariam que a sociedade os considerasse realmente heróis sem mácula!*⁸⁹

Em livros como o *Mayombe* e *A geração da utopia*, o guerrilheiro é o herói-guerrilheiro, mas não deixa de ser o herói-guerrilheiro-pessoa comum, com sua coragem e também seus medos, sua força e sua fraqueza, suas virtudes e seus defeitos. Pepetela atua, dessa maneira, como o

⁸⁸⁸ MATA, Inocência da. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial, In *SCRIPTA*, BH, vol 10, n 19,2 Sem 2006, p.32

Disponível em:

http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621145332.pdf acessado em 09-12-10.

⁸⁹ LABAN, Michel. *Encontro com escritores* Vol II. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 2000 p.793.

intelectual engajado de voz independente, sem meias- verdades e que evita os estereótipos.

Pepetela escreve sobre a utopia do projeto do Movimento de Libertação e seu conseqüente esboroamento; de como se sonhou um país livre, uma nação mais justa e se chegou a um lugar de ruínas e de contínua exploração por parte dos dominantes, sempre (sejam eles os portugueses colonizadores ou a classe dirigente angolana que assume o poder no pós-guerra). Por isso o passado é composto de fragmentos e o presente também: *Muitas décadas depois, a germinação e as transformações revolucionárias que se anunciavam não se concretizaram.*⁹⁰

Portanto, ao reconstruir nos seus textos, o passado e o presente fragmentados, Pepetela reconstrói a desconstrução. Mas não para decretar o desencanto, a desilusão simplesmente. Ao contrário, lembrar o passado é também uma maneira de **dinamizar o processo de reconstrução**. Reconstrução da nação angolana – tema comum de toda sua obra conforme o autor mesmo declara a Laban (p.771)

Assim, se em *Mayombe* as vozes estão fragmentadas (cada narrador fala individualmente); em *Yaka* é o corpo da estátua que se fragmenta; em *O desejo de Kianda* os prédios se despedaçam; em *A geração da utopia*, o espaço, o tempo, os grupos, os amores, as amizades e a utopia se fragmentam; em *Os predadores* a própria narrativa se fragmenta (o presente e o passado vão se intercalando) – para citar apenas algumas

⁹⁰ MATA, Inocência da. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial. In *SCRIPTA*, BH, vol. 10, n 19,2 Sem 2006, p.39
Disponível em:
http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621145332.pdf acessado em 09-12-10.

obras. Podemos então dizer que o que ocorre é a fragmentação de vários “eus” que se diluem para que se torne possível a construção da **angolanidade**, da Nação. Ao unir o que fora fragmentado, reconstrói-se um todo uníssono. E Angola se refaz então com um “pouquinho de todos” – juntos.

A “desconstrução” inicial aponta dialeticamente para uma construção – para algo novo que se almeja (um novo que acredita que as coisas realmente possam ser diferentes, melhores). Daí o futuro. Nos livros de Pepetela cabe sempre ao jovem, à criança (Ngunga, Nanda, o Comissário Político, a menina que conversa com a kianda, a filha de Sara, o irmão de Jaime Bunda,...) a faísca da crítica e do renovo.

O novo surge com os mais novos que, de alguma forma se contactaram com os mais velhos e aí chegamos a uma “fórmula” pepeteliana: renovação+tradição= força do povo. Nas palavras de Antonio Hildebrando: (...) *movimento dialético criado pela “fusão” Nanga|Nimi – renovação|tradição.*⁹¹

Pepetela desloca a importância do indivíduo (diluído em fragmentos) para a ação coletiva (o povo) e busca, dessa forma, o resgate da **comunidade**.

Pepetela devolve a voz ao povo (silenciado pelo dominador) ao transformá-lo em personagem principal (posicionado ao lado do oprimido, efetiva a voz deste e constrói “uma nova imagem”). Sua grande estratégia é, então, deixar que o povo fale; é sempre uma pessoa comum do povo que

⁹¹ CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (coord.) *Portanto ... Pepetela*, Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p.290.

fala algo profundamente significativo: em *Luegi*, por exemplo, a rainha consegue finalmente a solução para o grande impasse da luta com seu irmão quando conversa com um homem simples, durante uma caminhada; em *A geração da utopia*, é o jovem João, empregado de Malongo - e humilhado por este - que alude aos direitos adquiridos com o fim da colonização e da guerra e não desiste, mesmo ante a força (física e “política”) do patrão.

O mutilado fisicamente, quase sempre em explosões de minas, é também um abandonado. Mukindo, de *A geração da utopia*, e Simão Kapiangala, de *Predadores*, mostram que o que dói mais é o abandono, por parte dos dirigentes políticos, sobretudo; a perda, portanto, da dignidade com o esquecimento de sua história de luta como combatente de guerra. Por isso são também vozes do povo, mas vozes que incomodam consciências.

Para Pepetela, o sofrimento e as perdas precisam ser sentidos igualmente por todos e assim, unidos, todos se juntarem no desejo de reconstrução da nação - esse sim seria o fator de unidade capaz de superar todas as barreiras.

Insistimos em afirmar: longe de decretar o desencanto, a obra de Pepetela é da mais pura resistência e aponta sempre para a revitalização da utopia. Em romances mais recentes como *Jaime Bunda* e *Jaime Bunda e a morte do americano*, o autor, trilhando pela via da linguagem irônica e bem humorada, revela e denuncia abusos cometidos pelos atuais dominadores do povo: *Raios partam, até parecia era ela que ia pagar, resmungou para si próprio o divino agente. Que ficasse à vontade, o saco azul dos SIG, o que*

*quer dizer Estado, bolso do povo, pagava todos os excessos.*⁹² Tantos anos passados após a luta armada e a conquista da independência e o povo continua pagando por todos os excessos, todos os abusos. Na verdade, é essa a grande “intenção” do livro: fazer uma análise da sociedade, conforme declara o autor em uma entrevista, falando sobre este livro: *A fundação policial, criminosa, é só um pretexto para analisar a sociedade.*⁹³

Mas Pepetela não deixa de apontar para a possibilidade de um novo tempo. Um tempo onde só a verdade interesse. No final de *Jaime Bunda*, o irmão mais novo de Bunda vem contar-lhe, feliz, do emprego que conseguiu em um jornal. Desgostoso, Bunda lhe pergunta se não conseguira algo melhor, ao que o irmão lhe responde:

*(...) Era mesmo o que eu queria. Mano, nos tempos do tio Esperteza do Povo os jovens iam para as matas, pegavam em armas para combater o colonialismo e sonhar criar uma sociedade melhor, mais justa. Esse tempo passou. Depois outros jovens foram para as matas, pegaram em armas, para combater o regime que o tio ajudou a criar. Esse tempo também passou. Agora eu pego na caneta para contar a verdade aos meus conterrâneos. Só a verdade interessa. É o nosso tempo.*⁹⁴

Um tempo, portanto, no qual se possa pegar, não mais em armas, mas sim na caneta (outro tipo de arma, por certo) para trazer a verdade à tona e, registrando-a, fazê-la acontecer. Tempo para que jovens críticos,

⁹² PEPETELA, *Jaime Bunda e a morte do americano*, Dom Quixote, 2003, 2 ed, p.170.

⁹³ WIESER, Dóris (entrevistador). *Especulo - Revista de estudos literários*, nº 30, Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: [HTTP://ucm.es/info/especulo/numero30/pepetela.html](http://ucm.es/info/especulo/numero30/pepetela.html) em 10/12/10.

⁹⁴ PEPETELA, *Jaime Bunda* São Paulo: Record, p.376.

reflexivos e “ativos” como Gégé possam iniciar outro ciclo e, assim, construir e viver novas utopias.

Trata-se, categoricamente, de uma literatura que não reflete passivamente sobre o mundo, que busca as aspirações sociais dos “esquecidos”; que se volta para a realidade social do seu país e pretende o despertar da consciência crítica de seus leitores – para que possam percorrer o caminho *de areia, no meio do deserto*⁹⁵, o caminho da desalienação.

E aqui concluímos com estas palavras de Inocência da Mata sobre a obra de Pepetela:

*(...) longe de ser uma escrita de crise, ou pior ainda do declínio da utopia, à desmistificação da utopia (da Nação e do homem novo) segue-se a sua revitalização (da utopia) e a dos caminhos épicos atrás trilhados. Disso resulta a construção de um outro tipo de utopia, que ora consiste numa deslocação do centro para a margem, da sombra para a luz, do monólogo para o diálogo, do mesmo para o diferente (...)*⁹⁶

⁹⁵ PEPETELA, *Mayombe*, São Paulo: Ática, 1982 p.268.

⁹⁶ CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (coord.) *Portanto... Pepetela* Luanda: Edições Chá de Caxinde, 2002, p.235.

Graciliano Ramos e a escrita dos excluídos

Graciliano Ramos nasceu em 1892, sua primeira publicação foi em 1904, um conto chamado “Pequeno Pedinte”, publicado em *O Dilúculo*, jornal do internato onde ele estudava. Em 1925 começou a escrever seu primeiro romance, *Caetés*. Sua última escrita foram as *Memórias do cárcere*, obra publicada postumamente (1953, mesmo ano de sua morte), sem que ele houvesse escrito o capítulo final. Além de contos e romances, escreveu também para diversos jornais, deixando assim uma vasta bibliografia.

Segundo Carlos Abel, Graciliano Ramos *colocou sua pena a serviço dos humildes e atentou para a agrura/desagregação e a alienação do povo*.⁹⁷ Certo que pagou um preço por isso *um escritor preso por ser escritor (...) pela ameaça fascista e seu instrumento, a censura*.⁹⁸ O autor compara ainda Graciliano Ramos a Hemingway, afirmando tratar-se de dois humanistas

*(...) preocupados com os dominados, os usurpados, os perseguidos, os descamisados, os excluídos, os “inempregáveis”. Retratam o drama do povo em face da escalada materialista que envolve todo o mundo capitalista, liberal, neoliberal ou qualquer outro jargão usado para doirar a pílula da opressão.*⁹⁹

Graciliano Ramos é o escritor engajado, que produz literatura de ênfase social. No Brasil, os escritores ficcionistas da geração de 30, como

⁹⁷ ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Ed.UNB, 1999 p.19.

⁹⁸ *Idem* p.65.

⁹⁹ *Idem* p. 356.

ficaram conhecidos, apontaram a acusação da injustiça e da desagregação humana em suas obras.

São grandes exemplos os primeiros romances de Jorge Amado, os romances do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego, os primeiros romances de Raquel de Queirós e os de José Américo de Almeida.

Para Débora Leite David, esses escritores

(...) chamados regionalistas, na maioria representantes do NE do Brasil, colocaram-se como uma oposição ao controle do poder pelo sul do país (...) mais que um movimento literário (...) pareceu uma intelectualidade capaz de se opor ao poder ditatorial. Isso é possível com a autonomização dessa classe de escritores que valorizam o sertanejo, os seus costumes, que promovem a exposição escancarada de atuação do governo, do Estado, em favor do cidadão.¹⁰⁰

Esses escritores, e entre eles Graciliano Ramos, não produziram uma literatura de ênfase social que valorizasse o “regionalismo” – no sentido de enfatizar o pitoresco regional ou situações particulares de cada local. As situações narrativas, embora enfocassem uma determinada região, poderiam ser extensivas a todo o país. A visão crítica que aparece nessas produções tem em vista o caráter social, mostrando situações típicas do país. Inserem-se, portanto, naquela literatura de ênfase social de que trata Benjamin Abdala Jr.: preocupada em resgatar as carências dos setores populares sem resvalar em “reducionismos”.

¹⁰⁰ DAVID, Débora Leite. *Dois cárceres, uma certeza: a morte. Um estudo comparado entre A vida verdadeira de Domingos Xavier de José Luandino Vieira e Memórias do cárcere de Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado apresentada à área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa, Maio de 2006, USP, p.33,34.

Em Graciliano Ramos , o modo de agir e reagir de suas personagens são manifestações típicas da realidade brasileira;o regional nele é o que há de comum e, ao mesmo tempo, universal que determina sociedade brasileira. Não se trata de um regionalismo de “exterioridade”, de paisagem apenas. Graciliano Ramos narra o exterior e o interior das personagens. Também vai contra a maneira convencional de expor a voz das camadas populares, simpática mas estereotipada.

Segundo Ubireval , a Graciliano Ramos lhe preocupava

(...) a narração dos homens concretos, socialmente determinados e que fossem participantes de uma dada experiência humana concreta. A realidade concreta do mundo que conheceu e que interessa a sua observação é a do indivíduo oprimido pelo sistema capitalista: opressão que se efetivava com o trabalhador , o assalariado, e a exploração do trabalho desses operários.(...) O mundo contraditório e opressor, esse em que o ser humano não tem voz ativa, é denunciado pelo escritor.¹⁰¹

Graciliano Ramos é, portanto, um escritor engajado que trata dialeticamente o universal/coletivo e o local/particular em sua criação literária. Assim é que, Paulo Honório, de *São Bernardo*, remeterá a todos os fazendeiros do sistema capitalista brasileiro e Fabiano, de *Vidas Secas*, a todos os retirantes e oprimidos – não só do Brasil como de todos os lugares. Portanto, ao questionar a estrutura social brasileira, por extensão também questiona a estrutura capitalista mundial.

¹⁰¹ GUIMARÃES, J. Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a Fala das Memórias*. Ediculte/Seculte 1987, Maceió, Alagoas. p.191,198.

Recorrendo outra vez a Débora Leite David, a autora afirma que
[o escritor engajado] *preocupando-se com a forma e a linguagem consegue ainda
que imbuído de um discurso engajado, produzir uma literatura que
perdura através do tempo possibilitando uma leitura crítica de valores
e ideais universais, mesmo que deslocada do contexto de sua origem*”

102

Por isso Graciliano Ramos elaborou uma obra literária de cunho social e político que ultrapassou o seu tempo, centrada na questão da opressão político-social e da decadência da dignidade humana.

Para João Pereira Pinto (...) *construindo histórias que revelam a estrutura na qual se produz a alienação, Graciliano Ramos levou seu leitor a caminhos pelos quais pudesse proceder à desalienação.*, ou seja, na elaboração literária que Graciliano Ramos faz da realidade, revela e denuncia a estrutura da ideologia dominante e , assim ,

*(...)faz pensar também na possibilidade da produção do discurso contra-ideológico (...). Enfim, cada uma de suas histórias leva-nos a pensar num novo homem livre, livre da miséria tanto em seu aspecto material quanto cultural, livre das amarras da alienação, livre dos véus da ideologia(...)*¹⁰³.

É a contra – imagem, da contra-informação a que se refere Marc Ferro.

¹⁰² DAVID, Débora Leite. *Dois cárceres, uma certeza: a morte. Um estudo comparado entre A vida verdadeira de Domingos Xavier de José Luandino Vieira e Memórias do cárcere de Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado apresentada à área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa, Maio de 2006, USP, p.37.

¹⁰³ PINTO, João Pereira. *A liberdade em Graciliano Ramos*. Varginha, MG:Ed.Alba 2000, p.148.

A liberdade desse “novo homem” está associada, sobretudo, à recuperação da sua humanidade – o que é efetivado na escrita de Graciliano Ramos, como aponta Ubireval Alencar [Em Graciliano Ramos] *a humanização do ser histórico encontrou, por fim, a meta direcionada para uma das mais nobres formas de libertação que é o processo de afirmação pela escrita literária*.¹⁰⁴

Liberdade atrelada também, como já vimos, à escrita, à aquisição do poder da linguagem, o que lhe devolveria a sua humanidade perdida com o fenômeno da reificação. Reificação ou coisificação são os termos usados por Lukács para designar o processo

*(...) através do qual os produtos da atividade do trabalho humano (e o próprio trabalho) se tornam um universo de coisas e relações entre coisas, um sistema “coisificado”, independente e estranho aos homens. Em outras palavras, é a transformação do próprio homem em coisa/parte da máquina.*¹⁰⁵

Sobretudo em *São Bernardo* e em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos nos apresenta personagens reificadas/coisificadas, produzidas pelo sistema capitalista. Paulo Honório, de *São Bernardo*, tem sua existência toda associada à fazenda. Todas as suas ações e vontades são voltadas para a fazenda (casa-se para ter um herdeiro). É o indivíduo que vai se reificando por causa do trabalho e a sua humanidade só vai ser novamente possível se ele deixar de ser proprietário, sair do sistema. Daí a escrita figurar como

¹⁰⁴ GUIMARÃES, J. Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a Fala das Memórias*. Ediculte/Seculte 1987, Maceió, Alagoas. p.297.

¹⁰⁵ LOWY, Michel. *Romantismo e Messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da USP, 1990., p.72,73.

uma forma de reencontrar-se, refazer-se como pessoa humana. Quando ele escreve, se autoconhece e aí pode recuperar a humanidade.

Em *Vidas Secas*, conforme já assinalamos, Fabiano é o trabalhador explorado, sendo forçado a viver em condições subumanas. Fabiano tem uma vida voltada só ao trabalho. E à medida que não consegue mais se ver como sujeito (...) *o homem se aproxima de novo de sua condição de animal*.¹⁰⁶

Ao declarar-se “homem” (...) _*Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta*.¹⁰⁷, Fabiano acha a frase imprudente e corrige-a: _ *Você é um bicho, Fabiano*.¹⁰⁸

Nesse romance, será também a possibilidade de acesso à escola (ao mundo letrado, o da escrita, portanto) o que tornará possível uma vida diferente aos filhos de Fabiano. É esse o sonho que move a caminhada da família no final do romance (...). *E andavam para o sul, metidos naquele sonho*.¹⁰⁹: Fabiano sonha com uma vida melhor em outro lugar. Sairiam do sertão assolado pelas secas e iriam para a cidade “(...) *e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles*.”¹¹⁰

Frequentar a escola, aprender enfim a lidar com as palavras, tornar-se capaz de entender a “caderneta do patrão”, de fazer também contas, de romper enfim com o silenciamento imposto e não precisar ser mais alienado, mas livre, com direito à própria voz. Voz esta negada ou

¹⁰⁶ PINTO, João Pereira. *A liberdade em Graciliano Ramos*. Vaginha, MG:Ed.Alba., 2000 p.84.

¹⁰⁷ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2007, p.18

¹⁰⁸ *Idem*, p.19.

¹⁰⁹ *Idem*, p.127.

¹¹⁰ *Ibidem*.

silenciada pelos dominantes e “devolvida” através da literatura dos escritores engajados como Graciliano Ramos.

Contra a liberdade, a alienação

Em *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, os três primeiros romances de narrativa em 1ª pessoa, as personagens João Valério, Paulo Honório e Luís da Silva, respectivamente, estão empenhadas em escrever; e o autor retrata a alienação dessas personagens que se dá em maior ou menor grau.

Em *Caetés*, João Valério escreve para um jornal e vive continuamente envolvido com o projeto de elaboração de um romance sobre a vida dos selvagens caetés. Empregado que passa a sócio da firma Teixeira & Cia, embora esteja em ascensão econômica é um alienado politicamente.

Paulo Honório, de *São Bernardo*, é o que menos escreve, depois de tantas lutas e maquinações para reconstruir a fazenda São Bernardo, onde já havia trabalhado como empregado, finalmente, depois que é vencido pelo destino e está só, entrega-se à escrita de sua vida transformando-se de personagem – fazendeiro a personagem –escritor. Proprietário ascendente que passa a proprietário decadente, Paulo Honório visa objetivamente a acumulação de riquezas e mostra-se um reacionário aos costumes, mas é destruído por uma razão de ordem moral: o suicídio da esposa.

Em *Angústia*, Luís da Silva trabalha na Redação de um jornal, elabora versos e tem preparado um romance. É o herói –símbolo da

decadência social, econômica e afetivo- sexual. Economicamente decadente, torna-se um assalariado frustrado do órgão público governamental, acrescido de frustração amorosa da noiva que o abandona por um grandalhão bem sucedido econômica e politicamente. Há uma pálida consciência política nele: visa à destruição do capitalismo.

Já em *Vidas Secas*, Fabiano e o grupo familiar são uns retirantes, destituídos de qualquer fixação de salário e possuem grau ínfimo de conscientização política, almejam e persistem na condição mínima de subsistência do grupo. Eles têm grandes dificuldades com as palavras: mal se expressam no plano oral e também não sabem ler ou escrever.

A caderneta do patrão de Fabiano lhe causava grande aflição: (...) *Graciliano mostra como era aflitivo para o sertanejo ter de enfrentar a caderneta do patrão no final de cada contrato. Fabiano tinha receio da coisa escrita, e a obra inteira de Graciliano é um processo paradoxal aos poderes da letra de fôrma.*¹¹¹

Fabiano define-se a si mesmo como um “bruto”, um “bicho”. No episódio em que é preso, ele é acusado, mas não compreende a acusação e não consegue se explicar, se defender. E imagina que só o homem letrado o poderia fazê-lo: (...) *Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a Seu Tomás da bolandeira, que lia livros. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada.*¹¹²

E, o vaqueiro (a consciência crítica do narrador) identifica a “causa” dessa brutalidade justamente na falta de ensino: *Vivia tão agarrado aos bichos...*

¹¹¹ BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002 p.264.

¹¹² RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2007, p.33.

*Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares (...). Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entender (...)*¹¹³

Assim é que, nesse romance, Graciliano tece uma crítica a um sistema que se enriquece pela manutenção do empobrecimento das massas, e denuncia a estrutura que produz a brutalidade de Fabiano, a sua ignorância em relação ao funcionamento das instituições.

Importa, aos das classes dominantes, os quais também detêm o poder da linguagem, que todos os “Fabianos” continuem sem ter acesso às escolas, ao ensino, à escrita libertadora; para que continuem presos às condições adversas do meio e subjugados pelas pressões sociais e econômicas

*(...) está sempre condicionada pelas possibilidades técnicas e pelas formações econômico-sociais (...). Fabiano, de Vidas Secas, carece do poder da linguagem. Encarcerado no mundo da seca e sem a menor condição de romper com o seu ciclo, habita o ambiente do latifúndio rural e não consegue se contrapor à estrutura sócio-político-econômica por falta dessa mesma compreensão do funcionamento dessa mesma estrutura. Daí, não tem poder de transformar o que está à sua volta. Nas sua extraordinária simplicidade, não é propriamente o sujeito da sua vida. Os seus atos não são fruto de escolha, de deliberação, mas de aceitação da força e do peso da tradição.*¹¹⁴

¹¹³ *Idem*, p.35.

¹¹⁴ PINTO, João Pereira. *A liberdade em Graciliano Ramos* Vaginha, MG:Ed.Alba,2000 p.135,141.

Mas, de acordo com Antonio Eduardo de Oliveira (...) *essa brutalidade interessa aos padrões de Fabiano pois uma verdadeira educação, seria, no limite, libertadora.*¹¹⁵

Os livros de memórias

Como livros de memória, Graciliano escreveu *Infância* e *Memórias do cárcere*. O primeiro conta pequenos acontecimentos da infância do autor no NE brasileiro “atrasado” e “bárbaro” e o segundo, grandes acontecimentos da repressão em massa sobre o povo, na capital do país e no território todo durante a ditadura Vargas.

Os fatos narrados nas memórias pertencem a uma determinada época, a um tempo histórico, portanto. E, como texto memorialístico-literário podem superar o tempo pela universalidade da tradição das experiências humanas reais, no arranjo artístico com que é apresentado. E assim serve como instrumento para o conhecimento da vida.

Graciliano, adulto, narra as experiências que teve como criança (*Infância*) e, tendo passado uns dez /onze anos, desde que fora solto, as experiências do cárcere (*Memórias do cárcere*). Segundo Ubireval

(...) Trata-se de um distanciamento temporal em que o eu presente contempla o eu passado. As falas do mundo e do homem demonstraram as atitudes modificadoras do eu passado para o eu

¹¹⁵ OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. Reflexos de sua personalidade em sua obra. In DUARTE, Eduardo de Assis. *Graciliano revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: UFRN-CCHLA, 1995, p.54.

*atual, vistas sob os prismas dos fatos históricos e culturais, das situações pessoais e de transformação interior do indivíduo mediante o cunho da exemplaridade transmitida (...) Em Graciliano Ramos houve a mudança de descrente dos homens para a de descoberta e confiança em valores humanos nas camadas menos suspeitadas.*¹¹⁶

Para Garbuglio, a importância que a memória assume nessas duas obras de Graciliano, tem muito ver com o projeto da identidade de classe, mediante o qual ele procurava recuperar o passado como história do oprimido:

*Infância e Memórias do cárcere articulam-se como continuidade para libertar o passado daquilo que é sua versão segundo os interesses dos vencedores. É instaurada a empatia com os vencidos, de modo a ressaltar que tais obras, como documentos espirituais, são representações das coisas “ásperas e materiais” da luta de classes. São narrativas dos momentos de perigo que o oprimido enfrentou mas aos quais sobreviveu para testemunhar isso e não qualquer versão (...) Isso implica, na dramatização da matéria narrada, o engendramento de um texto dialógico, onde as vozes nunca se exprimem em mão única, operando, ao contrário, sempre em processo de autoquestionamento.*¹¹⁷

Graciliano Ramos está interessado – e empenhado - em narrar as experiências vividas pelos oprimidos de acordo com a própria versão deles, utilizando uma forma humana de expressão, a literária.

¹¹⁶ GUIMARÃES, J. Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió: Ediculte/Seculte, 1987, p.267.

¹¹⁷ GARBUGLIO, José Carlos et alli. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, Vol. 2) p.101.

Para Graciliano Ramos, como temos afirmado, a arte é uma forma de denúncia e de protesto, é a sua maneira de reagir às atrocidades de um mundo visto como opressor. E, “(...) a ficção é o seu protesto indireto; as memórias denunciam diretamente as falas diversas.”¹¹⁸

Pepetela – leitor de Graciliano

Pepetela afirma, em entrevista, que leu e releu diversos escritores brasileiros, entre eles Graciliano Ramos: *Reconheço grande influência dos escritores brasileiros que lia e relia quando muito jovem: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo. Foram meus mestres.*¹¹⁹

Tanto Pepetela quanto Graciliano, em dado período de suas vidas, estiveram relacionados à política, com algum destaque para a área da educação.

Graciliano Ramos, aos 18 anos quando cuidava da Casa Comercial do pai, na cidade de Palmeira dos Índios, foi convidado para ser professor de curso noturno para habitantes da roça. Em 1927 foi eleito prefeito da cidade. Honesto e rigoroso, atribuiu a todos igualdade de direitos. Recusou favores ou “exceções” à classe dominante (principalmente no tocante a pagamento de impostos e cumprimento das leis.). Construiu o terraplano da lagoa e a estrada de rodagem para Palmeira de Fora; equilibrou o orçamento do município, cuidou da limpeza da cidade, instalou o primeiro

¹¹⁸ GUIMARÃES, J. Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió: Ediculte/Seculte p.249.

¹¹⁹ CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (coord.) *Portanto ...Pepetela* Luanda: Chá de Caxinde, 2002, p.33.

Posto de Higiene de Saúde a funcionar no interior do Estado com recursos locais; reformou o ensino, dotou a instrução primária de novas unidades escolares, aumentou salários dos professores, assim como as matrículas e a frequência às aulas.

Em 1930 renunciou ao cargo de prefeito, mas em 1933 foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas (cargo equivalente ao de Secretário Estadual da Educação). Trabalhou com duas décadas de antecipação ao instaurar medidas, como a merenda escolar, que a partir de 1950 seriam adotadas oficialmente pelo governo federal.

Negou-se a atender as candidatas apadrinhadas ao magistério para a Instrução Pública e instituiu concurso público para efetivar as professoras (tanto as da roça como as da cidade). Em 1936, ainda era funcionário da Instrução Pública de Alagoas quando foi preso.

Quanto a Pepetela, foi recrutado para a luta armada em 1969, combateu na guerrilha e sempre esteve ligado a departamentos de Cultura e Educação. Em 1976 participou do governo angolano como Vice-Ministro da Educação e como Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO. Em 1980 também coordenou a Comissão de Reformulação do Ensino Superior. Em 1982 deixou de ocupar todos esses cargos e em 1983 começou a trabalhar como professor agregado na Universidade Agostinho Neto. Esteve em Berlim, em Portugal e, em 1998 voltou a fixar-se em Luanda, retomando o cargo de professor na Faculdade de Arquitetura.

Como vimos, Graciliano Ramos, em sua obra, buscou elaborar a realidade em sua literatura de modo a fazer dela uma denúncia da estrutura

da ideologia dominante. Se, em sua atuação como homem público, procurou agir de modo a tratar a todos com igualdade de direitos, na sua obra literária, conforme assinalamos, os oprimidos ganham vez e voz – ao mesmo tempo em que revela os “desmandos e abusos” dos dominantes, dos que detêm poder. De igual modo, Pepetela afirmou a literatura ser, para ele, (...) *um instrumento para compreender a realidade*¹²⁰; e, sobre a ficção que escreve, o autor reflete sobre certos problemas que se põem – fundamentalmente o da nação angolana. Pepetela, conforme já assinalamos, também devolveu a voz ao povo outrora silenciado pelo colonizador português. Falando sobre política, o autor afirma: *A minha ideologia não mudou. Eu continuo a ser uma pessoa que pensa primeiro no povo.*¹²¹

Ambos os autores se posicionam, portanto, ao lado dos vencidos (o sertanejo, o iletrado, o colonizado, o povo, enfim) e buscam a construção, portanto, do que temos chamado de “contra-imagem”.

Em toda obra de Graciliano Ramos, seja ficcional ou memorialística, dá-se a preocupação com o homem; Graciliano trata da coisificação para ressaltar a necessidade de resgatar a humanidade do homem explorado. Pepetela redimensiona um discurso crítico sobre a nação angolana, partindo (e voltando) sempre do próprio angolano, de como se construiu uma dada versão de sua história (e dele mesmo) e de como ela pode ser revista para ser (re) escrita numa outra versão.

¹²⁰ LABAN, Michel. *Encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1991, p.775.

¹²¹ CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (coord.) *Portanto ...Pepetela* Luanda: Chá de Caxinde, 2002 p.37.

Graciliano, voltamos a afirmar, produziu uma literatura de cunho social e político centrada na questão da opressão político-social e da decadência da dignidade humana. Pepetela leu Graciliano e também escreveu (escreve) uma obra também de cunho social e político, também se posicionando de modo a ser a voz do intelectual engajado (aquela independente e que se faz ouvir) .

Graciliano Ramos, escritor, sobretudo da região nordeste do Brasil- região assolada pela seca e constantemente espoliada pelos poderosos – tratou da resistência que os oprimidos constroem, sobretudo internamente, na tentativa de “manter” a humanidade, apesar das diversidades. Em *Memórias do cárcere* essa resistência interna está atrelada ao esforço para sobreviver numa situação de perda do estado de direito. Pepetela trata da resistência da nação, através da luta constante do seu povo para, primeiramente, continuar conseguindo sobreviver: (...) *maioria da população, ocupada na legítima e cada vez mais problemática azáfama de sobreviver (...)*¹²² . Aqui, a luta pela sobrevivência está atrelada à luta pelo direito a obtenção de autonomia política. E a essa resistência contínua, diária, Pepetela une a questão da revitalização da utopia. O autor, que tanto tece uma análise da história social e política angolana, como também muitas críticas às instituições angolanas (nas quais se encontra ainda algum ranço colonial), não deixa de demonstrar uma crença na utopia: em seus livros sempre há uma faísca de esperança que se mantém acesa. Há sempre um jovem com uma conscientização mais clara - a luz de Nanga que Kutuala

¹²² PEPETELA, *Jaime Bunda e a morte do americano*, 2 ed., Lisboa: Dom Quixote, 2004, p.9.

“pressente”¹²³ - dos problemas sociais e políticos da Nação que não se deixa levar pela apatia, conformismo ou mesmo pelo “predadorismo”, dos mais fortes sobre os mais fracos, que se abate sobre a nação. E, em se tratando de um jovem, então é porque ainda se pode ter de fato esperança no ressurgimento (ou continuidade?) das utopias que foram sonhadas para a Nação e pelas quais tantos combateram, e morreram. E porque teve Graciliano Ramos por “mestre”, se, em alguns de seus livros, Pepetela expressa o desencanto, não o converte em desistência. Sua literatura, como o tem sido toda a literatura angolana, desde sua origem, é, sobretudo, literatura de **resistência**.

¹²³ PEPETELA, *A revolta da Casa dos Ídolos* Lisboa: Edições 70, 1980, p.156.

4. Os caminhos da desalienação

*A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso;
a palavra foi feita para dizer.*

(Graciliano Ramos)

A desalienação a que o leitor é levado, ao interpretar criticamente o texto lido, chega afinal por que caminhos? Já vimos que o escritor articula sua resistência, no interior mesmo da escrita, na elaboração do texto. A questão que ora nos propomos (e sabemos que não poderemos “responder”, mas apenas, conforme é nosso intuito, tecer algumas reflexões sobre) é : de que maneira fazem isso, Graciliano Ramos e Pepetela em *Memórias do cárcere* e *A geração da utopia* ? Como constroem essas narrativas, memórias e romance respectivamente, de modo a torná-las textos de resistência que por sua vez levem à desalienação?

A geração da utopia - reconstruindo fragmentos

Nossas reflexões sobre essa questão, em *A geração da utopia*, partem da seguinte constatação do Sábio: *Mas continua a haver duas Angolas, Temos de tapar esse fosso, voltar a criar as pontes...*¹²⁴

Há, então, uma divisão que precisa ser novamente “juntada”, um fosso que precisa ser tapado e pontes que precisam ser criadas. Disso se ocupa *A geração da utopia* na medida em que a narrativa está construída de

¹²⁴ GU p.306.

forma que, ao mesmo tempo em que revela , denuncia as várias divisões, também une e reconstrói partes e fragmentos, voltando a criar novamente um todo. A narrativa torna-se o ponto de encontro do que fora partido, dividido.

Espaços e tempos

Em *A geração da utopia*, a narrativa está dividida em 4 capítulos com referências espaciais seguidas de temporais: “A casa” (1961); “A chana” (1972); “O polvo” (1982) e “O templo” (a partir de 1991). Segundo Rita Chaves (...) *De acordo com a proposta de rever e avaliar, o **espaço** secundariza-se , e o ponto fulcral é o **tempo**, elemento estrutural que assume a primazia na condução do processo narrativo.*¹²⁵ Essa primazia do tempo dá-se porque o que se evidencia na narrativa são as transformações por que passam tanto as personagens como os lugares (e a própria História) com o transcorrer do tempo.

Paul Ricouer afirma que (...) *a narrativa coloca consonância onde há dissonância (...) dá forma ao que é informe (...).*¹²⁶ Para ele, ao contar histórias o homem organiza/orienta o curso das ações, já que (...) *toda narrativa é o caráter temporal da experiência humana. E, o que articula a experiência e a ação é a linguagem.*¹²⁷

¹²⁵ CHAVES *Angola e Moçambique – Experiência colonial e Territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005 p.96.

¹²⁶ RICOUER, *Tempo e narrativa* Tomo I . São Paulo: Ed. Papirus, 1994 p.112

¹²⁷ *Idem*, p.15.

É dessa forma que Pepetela procede à articulação de uma resistência ao organizar/orientar, reordenar enfim, as ações das experiências humanas que conta em sua narrativa.

Ainda com relação à questão temporal, observe-se que na narrativa de *A geração da utopia* Pepetela reata duas importantes pontas do tempo: do tempo da CEI ao do pós – guerra de libertação, ou seja, de 1961 – tempo em que se inicia a revolta armada contra o colonialismo com atuações da UPA (União dos Povos de Angola), uma organização que defendia o massacre dos brancos, queimava plantações de café , invadia prisões e matava colonos – a (a partir de) 1991 , tempo em que antigos guerrilheiros se tornaram ministros a aplicar receitas neo-liberais do FMI e , através de privatizações e concessões fraudulentas se transformaram em neo-burgueses. Tempo de catástrofes relacionadas à fome, misérias e a epidemia da AIDS

No entanto, cada período temporal é também marcado por um espaço. Da “Casa”, lugar mais privado ao “Templo”, lugar de reuniões públicas. No meio, o espaço “aberto” “da “Chana”, um *terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta...*”¹²⁸ e o espaço “fechado” do fundo do mar, a “caverna” onde vive o polvo.

Na primeira parte, portanto, estão organizados o tempo e o espaço das reflexões filosóficas, das discussões ideológicas e dos sonhos da geração que, no momento seguinte, irá fazer a guerra. Tempo em que ecoa uma voz que quer celebrar a construção do novo país.

¹²⁸ GU p.121.

A escrita do Outro

Na sua ação de “impor uma ordem”, o colonizador buscou calar a voz dos colonizados e queria que estes falassem exatamente como ele. Pepetela subverte e cria seu próprio modo de falar ao reordenar a língua do colonizador à sua maneira.

Para o examinador português, o autor não poderia usar a palavra *portanto* porque esta só pode ser usada para conclusões. Entretanto, e se em *A geração da utopia*, ademais de subverter e reutilizar a linguagem, o autor estiver fazendo de fato uma conclusão?

Segundo Manuel Rui¹²⁹ a palavra está no começo e no fim de tudo, em seu texto “Da escrita à fala”¹³⁰ afirma que a escrita chegou abruptamente confrontando a oralidade; então a oralidade está ainda no começo da escrita. Ora, ocorre que a história não começa com a chegada da língua escrita, já existia um antes – e é o que está sendo concluído na escrita pelo angolano, o qual usa a língua do colonizador transformando-a numa nova língua, uma nova criação e realizando a passagem do oral para o escrito.¹³¹

Pepetela junta o oral e o escrito, pois a voz do narrador que dialoga com o leitor é o elo que articula o texto em *A geração da utopia*.

¹²⁹ Escritor e jornalista angolano.

¹³⁰ RUI, Manuel. Da escrita à fala. Texto disponível em:

[HTTP://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.php?id=60](http://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.php?id=60) acessado em 29/11/95.

¹³¹ Não como o escritor também angolano Luandino Vieira que introduz expressões próprias da oralidade e em quimbundo em seus textos; aqui estamos tratando da própria articulação do texto por Pepetela.

A conclusão de todo o antes - do tempo da oralidade, portanto, - é que só os ciclos eram eternos: ciclo que inicia com um sonho/desejo/projeto, passa pela fase da luta (e do desencanto), mas volta outra vez ao sonho, ao desejo.

Antes não havia a escrita, o mesmo é dizer que não havia o colonizador impondo sua “nova ordem”. O colonizador chegou e com ele a guerra destruidora também. Se o oral passou ao escrito, a antiga nação, que tinha como característica, entre outras coisas, a reunião em volta da fogueira para ouvir os “mais velhos”, também precisa refazer-se, reconstruir-se através da narração – que é ainda oral e já é escrita. Pepetela flagra e descreve o momento dessa metamorfose (dolorida, como afirma o Comissário Político em *Mayombe*). A narrativa não tem fim nem começo: começa com um fim e o fim remete ao começo.

Mas afinal, onde está o começo e o fim? A personagem Xico Futa, do conto “Estória do ladrão e do papagaio”, de Luandino Vieira, afirma: (...) *Ou tudo que passa na vida não pode-se -lhe agarrar no princípio, quando chega nesse princípio vê afinal esse mesmo princípio era também o fim doutro princípio (...)*¹³² Para a personagem, não adianta querer se agarrar a um princípio porque ele é também já o fim e, ao mesmo tempo, o fim é um novo princípio. Tais reflexões o levam a concluir que não se pode partir o fio da vida. Assim a narrativa de Pepetela: fim e começo interligados, e a história não se pode partir.

E, tal como o tocador que

¹³² VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*, contos. São Paulo: Ática, 1982, p.52.

*desadormece os sons (...) inventa sons do som da flauta e, cada vez mais percebe a infinitude do quissanje, , ou da flauta... Assim o escritor não tira só as palavras significadas, mas labora em cima do instrumento que é a linguagem.*¹³³

Pepetela labora sobre a escrita e “tira outro som”. Começa a narrativa “falando” com o leitor, desde logo este é chamado para a narrativa. E o autor refaz então o ritual antigo, do princípio: em volta da fogueira da utopia começa a “contar os causos” passados em 1961...

Primeira parte: A Casa – Do conhecimento à liberdade

A casa a que o título da primeira parte de *A geração da utopia* se refere, corresponde à Casa dos Estudantes do Império (CEI)

*(...) local que contribuiu para formar, revolucionariamente, centenas de patriotas das colônias portuguesas. Ligada ao movimento estudantil democrático português a CEI até ser encerrada em 1965, sofreu diversas formas de repressão fascista e colonialista.*¹³⁴

¹³³ RUI, Manuel. “Da escrita à fala”. Texto disponível em:

[HTTP://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.php?id=60](http://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.php?id=60) acessado em 29/11/95 p.2.

¹³⁴ ABLAS, Maria de Nazaré Ordonez de Souza. *Conflito de identidades em A geração da utopia e O Esplendor de Portugal*. Tese de Doutorado apresentada a FFLCH – USP Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, (Texto policopiado) 2003 p. 149.

Situada em Lisboa, era o local onde os jovens vindos de diferentes regiões de África se reuniam para expor e debater suas produções artísticas e também sobre seus ideais libertários **de cunho socialista**.

Eram jovens que, com sua intelectualidade, questionavam a problemática social de sua terra. Seus debates ideológicos, no contexto histórico em que estão inseridos, suscitam discussões sobre o racismo, a preparação da luta armada para efetivar a Libertação /Independência das colônias, assim como as bases para a formação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

Em *O Poder Simbólico*¹³⁵, Pierre Bourdieu evidencia o caráter criador/criativo do conhecimento prático fazendo-nos pensar no conhecimento como produto de uma experiência, como construção que se faz através da experiência (...) *pôr em evidência as capacidades criadoras, activas, inventivas do habitus e do agente*(...)¹³⁶.

Ao cumprir - na escrita do romance - a sua promessa, o autor revela seu conhecimento da língua de uma forma criativa: ele não apenas abre o romance com uma conclusiva como o vai terminar (...) *sem epílogo e sem ponto final*¹³⁷. Há assim uma aplicação, um uso prático e criativo da língua, do seu conhecimento sobre ela. Mais do que isso, é já uma (primeira) ruptura com a metrópole.

Os jovens que aparecem na "Casa" têm como projeto libertar Angola do domínio português. Liberdade essa que se almeja em todos os

¹³⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1989.

¹³⁶ Idem, p.61.

¹³⁷ GU 316.

campos e níveis: o político, o social e também o cultural – recuperar os verdadeiros valores do povo angolano e não mais aceitar os impostos pela dominação. Também quanto à língua, o direito de re- utilizá-la à sua maneira. O conhecimento criativo que leva a uma práxis (...) *o lado activo do conhecimento* ¹³⁸, podemos observar nesses jovens quando decidem engajar-se na Luta, ou seja, vêm a necessidade de colocar seus conhecimentos a serviço dessa causa.

Daí o primeiro embate de Aníbal, sendo mobilizado para a Guerra (era oficial do exército), tem que escolher entre desertar para “lutar para o lado de lá” ou fazer o serviço de sabotar as operações dos portugueses:

– *Uma possibilidade é ir para lá fazer o trabalho de sapa. Sabotar as coisas, entende? Pode ser útil para mobilizar os angolanos a lutarem contra o colonialismo e a impedir os civis tucas de massacrarem os patrícios (...). A outra possibilidade, desertar, cavar. Passar para o outro lado. Deve ser mais útil*³⁹

Acaba optando por desertar, porque entende que realmente será mais útil ajudando – com seus conhecimentos - a preparar os angolanos tanto em questões de atuação militar como no processo mesmo da conscientização política: – *Tens preparação militar (...). E tens ideais, o que é ainda mais importante.*¹⁴⁰

Essa postura de Aníbal, de ir para as frentes de guerra lutar com os angolanos pela liberdade, será seguida por outros jovens. Os estudantes da

¹³⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1989, p.65.

¹³⁹ GU p.22.

¹⁴⁰ GU p. 24

Casa que discutem os problemas de Angola também vão colocar seus “conhecimentos em prática”, quando fogem de Lisboa para a França e daí para Angola: *O grupo dividiu-se. Muitos foram estudar para países de Europa. Outros integraram imediatamente os dois movimentos de libertação.*¹⁴¹. Assim é que, ideologicamente colocam suas ideias a serviço de uma “ação crítica”, ou seja, quando enfocamos a ideologia como um modo de trabalhar e pensar a realidade, podemos afirmar, a partir de Jameson, que cada um desses jovens é (...) *um sujeito individual plenamente consciente e que tenta escapar do círculo do condicionamento ideológico por meio da plena lucidez e do controle do pensamento.*¹⁴²

São, portanto, jovens que pela lucidez de uma consciência crítica conseguem se libertar do condicionamento ideológico imposto pelos dominantes. Entendem que é possível e necessária a luta pela libertação e que, juntos ,poderão efetivar esse processo , afinal são(...) *personagens que desenvolvem sua práxis a partir de uma experiência social compartilhada*¹⁴³

A personagem Horácio rejeita o ensino que lhes é imposto da poesia portuguesa e propõe uma aproximação com a poesia brasileira: _ *Por isso vos digo , os portugueses passaram a vida a quererem impingir a sua poesia , temos de a estudar na escola e escondem –nos os brasileiros, nossos irmãos.*¹⁴⁴ Os brasileiros, que já haviam feito a sua independência de Portugal são vistos como “irmãos” e estabelecem –se assim articulações de solidariedade [Benjamin

¹⁴¹ GU p.118.

¹⁴² JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. São Paulo, Ática, 1992, p.293.

¹⁴³ ABDALA JUNIOR, Benjamin. Fluxos comunitários: jangadas, margens e travessias. In *Via Atlântica*, n 8, São Paulo, Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Depto. De Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP, 2005, p.38.

¹⁴⁴ GU, p29.

Abdala Jr.] *Nossos irmãos poetas, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima da que falamos nas cidades.*¹⁴⁵

Através da poesia, Horácio realiza o que Benjamin Abdala Jr. chama de (...) *travessias por fronteiras comunitárias de cooperação.*¹⁴⁶ Navegando por essas margens do conhecimento, Horácio procura influenciar os demais, aconselhava-os a (...) *lerem Durmmond de Andrade (...) tudo estava nele, até a situação de Angola podia inferir na sua poesia.*¹⁴⁷

A Nação angolana está a formar-se já no imaginário desses jovens estudantes. De acordo com Ernest Gellner (...) *a consciência nacional (...) é a inventora de nações onde elas nem existem*¹⁴⁸, assim o conceito de nação não estaria atrelado a fatores como territorialidade, consaguinidade, etnia e etc., é possível “imaginar” a comunidade [Benedict Anderson], pensar a nação como fruto de uma resposta política. Podemos observar em todo tempo o despertar de uma consciência que aponta para a formação da nação, do nacionalismo, como demonstram as diversas passagens seguintes:

*(...)As primeiras leituras de poemas e escritos que apontavam para uma ordem diferente (...)*p.13;*(...)[Sara] tinha pensado sempre em formar-se e voltar logo para Angola. Lá era o seu destino (...)* p.47;
(...)Mais eis que surgem os acontecimentos de Angola e o nacionalismo afirma-se (...) p. 54; *(...)_Sabes o que estás arrisca, Sara? E por quê?_*

¹⁴⁵ GU, p.29.

¹⁴⁶ ABDALA JUNIOR, Benjamin. Fluxos comunitários: jangadas, margens e travessias. In *Via Atlântica*, n 8, São Paulo, Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Depto. De Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP, 2005, p.21

¹⁴⁷ GU, p.29.

¹⁴⁸ ARANTES, Paulo. “Nação e reflexão” in *Zero à Esquerda*. São Paulo: Conrad Editores do Brasil, 2004.

*Sei. Primeiro porque és meu amigo. E mesmo se não fosses, és um nacionalista que vai lutar pela independência do país9...) p.54; (...)*Dr. Américo, um nacionalista declarado que não cobrava as consultas aos africanos(...)p. 14

Angola vai se estruturando nos pensamentos, palavras e posturas – a Nação vai se construindo no imaginário. Já são ou se sentem nacionalistas “declarados”, capazes de arriscar e de lutar pela liberdade e independência dessa pátria que lhes acena como o “seu lugar“, o seu destino.

São jovens vindos de várias regiões, mas há um sentimento [uma consciência] comum capaz de uni-los nessa “comunidade imaginada” que aponta para uma Nação plural: eles têm a consciência de que são vários e que estão em transformação e, através da imagem política que constroem, podem reunir esses “pedaços de nação” para a sua construção. Como afirmou o poeta Manuel Rui (...) *Eu estou aqui. E só posso identificar-me “eu” - comigo próprio – quando me assumo presente e me identifico ao mesmo tempo plural. Nada poderei criar sem os outros*¹⁴⁹

Na primeira parte, “A Casa”, as personagens estão reunidas e iluminadas pela luz da utopia/fogueira, há a primazia da coletividade: a voz do narrador reúne, agrega, alcança a todos. Ressaltam-se as marcas da angolanidade: na música, na poesia, nos diálogos dos jovens, nos temas e questões debatidos por eles. O narrador se evidencia, é o que “conta” a história – é como se o oral sustentasse a escrita (afinal estão interligados e o princípio de um é o fim da outra, que é também princípio). Trata-se de

¹⁴⁹ RUI, Manuel. Entre mim e o nômade – A flor In *Documento da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos*. Luanda: UEA1981.

um narrador múltiplo, que faz uso do discurso indireto livre , capta e reúne todos na sua voz; assim , através do narrador sabemos os pontos de vista, as ideias, os pensamentos e os anseios íntimos de cada jovem.

No entanto, os momentos seguintes serão de silêncio. Diluída, dividida, “aquela geração” agora são homens solitários perdidos em seus próprios pensamentos.

Os jovens passaram do estado de interpretar o mundo para o de tentar transformá-lo de forma revolucionária, mas seus projetos gestados numa aposta socialista fracassaram no plano da luta concreta.

O tempo dos sonhos e da crença nas utopias parece ter passado. Em seu lugar, tempos difíceis de uma guerra contínua com destruição das cidades, massacre dos campos, violência por toda parte, egoísmos e desencantos.

Para se chegar enfim, ao tempo da voz de Dominus, tempo no qual tem lugar técnicas de histeria coletiva e hipnoses.

A narrativa de Pepetela reúne e orchestra todas essas vozes para o leitor. Ao reatar as vozes da casa e a de Dominus , percebemos a diferença dos que falam em conjunto, expressando uma unidade – a qual permite expressão das diferenças - e a voz dos que querem de fato dominar e “induzir” as ações dos demais.

Na “Casa” o autor dá vez e voz a todos os jovens: sabemos o que pensa e como age a sensata Sara; a crítica Marta; a inocente Fernanda, o (já sábio) Aníbal e etc. Não são vozes que se expressam separadamente como em *Mayombe*, quando cada personagem assume a narrativa apresentando-

se como o narrador; aqui “ouvimos-lhes” as vozes como no burburinho da própria agitação dos ambientes em que circulam os jovens: na casa propriamente dita, no cinema, nas ruas.

Em “A Chana” e em “O Polvo”, é no interior de Mundial e de Aníbal, respectivamente, que o autor penetra. E nos mostra o embate interno que, no caso eles dois – mas certamente todos os outros também – tiveram que travar : a dúvida de que caminho seguir : o da realização de suas próprias conquistas ou o da luta ainda pela libertação social de seu país, ou seja, lutar pelos ideais coletivos propagados na CEI ou aproveitar as oportunidades e garantir o próprio futuro.

Assim é que, nessas segunda e terceira partes, a primazia é a do indivíduo. As pessoas saem da roda e caminham sozinhas, sem a luz da fogueira. Travando seus embates individuais, escolhem e traçam seus próprios caminhos.

Os caminhos de Vítor na Chana

O capítulo da Chana começa com uma descrição da chana: *Ainda o deserto e O homem é um ponto minúsculo na chana..* O autor conta, então, a história de Mundial e de como escolheu o caminho que quis seguir. Seu primeiro passo: afastar-se do povo

(...) As colunas do povo não tinham comida, procuravam-nas nos paus, eram pesos inúteis. E ainda por cima acabaria por ter de dividir com elas os restos de sal perdidos nos forros dos bolsos. Por isso

*evitava-as , fazendo acampamento longe delas, desviando a rota se via alguma à sua frente. Não tinha remorsos (...)Há muito tempo deixara de se questionar, como antes fazia, quando se considerava um intelectual.*¹⁵⁰

Perdida, pois, a condição de “intelectual”, o indivíduo passa a pensar em si mesmo, em sua própria sobrevivência. Nada de aproximar-se do povo , muito menos dividir a comida com ele.

Quando o grupo dele foi apanhado em uma emboscada, ele perdeu-se dos demais e acabou ficando só. Na solidão da noite recorda-se das conversas que tivera com o Sábio e de como este lhe contara como conhecera Mussole – na xinjanguila, dança cujo segredo está na *interação entre o coletivo e o individual (...)* o coletivo é fundamental.¹⁵¹

Assim fora sempre o Sábio a defender o coletivo/ o povo e , Mundial, a individualidade. O Sábio a falar no “angolano”, querendo unificar e fugir ao “tribalismo”, ao apego às etnias , aos regionalismos. E Pepetela nos faz ver, então, como o Sábio entendia a necessidade de tapar os fossos abertos:

— *Está bem, Sábio. Nós é que estragamos a guerra, somos os oportunistas. Vocês não cometeram erros, eram os bonzinhos que nos vieram ensinar a guerra (...)*

¹⁵⁰ GU p.124.

¹⁵¹ GU p.126.

_ Deixa de ironias. E não te coloques em posições regionalistas. Por que dizes “você” e “nós”? Pões-te também do outro lado da barreira? Estás só a criar um fosso entre nós...¹⁵²

Fica claro que os fossos, as divisões, já se acentuavam no interior do Movimento, no período ainda da luta contra o inimigo comum – os portugueses, e se perpetuavam no período pós-independência.

Sábio sempre a defender que a guerra retomasse o seu sentido para que os homens deixassem de ser mercenários e voltassem a ser guerrilheiros. Mas Mundial caminha em sentido oposto e escolhe os caminhos da rendição e do oportunismo.

Em momento de grande aflição, na chana, decide que vai render-se ao inimigo:

(...) É estranho, pensa ele, como uma existência de anos se pode decidir em um segundo (...). Agora sim, acabou tudo (...) Quando atravessou a picada para beber água nem se preocupou com os rastos, pensava estava longe do Posto, nem sequer olhou para a esquerda. Assinei a minha sentença de morte. De morte, não,. Posso render-me já. Digo que me vinha entregar, mas estava à espera da noite, pois tinha medo que abrissem fogo ao me verem (...) Os soldados estão à sua frente. É agora. Vai levantar-se para chamar. Adeus guerra, adeus Movimento, vou para a paz.¹⁵³

¹⁵² GU p.144.

¹⁵³ GU p.162.

Vitor está a despedir-se da guerra, do Movimento. Viera para a luta depois de grandes discussões políticas na Europa que por fim o enfadaram *Fez um rápido treino militar e foi integrado na guerra, primeiro como formador político, depois como responsável a nível zonal.*¹⁵⁴

A verdade é que nem mesmo chegara a “comprometer-se” com o Movimento – buscava sempre o caminho do prestígio (que alguém levasse a sua mochila, por exemplo, para que ele mantivesse uma postura de superioridade) e discordava das colocações do Sábio. Mas, perdido na mata, só e com fome, a rendição pareceu ser o caminho afinal mais lucrativo para ele e a forma de escapar da morte. Poderia, num último esforço, ainda, matar alguns soldados inimigos, mas também desiste: *Pode fazer fogo e matar uns tantos. Mas para quê? E os outros? A guerra acabou, tudo acabou, só há que render-se.*¹⁵⁵ Salvo, no último instante, pela chegada de um alferes ao Posto, Vitor não precisa mais render-se naquele instante. No entanto, continuará trilhando o caminho da rendição e se renderá à corrupção, às mentiras, ao abuso do poder, ao “cada um por si”. Desiste da guerra, do Movimento, da utopia enfim.

Resgatado por outro grupo, Mundial participa como ouvinte das discussões internas sobre dirigentes políticos e tribalismos e põe em prática um plano para promover-se. Elabora um discurso conciliador para que fique a idéia de que ele sim seria um bom representante. Quando parte daquele lugar, já está seguro do que vai acontecer: *Havia um motivo suplementar para chegar rápido à fronteira (...). Atrás deixara*

¹⁵⁴ GU p.32.

¹⁵⁵ GU p.162.

*admiradores que iam passar o mujimbo a outros (...)Em breve o seu nome estaria feito.*¹⁵⁶

Agora era mesmo que só pensava em si mesmo, estava totalmente aberto o fosso entre o sonho coletivo e a realização individual:*Naqueles tempos longínquos , em que perseguia, imbecil que eu era, um sonho coletivo.Em que a ideologia o fazia tudo enfrentar com fé religiosa de missão*¹⁵⁷

Com esta perspectiva, Mundial vê à sua frente um futuro bem sucedido, com o passado e o sonho coletivo definitivamente enterrados na areia da chana:

*Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o Sábio?*¹⁵⁸

Na barreira então criada estava certo o lugar dos oportunistas, mas,e os dos sonhadores , dos que escolheram o caminho de continuar acreditando nos ideais coletivos ?

Para reatar a outra ponta e mostrar o que sucedeu aos que escolheram este outro caminho, Pepetela no próximo capítulo, tratará de Aníbal, do que lhe sucedeu por fim.

¹⁵⁶ GU p179.

¹⁵⁷ GU p.180.

¹⁵⁸ GU p.186.

Aníbal, o caminho da resistência

Dado como morto no final do capítulo anterior, em “O Polvo”, o Sábio aparece morando sozinho, um exilado em sua própria ilha (Benjamin). É o local onde se relacionará com mulheres, reencontrará Sara e matará o polvo – lembrança aterrorizante da sua infância.

O primeiro encontro de Aníbal com o polvo dera-se quando ele era ainda criança. Fora passar as férias na casa de um tio em Benguela e mergulhara na água fria e limpa do mar da praia Caotinha, que ficava ao sul. Contando o episódio para a sua amiga Sara, ainda na primeira parte do romance, Aníbal descreve o encontro com o polvo como algo assustador e que marcara a sua vida para sempre:

(...) Não te digo. Apareceu-me um polvo gigante. (...) Foi o maior susto da minha vida. Não sei como cheguei a terra, não me lembro de nada. Só ficou a imagem de um polvo espantoso com todos os tentáculos virados para mim. Hoje ainda, quando tenho pesadelos, aparece esse polvo.¹⁵⁹

Observe-se que o animal é descrito por ele como sendo “gigante” e espantoso. No entanto, ficara também a promessa de um novo reencontro:

Pois jurei que um dia haveria de lá voltar, equipado, para matar o polvo¹⁶⁰

Aníbal reencontra o polvo 30/40 anos depois. Nesse ínterim, realiza a travessia da guerra de libertação angolana. Devido à sua postura e suas idéias sempre coerentes, recebeu a alcunha de **Sábio**.

¹⁵⁹ GU p.23.

¹⁶⁰ GU p.23.

É com esse desencanto que encontramos Aníbal exilado em sua ilha, na Caotinha. Feita a independência política, aniquilado o inimigo comum, não é com uma Angola justa e igualitária que Aníbal se depara.

Destacamos que, ao fim de sua travessia da guerra e, apesar do desencanto, Aníbal ainda mantém a sua integridade pessoal. Não se corrompeu, não tirou proveito/vantagens de sua posição como líder durante a guerra e não o faz agora, depois da guerra. Mantém sua integridade e os valores que sempre defendeu, ou seja, permanece um ser **não-alienado**, na concepção trabalhada por Marx nos *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*¹⁶¹ Marx defende uma relação de **autenticidade** entre os homens e o seu objeto ou produto de trabalho. Aqui, estamos nos referindo ao trabalho sobretudo político de Aníbal no qual ele procurou manter-se sempre autêntico.

Assim, Aníbal trilhou novos e vários caminhos que o levaram cada vez mais a um autoconhecimento, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades subjetivas. Segundo Bourdieu o conhecimento é um produto de uma experiência/uma construção que se faz através da experiência.. Assim, através da sua experiência e de sua atividade autoconsciente (Marx), de sua práxis/hábitus, Aníbal construiu seus conhecimentos. Munido desse conhecimento, Aníbal está preparado para o reencontro com o polvo.

¹⁶¹ MARX. Karl. "Apêndice", Apud. FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 3ªed. São Paulo: Zahar Editora S.A, 1983.

A imagem do polvo gigantesco mesclara-se a outros fantasmas (como o do desencanto político e social de Aníbal). Para Benjamin Abdala Jr., Aníbal:

(...) vai penetrar num cavernoso labirinto marítimo de caráter simbólico, para eliminar o seu “minotauro” abissal – um polvo gigante (imagem de um Estado opressivo, com seus tentáculos)¹⁶²

Tornou-se, portanto, totalmente necessário aceitar o desafio, este embate interno. E, ao fazê-lo, tem o **impulso utópico** que pode levá-lo ao reino da liberdade.

De acordo com os conceitos trabalhados por Bloch a respeito da utopia, o indivíduo é despertado por um impulso que se transforma em desejo: *(...) esta tendência impulsiva para um objeto é que permite a transformação qualitativa do impulso em desejo¹⁶³* Quando mergulha nas águas e encara seu fantasma, vem à tona outra imagem de sua infância: a de um jovem trabalhador negro sendo espancado bruta e injustamente por policiais brancos: *Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar ordens de ataque nos combates que percorrera na vida¹⁶⁴*. O polvo gigante, o espancamento do jovem e os “demais combates que percorrera na vida”, tudo ganhava a forma do polvo escondido na gruta. Por isso a necessidade de matá-lo para enfim desprender-se, libertar-se. Como assinala Benjamin Abdala Jr.:

¹⁶² ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas sobre a utopia, em Pepetela. In *De vôos e ilhas Literatura e Comunitarismos*. São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2003, p.245.

¹⁶³ MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch – Filosofia da Práxis e Utopia Concreta*. São Paulo: Edunesp, s/d, p.31.

¹⁶⁴ GU p.248.

*Importa se colocar em movimento*¹⁶⁵. Esse movimento em direção ao polvo – e a morte do mesmo – é o impulso que leva a uma transformação, a uma nova etapa em sua vida:

*(...) A partir desse momento catártico, o herói se revitaliza – fato que lhe permite amar com plenitude uma antiga companheira dos tempos da Casa dos Estudantes do Império (...) No labirinto maior de seu país, pode então vislumbrar alguma luz em novos atores sociais jovens que parecem ter gestos próprios, diferentes, mas equivalentes aos de sua geração*¹⁶⁶.

O polvo de Aníbal se transforma, enfim, em “polvinho” após a sua morte: “*Puxou-o para fora e viu então que era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera (...) Não deixas de ser um polvinho.*”¹⁶⁷

Liberto, encontramos Aníbal ao final do capítulo acariciando o tronco da mangueira e conversando com ela: (...) *na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia, dormitando.*¹⁶⁸ Para Rita Chaves: *A alusão a essa força no fim do capítulo exprime a hipótese de que, adormecida, a utopia pode um dia acordar*¹⁶⁹.

A seguir à morte do polvo, o que fica em Aníbal é apenas a sensação do vazio: (...) *Ficou muito tempo deitado, vazio de pensamentos. Sentia-*

¹⁶⁵ ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas sobre a utopia, em Pepetela. In *De vôos e ilhas Literatura e Comunitarismos*. São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2003 p.18.

¹⁶⁶ *Idem*, p.246.

¹⁶⁷ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.249

¹⁶⁸ GU, p.253.

¹⁶⁹ CHAVES, Rita *Angola e Moçambique – Experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005 p.102.

*se definitivamente vazio (...)*¹⁷⁰ Matara o polvo mas não se sentia feliz, orgulhoso. Como se faltasse alguma coisa, ou, como se a morte do polvo - “polvinho” - não fosse afinal o mais importante. Daí o vazio e a desilusão. E mesmo se poderia dizer em relação a Angola: o sonho coletivo não se realizara afinal; mesmo com a guerra a sociedade mais justa e igualitária não fora construída. Ao contrário, o que se via era uma sociedade (...) *marcada pela corrupção, pela falta de escrúpulos, pela irresponsabilidade social*¹⁷¹.

Após matar o polvo, Aníbal volta para casa e lá se embebeda. Algumas mulheres vão visitá-lo. Primeiro Nina, a jovenzinha filha de seu amigo, que vivia a provocá-lo. Ele a leva para o quarto e deita-se com ela e, embora fosse a primeira vez da garota, ele não consegue lhe dizer nenhuma palavra ou fazer-lhe qualquer gesto de ternura. Nina parte, prometendo ser para sempre, pois irá embora com um candongueiro.

Depois, no mesmo dia, aparece Marília, uma mulher de Benguela que ia ter com ele de vez em quando. Mas ele também a trata mal nesse dia, ela passa a noite sozinha no quarto dele e também vai embora no outro dia prometendo ser para sempre.

Nina e Marília, duas mulheres: a primeira nova mas com futuro incerto, e a segunda, mais velha e com um passado pouco conhecido. O autor junta-as na narrativa nesse mesmo instante para mostrar que são, afinal, como as duas Angolas divididas: a nação recém-liberta, mas sem grandes perspectivas para o futuro e a outra, antiga e tradicional mas com suas experiências e tradições lançadas ao esquecimento.

¹⁷⁰ GU p.250.

¹⁷¹ CHAVES, Rita *Angola e Moçambique – Experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.p.101.

Sara – o caminho de encontro ao Outro

No entanto, entre uma mulher e outra, está Sara. O caminho escolhido por ela será o de ajudar sempre aos pobres e necessitados, o de buscar o Outro para conseguir encontrar-se. Na Casa, ainda como estudante, ajudava o doutor Armênio, médico da Casa, nas consultas e também aconselhava sempre um ou outro: *Fazia, pois, duplo estágio, no hospital e na Casa. Preferia este último, sem dúvida. Por se tratar de ajudar os conterrâneos?*¹⁷²

Mais tarde, já formada, tendo passado o período inicial da guerra, vai visitar Aníbal na Caotinha e ele a leva para conhecer o kimbo dos deslocados. Lá encontram pessoas muito pobres a sofrer de fome e doenças, principalmente as crianças (...) *em elevado estado de desnutrição*¹⁷³ como ela constata. Sara logo se propõe a fazer algo por eles: *Vou falar ao delegado da Saúde. Pelo menos uma vez por mês tem de vir uma equipa médica.* ¹⁷⁴. Sara fala ao delegado que se compromete a falar com a Cruz Vermelha para pedir uma assistência mais regular.

Será ainda Sara quem caminhará na praia, em direção a Aníbal para consumarem, enfim, um amor esperado por vinte e cinco anos: *Quando me propuseste o banho de mar, percebi que se aceitasse, ia finalmente acordar aquilo por que tanto esperara. E que mais uma vez, a iniciativa tinha de ser minha* ¹⁷⁵(...) Para encontrar-se, para sentir-se feliz – Sara caminha em direção ao amor

¹⁷² GU p.14.

¹⁷³ GU p.213.

¹⁷⁴ GU p. 214.

¹⁷⁵ GU p 217-218.

tanto tempo adiado, Sabe que é no encontro com o Outro, sempre, que encontrará o que pode fazê-la feliz realmente. Por isso ajudou os jovens na casa, para isso tornou-se médica e saiu de Lisboa e foi para Angola – seu “verdadeiro” lugar.

Na consumação do ato sexual, Sara declara: (...) *como duas sempre fui em relação a ti, a que te queria e ao mesmo tempo desejava outro, porque demoraste tanto a dar este passo*(...) ¹⁷⁶Sara – angolana, Sara-Angola: uma dividida em duas, a da terra e a que os pais queriam estudando em Lisboa, a que desejava Aníbal e a que teve o filho com Malongo – como a própria Angola : a terra dos angolanos com seus verdadeiros valores e a invadida /entregue a outro. Mas Sara finalmente caminha em direção a Aníbal, encontra-se e está pronta para viver sensações novas: (...) *e me anuncia sensações novas que sempre desejei e temi, dividida toda a vida*(...) ¹⁷⁷

Para Aníbal, não será com os partidos políticos que Angola conseguirá essa unidade: *Os partidos são feitos para dividir, não para unir* ¹⁷⁸, tampouco com uma religião como a do Dominus. Quem sabe com um caminho que leve ao encontro do Outro, como fez Sara. Como faz Pepetela ao escrever *A Geração da Utopia*.

¹⁷⁶ GU p.217.

¹⁷⁷ GU p.217.

¹⁷⁸ GU. p.306.

Mukindo – a voz da contestação

Mukindo apareceu no capítulo dois, “A Chana”. Ele fazia parte do grupo que “resgatou” Vitor perto do Posto. Àquela altura era então um jovem contestador, em volta da fogueira (da luz da utopia que ainda brilhava para ele) discute com os demais sobre os rumos da guerra. Para ele os maiores problemas da guerra eram o tribalismo que acirrava as disputas, os conflitos internos, e o desprezo que se tinha pelo povo, uma vez que este, enganado, já não acreditava (e por isso não ajudava) mais no Movimento, nos guerrilheiros. Com sua visão clara e contestadora, Mukindo tece reflexões críticas: *O povo é como tronco de árvores. Todos se apóiam a ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa, só os frutos.*¹⁷⁹ Ponto de vista similar ao do Sábio quando comparou o povo a pobres massas amassadas!

Por ocasião dessas reflexões ao pé da fogueira, Mukindo foi repreendido pelo chefe várias vezes:

*Deixe camarada, disse Sangue Forte. Esse Mukindo não sabe o que diz, é mesmo assim.(...) Antes de se deitar, o chefe segurou Mukindo por um braço e ralhou com severidade*¹⁸⁰. Mas o jovem se defendera: *Não sei o que digo, camarada chefe? Sei muito bem. E o que digo é o que o povo diz, é a mesma coisa.*¹⁸¹

¹⁷⁹ GU p.176.

¹⁸⁰ GU p.172 e p.176.

¹⁸¹ GU p.171.

Mukindo falava como o povo porque “sentia” como o povo. Não estava, como Vitor, preocupado em ser promovido. Pensava, sim, na guerra, que ela devia avançar – que os dirigentes, seja lá de onde fossem, - deveriam fazer a guerra avançar e cumprir as promessas feitas ao povo. Mas tal como o povo, Mukindo também não seria ouvido, não terá vez. Seus feitos, sua resistência ficarão apenas no passado, nas lembranças. Uma mina o atingirá e ele se tornará apenas um aleijado à espera de uma prótese. Sua resistência será como a do mbambi, caçado e morto pelos guerrilheiros que acompanhavam Vitor até a fronteira. O animal levava um tiro na perna e, mesmo com *seu sangue se esvaindo, ainda tenta correr para salvar-se. Resiste até o último instante Tremenda resistência, pensou o Mundial. Tal é o apego a uma vida miserável* ¹⁸²

Mukindo perdera a perna no Cuando-Cubango, em 1979 , numa explosão de mina, cortaram-na no hospital e vivia esquecido, à espera de uma prótese. E indaga-se: *Vou andar toda a vida de muletas?*¹⁸³ Mukindo mutilado e esquecido. Como o povo, como a própria nação. Perdida a perna utopia na guerra, o destino da pátria seria o de andar à espera de muletas para sempre? Além de pernas, corpos e vidas – a guerra destruiu sonhos e calou vozes contestadoras como a de Mukindo. Vozes só ouvidas novamente através da escrita de Pepetela . Em *A Geração da Utopia*, Vitor, Aníbal, Sara, as outras mulheres e Mukindo, são como as várias faces da nação angolana: a política “rendida” à corrupção , o esquecimento das necessidades do povo, a necessidade diária de lutar pela sobrevivência , a

¹⁸² GU p. 185.

¹⁸³ GU p.238.

divisão em duas – a urbana e a tradicional – e que precisam , urgente, de pontes para uni-las (pontes feitas de pessoas como Sara – capazes de caminhar ao encontro do Outro), a da resistência que insiste em caminhar ainda que lhe faltem pernas, ainda que com muletas. Ao reunir todas essas faces em sua narrativa, Pepetela reconstrói a Nação e lhe devolve, assim, a sua unidade.

O Templo – uma voz de alienação

Na quarta parte, “O Templo”, não há mais que sombras do que fora a luz da fogueira da utopia. Os indivíduos que saíram a caminhar, cada qual em uma direção, e travaram seus embates individuais, são agora reunidos de novo pelo narrador que tenta retomar a voz na narrativa. No entanto, ela é invadida pela voz de Dominus – o qual é apenas um repetidor de palavras e não um “contador de histórias”. Mero repetidor, mas Dominus fala sem parar e preenche todos os espaços sem deixar respirar nem refletir.

Dominus é o “deus” apregoado por Elias na igreja da Esperança e Alegria do Dominus fundada por ele em Angola com a ajuda política de Vitor. Elias convence o senhor Ministro a investir e dar sua contribuição para a igreja com o argumento de que

(...) com as crises econômicas, com a perda da utopia de libertação política ...os jovens desempregados e sem instrução, a delinqüência e insegurança, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a

*única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não têm ou que nunca tiveram.*¹⁸⁴

A falta de utopias, ou antes, a **descrença** nela que os dominantes insistem em acentuar e perpetrar nos dominados, leva estes a buscarem um caminho, um amparo, uma solução para suas vidas na religião. Por isso Elias insiste com Vitor que sua Igreja será um excelente investimento a “força” do futuro: *Os políticos vão namorar-nos porque seremos a força.*¹⁸⁵

Elias oferece o caminho de Dominus e o primeiro grande culto da Igreja da Alegria e Esperança do Dominus realizou-se num cinema, numa manhã de domingo. É quando Dominus, o próprio Elias que age como seu representante, porta-voz, toma posse da fala. Dominus assume o controle do culto e da narrativa. Só ele fala, e ele fala tudo. É o grande dominador, o que domina as mentes, os sentimentos, os gestos, tudo. Sua “voz” invade a narrativa para tentar impor-se, o universo de sua fala açambarca tudo e a todos. A “fala” de Dominus esteve em todos os lugares, tudo sabe, tudo vê, a respeito de tudo pode falar. As pessoas não falam nada, apenas ouvem a voz de Dominus/Elias e dançam ao som da música. Depositam seu dinheiro, o qual é imediatamente recolhido.

Dominadas pelas palavras que de fato queriam ouvir, as pessoas nada dizem, nada questionam. Apenas absorvem o que lhes é dito por Dominus e o obedecem cegamente. Dominus não para de falar, de repetir seus ensinamentos sua teoria de como é bom para todos ser seguidor de Dominus. Diferente da voz do narrador que agrega e busca construir uma

¹⁸⁴ GU p.288.

¹⁸⁵ GU p.288.

unidade, a voz de Dominus ecoa no caos e traz em si a marca da fragmentação.

No grande incêndio – provocado pela guerra- da utopia, restaram sombras, fumaças , que é por onde as palavras de Dominus se diluem . Angola está dominada pela corrupção, os Mukindos - vozes dantes contestadoras, agora são silenciadas, caminhando capengas à espera de um auxílio que não vem. Não vem porque depende de homens como Vitor - comprometidos politicamente com seus próprios interesses – e não com os do povo. Porque Angola tornou-se palco para atores como Malongo o qual aproveitara-se do sistema econômico para enriquecer (Rita,103) .

Rico, Malongo sentia-se um “branco”: *É, virei branco, mas só o noto aqui na terra.* Um branco com direito a humilhar e explorar os negros da terra como fez com seu criado João: *Você não aprende, não é, seu negro burro.* Malongo bate em seu criado e ainda acrescenta: *Dei-te uma chapada para aprenderes, pois os negros burros como tu só aprendem à porrada.* Mas João responde: *“Você não é negro também? Parece colono, pior que colono”*¹⁸⁶. João sabe que o outro não tem o direito de lhe bater e, despedido por Malongo, volta ainda para reclamar o salário a que tem direito pelas semanas em que trabalhou. João sabe de seus direitos, sabe que *Tempo de colono acabou*. Crê no novo tempo, com mais justiça e igualdade tão apregoado pela revolução. No entanto, Malongo não acredita nesse novo tempo e desafia mesmo os direitos sociais que se possam ter adquirido: *“E não viessem com os direitos*

¹⁸⁶ GU p. 291-293.

*sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país.*¹⁸⁷

Para Malongo as reivindicações da Revolução já faziam parte de um passado – acabaram-se junto com a Revolução. Nada de igualdade. Saiu com seu carro luxuoso e desligou o ar condicionado para que o “fumo pestilento” de uma grande lixeira - por cima da qual pessoas pobres se moviam – não entrasse em seu carro e o contaminasse. Há um claro contraste entre sua vida abastada e esses pobres na lixeira e no mercado. Malongo mantém os vidros fechados. Não atende à mulher ou às crianças que lhe pedem algo. Não tem nada que ver com essas pessoas, nem com o homem acusado de ladrão e que é carbonizado. Não se interessa pelos pobres, o Outro não lhe diz respeito. Angola tornou-se palco para os desmandos de aproveitadores como Malongo e está fragmentada (...) *consagra-se a diluição de qualquer sinal na direção de uma sociedade mais justa... Sob essas sombras, a narrativa vai se aproximando do final.*¹⁸⁸

Diluído o projeto de justiça e igualdade, dividida, Angola é um conjunto de cacos e fragmentos pelos quais ecoa a voz de Dominus. Se falta às pessoas um projeto sólido, a Igreja de Dominus oferece-lhes a sua doutrina que *vai de acordo com o que pensam ou desejam as pessoas*¹⁸⁹. E, assim, não agrega as pessoas num projeto que as leve a uma práxis revolucionária em que continuassem a lutar pela defesa e manutenção de seus direitos (como fizera João diante de Malongo) procura simplesmente

¹⁸⁷ GU p.294.

¹⁸⁸ CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique – Experiência Colonial e Territórios literários*. São Paulo: Ateliê editorial, 2005 p103.

¹⁸⁹ GU p. 283.

efetuar uma reunião de pessoas . Não estão unidas por um ideal, apenas reunidas por um mesmo desejo de uma palavra de apoio, de ânimo. E é o que Dominus lhes dá, preenche-lhes assim os vazios, invadindo-os por dentro e por fora. Manipulados pelo “show” do culto, pela música, dança e pelo discurso indutivo do bispo Elias, as pessoas saem do Luminar *Batendo os pés e as palmas (...) em cotejos se multiplicando como no carnaval, do Luminar partindo felizes para ganhar o Mundo e a Esperança.*¹⁹⁰

Enfim, na nova nação recém liberta do domínio do colonizador português, mas igualmente dividida entre dominados e dominantes, exploradores e explorados, a Igreja de Dominus promete ao povo o que ele mais quer e precisa: o Paraíso aqui e agora:

*(...) enquanto na platéia as pessoas repetiam (...) a mesma ladainha (...) e o Bispo aproveitara para falar da necessidade de acreditar no futuro coletivo, não no paraíso depois da morte, mas agora, imediatamente, porque o futuro era apenas feito de presente e o presente devia ser vivido com prazer(...)*¹⁹¹

A Igreja atua como uma instituição reificada que contribui para manter as pessoas alienadas, incapazes de realizar a aut mediação (Mészáros). Sem perspectivas, as pessoas aceitam a promessa de paraíso imediato a qual lhes preenche a falta de horizontes. Segundo Mészáros, a alienação fragmenta o corpo social em indivíduos isolados. A igreja de Elias tem uma acolhida comunitária, o indivíduo abandonado pelo Estado,

¹⁹⁰ GU p. 316.

¹⁹¹ GU p.313.

isolado, sozinho com suas necessidades e problemas, sente-se então coletivo, parte de alguma coisa, por isso atende ao chamado da Igreja.

O narrador – a voz da conscientização

Mas a história não se encerra com Dominus – ele não é o fim de tudo. *Por entre os espaços mínimos, a literatura angolana que se consolidou com o projeto da libertação, vai encontrando brechas para driblar a desesperança.*¹⁹². A voz do narrador reaparece para dizer que o domínio de Dominus não é total, ele retoma a palavra para encerrar a história. Embora não encerre de fato, porque, como já afirmamos a conclusão da história é na verdade o seu começo. E o começo era o narrador falando com o leitor – a busca do Outro para lhe falar, como Sara fizera com Aníbal - a literatura encontrando brechas para vencer a desesperança.

Se Pepetela (re) produz a nação em sua narrativa e se ambas, Angola e narrativa, são invadidas por Dominus (os novos predadores que sugam e destroem a terra), estará então na “conversa” com o leitor o caminho a ser percorrido? Ele conscientizar-se-á através da literatura (da “conversa” com o narrador)? Manuel Rui afirma que em determinado momento o leitor pensa que está mesmo a “ouvir”: *(...) posso conseguir iludir de prazer o leitor de maneira que ele se instale na estrutura do meu texto com a sensação*

¹⁹²CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique – Experiência Colonial e Territórios literários*. São Paulo: Ateliê editorial, 2005 p.106.

de que não está a ler, mas alguém lhe está a contar uma estória ? ¹⁹³. O leitor passa então a ouvir e, sensibilizado pelo que lê/ouve, pode desalienar-se e fugir / escapar da dominação- do domínio que quer impor os muitos “Dominus” que continuam surgindo.

Já afirmamos que a narrativa de *A geração da utopia* é o ponto de encontro do que fora partido. Trata-se da articulação de um texto no qual os acontecimentos se ligam no tempo e no espaço formando uma totalidade, um conteúdo com um desenvolvimento temporal onde o presente articula o passado e o futuro. O presente é, ao mesmo tempo, ponto de chegada (do passado) e de partida (do futuro), pois, é através das ações do presente que o homem pode operar transformações.

As situações e os tempos vividos mudam, mas voltam a intersecções no presente, por onde recomeçam – para recuarem ao passado já modificadas – assim se formam os ciclos, identificados pela renovação.

Então, o presente de “A Casa” é o passado para o presente de “A Chana” e de “O polvo”, os quais por sua vez, serão o passado para o presente de “O templo”. Vimos como em “O Polvo” o polvo – passado-retornou ao presente modificado: de “monstro da infância” o animal é reduzido a mero “polvinho/bichinho”. E, se da outra vez assustara Aníbal fazendo-o carregar sua imagem durante anos, agora Aníbal combateu-o frente a frente para matá-lo e depois trazê-lo ínfimo e vencido à superfície.

¹⁹³ RUI, Manuel. Da escrita à fala. Texto disponível em:
[HTTP://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.phd?id=60p.4](http://ciberdúvidas.sapo.pt/php/português.phd?id=60p.4) Acessado em 25/11/95.

As pessoas também perfazem o ciclo e vão se modificando. O importante é não deixar que os problemas, as falhas do passado levem a uma passividade no presente, pois isso comprometeria o futuro.

Ao final do romance, Sábio demonstra pouco interesse em exercer atividades políticas, no que é redargüido pela filha de Sara, Judite: *O passado nunca justifica a passividade – disse Judite. Se todos dissermos que nada vale a pena, então é melhor morrermos ou deixarmos-nos morrer, sempre é mais coerente do que vegetarmos.*¹⁹⁴

Dessa forma, o que parecia ser já um fim, volta a ser um recomeço, pois retorna de outro modo – são outros tempos, outras expectativas.

Na “Casa”, o primeiro momento presente é o das reflexões filosóficas, dos debates teóricos numa tentativa de interpretar o mundo com sua realidade histórica e social. Acreditam na possibilidade de transformação pela ação revolucionária. Já no capítulo seguinte quando os jovens vão definitivamente para a guerra, seus projetos gestados numa aposta socialista fracassam no plano da luta concreta. Se na Casa tinham as teorias a embalar-lhes os sonhos, na guerra as adversidades da realidade vêm acordá-los para um pesadelo bem real: solidariedade e conscientização vão tornando-se cada vez mais longínquos e a vontade de sair-se bem das situações (com benefício próprio ainda que com prejuízo de outros) torna-se uma constante, no lugar do “nós” antes tão propagado, predominará o “eu”.

¹⁹⁴ GU p.308.

Segundo Tomás Medeiros (...) *faltou aos heróis o exame crítico e profundo das suas próprias certezas*¹⁹⁵, tal reflexão é nos dada pelo autor ao escrever o romance e narrar a travessia dessa geração. Mas sem esse “exame crítico e profundo”, as teorias desabaram num caos social e político.

No entanto, cabe novamente ao presente a possibilidade e “alterar o passado” para que se possa avançar no futuro. Ao escrever este romance, Pepetela presentifica o passado fazendo então a reflexão “crítica e profunda” que faltava.

Pepetela reconta parte da história de Angola analisando todo o processo e, construindo, através de sua escrita, a brecha entre a memória e a possibilidade de futuro o autor redimensiona o discurso sobre a História. Na sua balança dos sonhos e ações libertárias pesam juntamente os erros/fracassos e as imperfeições dos homens que atuaram nesse processo. Resgata, portanto, a memória, mas ao fazê-lo de forma crítica torna possível uma intervenção no futuro, afinal, é no (...) *plano da reflexão crítica que o papel do intelectual se exerce, no recriar, a partir dos erros do presente, os caminhos seguros do futuro*.¹⁹⁶

Assim se revitalizam os ciclos e a repetição tal e qual já não é possível. Ao fazer do fim o recomeço; o que volta, volta sempre diferente, transformado. A nova geração que surge com o jovem Orlando traz a

¹⁹⁵ MEDEIROS, Tomás. Pepetela – o poeta da utopia In *Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, 18/19 (1):231-239, 1995/1996, p239.

¹⁹⁶ *Idem*, p.237.

proposta de um grupo apartidário, apenas para a reflexão: (...) *Como sabe, criamos um grupo apartidário para refletir sobre esses problemas.*¹⁹⁷

É o surgimento, portanto, de uma nova geração que principia pela “reflexão dos problemas”. Da reflexão à conscientização e daí à ação – é um novo caminho que surge, A geração anterior – a da utopia- se propôs a ser ela mesma, o meio de transformação da realidade. A luta – e o heroísmo por consequência- era do grupo e não do indivíduo. Daí a narrativa de *A geração da utopia* se traduzir pelo desejo de construir um caminho do qual os oprimidos pudessem dispor para a libertação da opressão, da alienação.

Ora, se como apontamos em nosso trabalho de Mestrado¹⁹⁸, Mayombe pode ser visto como uma escrita genésica na medida em que trata da criação de uma nova terra, um novo homem; nas palavras de Rita Chaves: (...) *a sombra protetora da floresta remete à idéia de útero e sugere o nascer do homem.*¹⁹⁹. Então, *A geração da utopia* será, como na sequência bíblica, a passagem do Gênesis para o Êxodo: no texto bíblico o homem e depois a família (de Abraão), formados por Deus no Gênesis, no Êxodo peregrinam pelo deserto rumo à sua terra e transforma-se em Nação. Assim, o novo homem nascido e criado à sombra do *Mayombe* é agora, em *A geração da utopia*, retomado por Pepetela como a geração que peregrinará pela guerra

¹⁹⁷ GU p.306.

¹⁹⁸ A nossa dissertação para obtenção do título de Mestrado teve por título : *Os cus de Judas e Mayombe: da imposição da dor à superação do vazio*.Apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do DLCV , FFLCH – USP em 2000.

¹⁹⁹ CHAVES, Rita de Cássia Natal. *Mayombe: a reinvenção de Ogum, o Prometeu africano*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras da UFF,1984.

e pelo tempo buscando transformar-se em Nação – libertando-se da escravidão e opressão- e habitar a própria terra.

No texto bíblico, os hebreus de nada têm falta enquanto obedecem totalmente às ordenanças de Deus que os libertara do Egito. Contudo, se tornam desobedientes – criam e adoram a outros “deuses” ainda no deserto – e também se rebelam contra o líder Moisés. Como punição, quase todos os que saíram do Egito morrem no deserto. A nova geração formada pelos filhos e netos da anterior é que de fato entra e se apodera da “Terra Prometida”. O próprio Moisés avista a terra no alto de uma montanha, mas também não entra nela.²⁰⁰ Enfim, quando o povo se prostrou diante de outros deuses, ao invés de adorar apenas ao Deus único, se desviou de seus verdadeiros rumos.

Em Angola também houve “desvio de rumos” na geração que sonhou, planejou e lutou pela nova Angola. Em *Mayombe*, Sem-Medo morre na luta e permanece assim na mata, pois não havia lugar para ele na Angola que estava a construir-se e que não era exatamente a que ele e sua geração tanto sonharam. Não viveu para ver o que veio a seguir (como Moisés não viu as muitas idolatrias criadas e/ou aceitas na nova terra). Em *A geração da utopia*, Sábio sobrevive mas está “deslocado”. Embora ainda admirado por muitos, é tido como doido por outros

(...) O cabelo e a barba continuavam grandes e desgrenhados,
apresentando fios grisalhos. Tenho de o obrigar a cortar a trunfa,

²⁰⁰ Conforme os livros que formam o Pentateuco.

*pensou Sara, senão as pessoas vão classificá-lo definitivamente de doido irrecuperável.*²⁰¹

Já tempos atrás, Mundial se perguntara qual seria o futuro do Sábio, ou melhor, se ele sequer tinha um. (GU p.186). Como já afirmamos, o Sábio se manteve íntegro, inteiro e fiel aos seus princípios. Também não deixou de buscar um lugar para sua utopia: *Um dia terei de procurar outra baía mais para o sul, sempre mais para o sul. Será o sul a minha última utopia?*²⁰² A não – desistência de Aníbal é, portanto, a resistência do autor.

Não deixar de sonhar, mas acreditar sempre, será este afinal o que a geração de Aníbal tinha de bom para deixar para a geração posterior? *O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira*²⁰³ – afirmara o Sábio para Judite e Orlando.

Quando refazemos o ciclo narrado por Pepetela, encontramos no primeiro capítulo, “A Casa”, os jovens de diversas partes de Angola que estão em Portugal. Estão, portanto, separados da família, do lar, das suas raízes, enfim. Na CEI, quando se reúnem e as lembranças (das raízes, portanto) se encontram, formam novamente um todo, uma nova “casa”, a casa da pátria que estão a sonhar e a gerir. O capítulo termina com o grupo de estudantes que tentavam fugir de Portugal sendo preso na fronteira da Espanha com a França pelas autoridades franquistas. Tiveram destinos diferentes, e o autor conclui: *“O grupo dividiu-se”*.²⁰⁴ Novamente a divisão, a fragmentação.

²⁰¹ GU p.303.

²⁰² GU p.308.

²⁰³ GU p.304.

²⁰⁴ GU p.118.

Na sequencia, a tentativa de recriar a unidade do que fora partido, ainda que pelos caminhos da guerra. No segundo capítulo, “A chana”, vimos já como o Sábio defendeu enfaticamente a necessidade e a importância do “ser angolano” contra os “regionalismos”. E o capítulo termina com a notícia mesmo da sua morte: “*O Sábio morrerá, cercado, dois meses antes, por não ter querido recuar sem ser convocado.*”²⁰⁵ E com o começo da ascensão político-social de Vítor. Acentuam-se as diferenças, agudiza-se a divisão.

No terceiro capítulo, “O Polvo”, o Sábio “ressuscita”/ressurge na narrativa. Como ressurgem também as lembranças da infância e o menino, agora homem, reencontra o polvo para matá-lo, conforme já analisamos. Mas Sábio reencontra também Sara, na verdade é reencontrado por ela. São tempos, enfim, de reencontros, logo, de “tapar fossos e preencher vazios”. São atadas duas pontas importantes: a da infância (o polvo e o medo que ele infunde) e a da juventude (Sara e as recordações utópicas que ela carrega em si).

O capítulo se encerra com a afirmação de que Aníbal continuaria, todos os dias, a regar a mangueira, acariciar-lhe o tronco e falar para ela (...)*cada vez mais velho e fraco*(...)²⁰⁶. Assim como o tempo, as sucessivas divisões envelhecem e enfraquecem. Mas os reencontros podem revitalizar e revivificar. Aníbal agarra-se à mangueira (...). *Abraçou-se ao tronco da*

²⁰⁵ GU p.186.

²⁰⁶ GU p.255.

*manqueira, afagou-o com a mão (...)*²⁰⁷, aprenderia a renovar-se com os ciclos da natureza.

No quarto e último capítulo o ciclo se fecha. A geração “da utopia” chegou à sua etapa final. Trilhando cada um seu próprio caminho, estão separados pelas opções que fizeram. A “união” de Vítor, Elias e Malongo é, na verdade, apenas um bom negócio onde cada um deles sairá com seu devido lucro. Em sua narrativa crítica, o autor contrasta, no final, a voz “interminável” de Dominus (dominando a todos) falando ao povo, com a postura deste (dominado) limitando-se a ouvi-lo; outra vez o povo sendo silenciado.

Na imagem que encerra o capítulo, à voz de Dominus o povo sai pelas ruas dançando (...) *felizes para ganhar o Mundo e a Esperança (...)*²⁰⁸. Os predadores, novos dominadores já estão a postos. Perdida a crença na revolução – na política, portanto, - o povo se volta para a ilusão da falsa religião.

Cabe à nova geração iniciar outro ciclo.

Do monólogo ao diálogo

Retomando, portanto, nossa afirmação inicial, em *A geração da utopia*, Pepetela junta na narrativa o que fora fragmentado para torná-la uma escrita resistente. Há um dilaceramento do tempo, dos espaços, dos

²⁰⁷ GU p.254.

²⁰⁸ GU p.316.

sentimentos, da idéias e certezas, mas que se reencontram e se refazem (ou não) na narrativa.

Ao “costurar” fim e começo faz-se um todo que não se pode mais quebrar. Constantemente os diferentes se juntam para depois se separarem e, algumas vezes, se unirem novamente. Como Sara, a estudante muito correta e com convicções políticas bem claras, com Malongo, um jogador de futebol mulherengo e alienado das questões políticas; outra vez Sara , a branca, com Aníbal, o negro, e , neste caso, a junção também dos iguais em termos de sonho e resistência; Marta, a completamente descrente da revolução ,com Aníbal, capaz de viver ou morrer por esta mesma revolução; e ainda a junção final de Vítor, Malongo e Elias, com interesses políticos e econômicos, sobretudo, conforme já assinalamos.

Ora, é como se tudo isso pudesse comprovar um velho ditado: dessas uniões, efêmeras ou duradouras, surge sempre uma força. Judite, a jovem de força crítica que aparece no final, foi fruto da união de Sara com Malongo. Somente ao consumir o amor e a relação sexual com Sara, Aníbal encontrou força para libertar-se dos seus fantasmas e continuar sua trajetória. Mesmo o culto da igreja do Dominus, abarrotada de pessoas no final, só foi possível quando da união dos três “interesseiros”.

Por entre as linhas do dilaceramento, mostrando a “fraqueza” que resulta das separações, das divisões, Pepetela tece a força que só se alcança com a união, com o somatório das forças. A força dos mais velhos e das tradições aliada à força da modernidade dos mais novos.

Encontrar ou reencontrar o Outro, para ouvi-lo e passar então do monólogo para o diálogo.

E não apenas junta os díspares, a articulação da narrativa de A geração da utopia, também reata outras duas pontas importantes: da pergunta feita ao escritor pelo examinador à escrita do romance. Percurso que vai do céu (Sara abre os braços no início do romance manifestando desejo de poder voar); passa pela terra (Mundial e sua luta individual para vencer os percalços da Chana); pela água (Aníbal matando o polvo no mar) para desembocar por fim no Templo: um espaço construído na terra, mas que “aponta” para o céu (pretende indicar o caminho).

O romance está escrito, a promessa feita de escrevê-lo está cumprida. Do desejo à construção. Como se desejava que houvesse sido na História, que do desejo de (re) construir a Nação houvesse de fato surgido uma nova Angola – mais justa e igualitária.

Da humilhação sofrida pelo examinador português à escrita do romance, o autor junta novamente o que fora dividido e reconstrói outra versão da História. Articula a sua resistência de escritor engajado e torna possível a re-existência da Nação Angolana.

Memórias do cárcere: reconstruindo vidas

Se *A geração da utopia* é escrita de resistência que leva à desalienação porque junta o que fora partido, reatando pontas de gerações e fazendo um balanço histórico questionador, em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos também junta partes de homens e de vidas, reconstrói e narra a experiência do cárcere (que é sua, mas também de todos) faz de igual modo um balanço histórico e questionador e torna, assim, o relato das memórias um texto de resistência e desalienador.

Embora parta de suas memórias particulares, o texto não é puramente autobiográfico, muito ao contrário, em *Memórias do cárcere* temos memória e ficção construindo-se mutuamente, uma “enforma” a outra. O texto, por ser um depoimento real de uma época, é um documento para a história. No entanto, segundo Wander Melo Miranda, (...) *o texto dobra-se sobre si mesmo, na auto-reflexão encetada, desfaz a ilusão autobiográfica e a ilusão referencial*.²⁰⁹ Para Alfredo Bosi, o livro é Literatura de Testemunho: as lembranças, embora dentro de padrões narrativos e estilísticos, são memórias de fatos históricos, portanto, também mantém uma realidade objetiva (Bosi, Literatura e Resistência). Já Garbuglio afirma ser *Memórias do cárcere* o livro mais radical de Graciliano (...) *pela conquista técnica e formal de retrabalhar o “gênero memória” objetivamente, instituindo-o como tal por*

²⁰⁹ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992 p.18.

*fora do gênero romance, de “tradição burguesa” e, portanto, fora das expectativas de circulação, sacração e consumo próprias do romance.*²¹⁰

Depoimento, documento, memórias, testemunho, *Memórias do cárcere*, podemos dizer que flutua entre todas essas caracterizações sendo, afinal, um pouco de tudo. Trata-se ,então, de um texto no qual as memórias do autor se mesclam à arte, à vida e à história. E acaba por não se centralizar num “eu”, em questões individuais, mas deixa de ser apenas documento de uma realidade pessoal, momentânea, local , para ser uma criação artística, coletiva, extemporânea e universal.

Ainda segundo Alfredo Bosi, em *Memórias do cárcere* *O olhar sempre raro vê o que passa despercebido à maioria desatenta.. Nesse caso, a verdade subjetiva de uma só testemunha poderá valer pela verdade objetiva que a história pretende guardar e transmitir.*²¹¹

O cárcere de todos

Observamos que não são memórias dele, mas sim do **cárcere**, o cárcere coletivo a que não só ele, mas também os demais ficaram confinados pela aplicação do aparelho repressor da ditadura na era Vargas.

Em *Memórias do cárcere*, o texto permite a expressão das outras vozes também emudecidas e silenciadas e, pela escrita, todos aqueles homens podem novamente se “refazerem”, novamente “serem”, re-existirem enfim. Ao ouvir as narrativas dos outros, Graciliano Ramos se

²¹⁰ GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol 2) p.100.

²¹¹ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, p.235.

sente fortalecido para suportar o próprio drama de sua experiência e pode também narrá-la a outrem (nós, os leitores). Daí o ciclo desalienante que a literatura proporciona: o leitor apropria-se de informações como parte de sua própria experiência e (...) *esse investimento desalienante da leitura (...) delega ao leitor a função subversora de investigador da história (...)*²¹²

Somos levados, então, a questionar/ refletir sobre o que lemos e, dessa atitude crítica, surge a realização produtiva que leva à desalienação (Benjamin Abdala Jr.).

Memórias, lembranças fragmentadas

Para Fabiana B. Carelli, em *Memórias do cárcere* o texto se faz aos cacos devido à própria intensidade do vivido: a prisão revolucionou crenças e conceitos anteriores do autor causando embaralhamento mental e, *Memórias do cárcere*, torna-se a tentativa posterior de organização da consciência fragmentada (Carelli, p.85)

Assim se dá, portanto, a construção da resistência no texto: quando re-ordena cacos e fragmentos que a memória das experiências evoca. Para Wander Melo Miranda

(...) é na transmissão “realista” da visas desses corpos degradados que reside a força da resistência representada por seu relato (...) Assim, mediante a recuperação memorialista, o corpo pode ser visto simultânea e contraditoriamente como lugar onde se inscreve a

²¹² MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992 p.156.

repressão e lugar de resistência a essa mesma repressão,(...) Nas memórias de Graciliano, a integridade e a integração dos corpos e do corpo do próprio autor são favorecidas pelo distanciamento temporal que permite a reunião dos traços desintegrados e dispersos desses corpos. ²¹³

O corpo precisa ser reconstruído, refeito, pois somente com a integração se pode chegar a uma totalidade que permite a resistência. Refazer partes dilaceradas e devolver vozes silenciadas – a escrita, ao inverter o processo da opressão culmina no seu oposto: a liberdade. Para Hermenegildo Bastos, Graciliano insiste em narrar situações de opressão (de não-liberdade) para insistir na liberdade.²¹⁴

A narrativa dos gestos do opressor põe em evidência o oprimido – ele é resgatado para ser, enfim, liberto. Segundo Ubireval, a narração do drama permite a liberdade psicológica da dor moral, ajudando na superação dessa dor até o apaziguamento interior.

Dor moral que advém do tratamento que os prisioneiros recebem no cárcere: são violentados moralmente ao serem tratados como bichos, levados de um lugar para outro sem terem o certo para onde ir, com perda, portanto, da humanidade, que é resgatada, então, pela escrita do texto.

Chegamos assim a um ponto fulcral: as memórias são narradas para recuperar o passado e, dele, resgatar a voz do oprimido para refazê-lo, recompô-lo em sua integridade humana.

²¹³ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992 p.149.

²¹⁴ BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p.158.

A escrita de *Memórias do cárcere* é contra o esquecimento, Wander Melo Miranda afirma que Graciliano Ramos tem um firme propósito de ir contra a “amnésia histórica e social” (*Folha explica*, p.10)

Por isso, o oprimido precisa valer-se da memória – arma dos vencidos, segundo Hermenegildo Bastos (...) *são vozes para penetrar o silêncio do esquecimento*²¹⁵. A memória sendo entendida aqui não como simples resgate do passado ou mera repetição. Não se trata de “eternizar” o passado mas sim de confrontá-lo com o presente: o autor tece as idéias e imagens do presente com as do passado para buscar a **diferença** e assim fazer do texto lugar de reflexão – de conscientização e de tomada de atitude.

Para Garbuglio, *Memórias do cárcere* é uma alegoria política da luta de classes: *Livro da prisão ilegal de que foi vítima é lugar e tempo de todos os oprimidos, submetidos à prisão da dominação de classes.*²¹⁶ E, embora seja uma representação da realidade na perspectiva das massas, o texto de Graciliano não se torna “instrumento de doutrinação”. De acordo com Claudio Leitão:

(...) *Graciliano lê o real instrumentalizado por uma visão estrutural do mundo coletivo, mesmo quando a narrativa é concentrada numa problemática individual* (...) *O pensamento marxista, em muitas passagens aflora em seus livros, sem contudo tentar com gestos*

²¹⁵ BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998 p.32.

²¹⁶ GARBUGLIO, José Carlos ET alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol 2) p.100.

*mecânicos, fazer da representação literária uma transparência ou sutil doutrinação*²¹⁷.

Em relação, por exemplo, a ANL, o autor coloca-se, desde o início, de maneira irônica: *O seu depoimento enfoca, então, o distanciamento entre os intelectuais e a massa, assim como o despreparo de ambos, as dificuldades de se transformar a realidade brasileira.*²¹⁸

Houve mesmo uma “má recepção” de *Memórias do cárcere* pelo Partido Comunista, alguma decepção por não encontrar, no livro, uma exaltação dos heróis da revolução em um retrato bem “realista” dos anos da ditadura Vargas:

*Quando se cogita a publicação de Memórias do cárcere, o Partido Comunista solicita uma cópia para exame, desgosta-se por nela encontrar, em vez dos heróicos construtores da revolução, figuras de carne e osso, algumas com mais carne que osso, mal se pondo de pé de tão descalcificadas pelo aparelho policial*²¹⁹

Para Fabiana B. Carelli, *Memórias do cárcere* é a tessitura de uma denúncia pelo avesso a respeito do Estado Novo: (...) *O Partido pedia um monumento épico sobre a luta comunista no Brasil, Graciliano compunha memórias* (...) *O Partido pedia o artista no meio do povo, Graciliano mostrava um escritor perdido entre intelectuais e militares que não se entendiam.*²²⁰

²¹⁷ LEITÃO, Claudio. *Líquido e Incerto. Memória e exílio em Graciliano Ramos*. Editora Federal Fluminense (EdUFF), Niterói, RJ, 2003, p.51.

²¹⁸ BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998 p.144.

²¹⁹ RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano. Confirmação humana de uma obra* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Coleção Retratos do Brasil, vol134), p.252.

²²⁰ CARELLI, Fabiana Buitor. *Porões da memória. Ficção e história em Jorge Amado e Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, 1997p.66,67.

O que o texto de *Memórias do cárcere* faz é, ao resgatar as memórias da experiência coletiva (...) *tornar duradouro o vínculo resistente estabelecido entre os excluídos e perseguidos, desejo sempre renovado de fazer da página escrita a página viva (...). Narrar é agir (...)*²²¹

A página escrita, que passa a página viva, consolida a resistência do sujeito individual que escreve contra a coletivização alienante intensificada na experiência do cárcere. Então, narrar passa a ser mais que agir, escrever é fazer-se não apenas “pelo”, mas “no” texto – ao construir o texto se reconstrói a trajetória da vida com as imagens da memória. E o sujeito que escreve o texto passa a ser escrito por ele.

Se, *No princípio era o Verbo (...)* e o *Verbo se fez carne*²²², sua história, contada e registrada pela escrita necessita outra vez do Verbo, que se fará carne, e escrita, e verbo...

Memórias do Cárcere: ressuscitar aos poucos

A literatura, refúgio e libertação

Ao iniciar o relato de suas memórias, Graciliano principia pela sua demissão, no começo de 1936, do cargo de funcionário na Instrução Pública de Alagoas, depois de aludir aos “misteriosos telefonemas, com veladas ameaças. Quanto à demissão, não fosse pela forma abrupta como fora feita, teria sido até um benefício:

²²¹MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992, p.128.

²²²ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradutor) *A Bíblia Sagrada-Livro de São João*. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Liga Bíblica Brasileira, 1997.

(...) o regulamento, o horário, o despacho, o decreto, a portaria, a iniquidade, o pistolão, sobretudo a certeza de sermos uns desgraçados tramboelhos, de quase nada podermos fazer na savoria da rotina. Se não houvessem despedido assim de chofre, com um recado humilhantemente, poderia até julgar aquilo um benefício.²²³

O desejo do autor era poder dedicar-se só ao romance que já concluíra – o qual era visto como um refúgio e probabilidade de mudar de profissão: *Indispensável refugiar-se no romance concluído, imaginá-lo na livraria, despertando algum interesse, possibilitando ainda uma vez mudança de profissão.*²²⁴ O autor chega a pensar em retirar-se de Alagoas para poder revisar o livro, fazendo as correções e supressões necessárias. Vai para a casinha de Pajuçara onde ficaria até a madrugada consertando as últimas páginas do romance, mas mesmo assim não se sentia satisfeito e se indagava: “Mas onde achar sossego?” Em casa os ciúmes da mulher o atordoavam.

Graciliano encerra o capítulo convencido da ideia de ter que viajar para isolar-se, no entanto, o dinheiro era pouco e havia ainda *uma penca de filhos, alguns bem miúdos.*²²⁵

No dia seguinte, três de março, o autor entrega os originais do romance à datilógrafa, dona Jeni. Recebe a visita de uma parenta, que só o aborrece, e a do colega de trabalho, Luccarini, o qual o aconselha a afastar-se de casa, pois sua prisão era certa. Graciliano decide que ficaria e

²²³ MC p.40.

²²⁴ MC p.40.

²²⁵ MC p.43.

esperaria que o viessem buscar, chega a pensar na cadeia como único lugar em que poderia corrigir seu livro com tranquilidade.

Graciliano Ramos é então preso e conduzido por um tenente. Passa aquela noite no quartel do 20º Batalhão e, na manhã seguinte, é levado, de trem, para uma prisão de oficiais, em Recife.

Ainda na plataforma, à espera do trem, conhece capitão Mata, o qual se tornará seu companheiro de viagem e de prisão. A mulher, Heloísa, também aparece na plataforma. O autor lhe dá um pouco de dinheiro e algumas instruções. Quando o trem parte, o autor a vê como *Uma figura branca e imóvel, decrescer até sumir-se.*²²⁶

Até aquele instante, ele ainda pensa na viagem que está a fazer como a grande oportunidade para dedicar-se ao seu romance: *Aquela viagem era uma dádiva imprevista (...) ofereciam-me um princípio de libertação*²²⁷

Escrever e agarrar-se a migalhas de vida

Mas logo essas sensações vão se alterando. Durante a viagem de trem, Graciliano se recorda de um aviso importante que se esquecera de dar a sua mulher. Escreve um bilhete para ela e pede ao investigador Tavares, um conhecido seu e que os acompanha, que lhe entregue.

Na atrapalhão da partida, esquecera-me de um aviso importante.

De fato não havia importância, mas ali, ausentando-me do mundo, começava a dar às coisas valores novos. Sucedia um desmoronamento.

²²⁶ MC p.56.

²²⁷ MC p.56.

Indispensável retirar dele migalhas de vida, cultivá-las e ampliá-las.

*De outro modo, seria o desastre completo, o mergulho definitivo.*²²⁸

Graciliano percebe já que está a ausentar-se *do mundo*, ou seja, o mundo que até então conhecera e onde vivera, sofria um *dsmoronamento* e ele estava prestes a mergulhar noutro. O mundo dos diversos cárceres pelos quais passará: um mundo de sombras, de esqueletos, de cadáveres, de mortos-vivos. Por isso sente que é necessário guardar as *migalhas de vida*, cultivá-las e ampliá-las ao máximo possível.

Será essa talvez a mais importante resolução de Graciliano: ainda que imerso no mundo da sombra da morte, manter acesa uma chama de vida como única forma de evitar o *desastre completo*.

Graciliano escreve o bilhete para a esposa, e escreverá depois as suas memórias. Escreverá para manter-se vivo, sobretudo por dentro.

O capitão e o general

Em Recife, Graciliano e o capitão da Mata são levados para um quartel, local onde o escritor conhecerá o capitão Lobo e o general que o acusa de comunista.

Do capitão Lobo, a lembrança que mais impressionou Graciliano foi o oferecimento de um empréstimo de dinheiro que este lhe fez. O autor recusou, mas refletiu muito sobre aquela atitude do oficial. Não conseguia atinar com clareza sobre o porquê daquele gesto: *Se eu vestisse farda, pensasse*

²²⁸ MC p.59.

*em conformidade com o regulamento (...) o caso teria explicação.*²²⁹ E, por mais que pensasse, não conseguia mesmo entender: *Difícil era conceber que alguém se despojasse voluntariamente em benefício de um adversário. Essa renúncia da propriedade me entontecia*²³⁰. Mas conclui com a aprendizagem de uma lição que só será reforçada nos relacionamentos posteriores que fará em sua experiência no cárcere:

*Realmente a desgraça nos ensina muito: sem ela, eu continuaria a julgar a humanidade incapaz de verdadeira nobreza. Eu passara a vida a considerar todos os bichos egoístas – e ali me surgia uma sensibilidade curiosa, diferente das outras (...)*²³¹

Quanto ao general, no seu livro das memórias, Graciliano não conta na íntegra o diálogo entre ele e o general. Em *Cadeia*, Clara Ramos reproduz o diálogo e afirma ter sido essa a razão da transferência do autor para o Rio de Janeiro:

O encontro com o general, considerado cômico, parece ter motivado a transferência de Graciliano para o Rio de Janeiro. Tratado até aquele momento com certa deferência, em prisões de oficiais, certamente não foi outro o motivo de se ver jogado às condições subumanas dos cárceres seguintes. Nem para que seus carcereiros marchassem contra a geografia e o senso comum, obrigando-o a subir de Maceió para Recife, em seguida descer ao Rio de Janeiro. O diálogo tempestivo do preso com o militar – reproduzido em Memórias do cárcere de forma

²²⁹ MC p.111.

²³⁰ MC p.113.

²³¹ MC p.113.

muito atenuada, já que o autor, narrando-o na primeira pessoa, receava parecer vangloriar-se – na realidade transcorreu nesses termos:

—Eu queria que o governo me desse permissão para mandar fuzilá-lo – disse o general.

Dotado da coragem animal dos tímidos, ainda mal acomodada à nova situação, o prisioneiro rosnou numa reação instantânea:

—Mas eu não estou preso... Por que não manda, seu... ? – e largou uma inconveniência que foi atingir a ascendência feminina da autoridade.²³²

Segundo Clara Ramos não há dúvida de que o general foi o mandante da prisão: (...) *devendo ter sido também, depois do diálogo do Recife, o responsável por sua duração e o endurecimento das condições carcerárias.*²³³

Lágrimas antes do caos

Outra lembrança mereceria destaque no relato das memórias de Graciliano: quando vê, por uma janela interna, Sebastião Hora e o advogado Nunes Leite saírem de uma prisão de sargentos e atravessarem o pátio. O advogado chorava, essa imagem se fixará na mente do autor e o incomodará levando-o a tecer um grande comentário, sobretudo sobre a

²³² RAMOS, Clara. *Cadeia*. Jose Olympio Editora, 1992,RJ p.66.

²³³ *Idem* p.67.

forma como a administração pública uniformizava o tratamento dado a todos, sem atentar para as diferenças:

*(...) o bacharel Nunes Leite não suportava a cadeia. Horrível sujeitar-se ao mesmo regime naturezas diversas. Capitão Mata nada sofria. Findos os sobressaltos produzidos pela corneta, manifestava alegria, dedicava-se a exercícios de composição literária (...) Em contraste, ali perto, um pobre ser esmagado, avizinhando-se da loucura. Um longo terror, um longo pranto, um longo gemido (...). A administração pública não atenta nessas ninharias, tende a uniformizar as pessoas. Somos grãos que um moinho tritura – e ninguém quer saber se resistimos à mó ou se nos pulverizamos logo.*²³⁴

E, mais que isso, Graciliano lamenta a falência do direito, a quebra dos valores mais altos. Afinal, *o infeliz soluçava no desabamento de sua profissão. Impossível defender o direito de alguém. Propriamente, já não havia direito.*²³⁵

Nas palavras de Clara Ramos era a própria Justiça que se arrastava pelo pátio desfeita em lágrimas.

Graciliano também alude a sua dificuldade em escrever: *Havia chumbo na minha cabeça. E eu imaginara fabricar uma novela na cadeia (...). Talvez o cárcere (...) roubasse as energias, embotasse a inteligência e a sensibilidade.*²³⁶

Enfim, esse o grande feito do cárcere: destruir exterior e interiormente os indivíduos, roubar-lhes a energia, embotar-lhes a inteligência e a sensibilidade, suprimir-lhes direitos. Operar a quebra de

²³⁴ MC p.101.

²³⁵ MC p.102.

²³⁶ MC p.102.

valores, fechar todos os caminhos. *E depois? Que viria depois? O caos, provavelmente.* ²³⁷

A travessia infame (a viagem no porão)

Transferido do Recife para o Rio de Janeiro, o autor faz a viagem, junto com os outros prisioneiros no porão do navio Manaus. Tal viagem é chamada pelo escritor de “travessia infame”: (...) *compreendemo-nos e fomos amigos alguns dias, Isso diminuiu o horror daquela infame travessia.* ²³⁸. Infame, portanto, o lugar, descrito como cheio de sujeira e com um odor insuportável; infame o tratamento dispensado a ele e aos demais presos o qual ia reduzindo-os a bichos, ao mesmo tempo em que lhes calejava a alma: *Ganhávamos calos na alma* ²³⁹. E em meio a toda essa infâmia, Graciliano escrevia suas anotações, tentando, conforme sua declaração, retratar os circunstantes, mas conseguindo gravar apenas fragmentos deles.

Fragmentos suficientes pra ressaltar que a amizade, alguma camaradagem obtida durante a realização da travessia era o que podia amenizar o horror da viagem. Suprimidas as barreiras sociais pela própria autoridade que os juntava, Graciliano observa que os homens acabavam por se tornar amigos e, de alguma forma, se compreendiam.

Nivelados, tornavam-se todos igualmente fracos e só na camaradagem era-lhes possível apoiar suas fraquezas. Mais à frente, o autor

²³⁷ MC p.102.

²³⁸ MC p.157.

²³⁹ MC p.176.

afirmará que o dever principal de todos era o de existir (Vol. 2, p. 139). No entanto, para garantir a **existência**, primeiro era necessária a **resistência**.

E como resistir àquela travessia infame senão apoiando-se uns nos outros? Ao descrever o porão, Graciliano denuncia a barbaridade daquela situação – o desrespeito ao ser humano. Descreve também os homens e os seus gestos. Descreve fragmentos, capazes de transmitir ao leitor uma visão nítida de todo aquele horror – como o soldado negro apontando-lhe uma arma com violência desnecessária (p.123).

À chegada ao porão, o autor estabelece uma comparação como se fossem uma rebanho de gados: *Era como se fôssemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida ... Simples rebanho, apenas, rebanho gafento.*²⁴⁰ Para as autoridades eram apenas isso: animais, rebanho de gado. A humanidade daqueles homens, totalmente comprometida, portanto.

Animalizados, esquecidos, entregues à imundície; a amizade “momentânea” virá salvar e garantir-lhes alguma humanidade. E, assim, ao invés da **desistência**, ocorre então o seu antônimo: a **resistência**.

Os homens resistem porque se aproximam, se falam, se comunicam. Em *Vidas Secas*, é a Comunicação, ainda que mínima no campo verbal, o que garante a humanidade da família de Fabiano; por causa dessa capacidade de comunicar-se é que se diferem do meio hostil: não são pés de mandacaru, não são árvores secas, são pessoas que querem viver e hão de lutar sempre pela vida: (...) *o nível do esforço de quatro criaturas em manterem-se destacadas da natureza física, não para domesticá-la, controlá-la ou vencê-la, mas*

²⁴⁰ MC p. 124.

*simplesmente para sentirem-se fora do seu âmbito e diferenciarem-se dela.*²⁴¹ Por isso Graciliano afirma que a amizade e compreensão entre eles contribuíra para diminuir os horrores daquela travessia infame. Assim como a solicitude do soldado negro que atende aos pedidos de Graciliano por água e cigarro – ao contrário daquele outro que o agredira com a pistola, Graciliano se refere a este como *um misericordioso preto, um negro compassivo* que lhe exibia *cantos secretos da alma, belezas nunca suspeitadas*²⁴²

Havia os que não queriam “misturar-se” e acreditavam possuírem ainda alguma diferenciação/superioridade em relação aos outros, como Manuel Lopes, caixeiro viajante que fizera muito negócio com o pai do autor e que se afligia por ver Graciliano aceitar camaradagem com alguém que julgava inferior. Mas Graciliano declara: *Se pudesse abrir-me com Manuel Lopes, dir - lhe - ia que as nossas pequeninas importâncias antigas não valiam nada.*²⁴³ O que valia mesmo eram só aqueles instantes de camaradagem entre eles e os gestos compassivos ou misericordiosos dos que “estavam do outro lado”. Além do bondoso soldado negro, mais à frente, no Pavilhão dos Primários, ou mesmo na Ilha Correcional, a atenção de Graciliano será chamada para gestos semelhantes de vigias que pareciam “fingir não ver o que passava”, como se tivessem o claro intuito de simplesmente deixá-los cometer pequenos deslizes, como no episódio em que Adolfo pede a Graciliano para entreter o guarda enquanto ele ia até a cela vizinha visitar a mulher. Graciliano se esforça por prender a atenção do homem, mas a

²⁴¹ PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos*. Edições Quíron/MEC, Brasília, 1975, p.124.

²⁴² MC p. 167.

²⁴³ MC p.159.

despeito da sua capacidade de estar tendo êxito ou não, faz a seguinte conjectura: *Ou então o homem se fingia cego, pactuara conosco: farejava uma necessidade urgente e levaria a condescendência até o fim.*²⁴⁴ Ora, se alguns soldados e carcereiros, e até o Diretor, como se verá mais adiante, na Sala da Capela – podiam fazer-se de cegos, estender uma mão amiga, facilitar algo, amenizar uma dor, um sufoco qualquer – tal constatação leva o autor a refletir que o que se perde de si pode ser reencontrado no Outro. Por isso Graciliano fala mais dos outros do que de si mesmo. O Outro lhe interessa porque o ajuda a ver as coisas com outros olhos – na verdade é como se lhe “emprestasse também os seus olhos” e assim, com o olhar multifacetado/multiplicado pode ver mais longe, mais além do que aquilo que lhe é imposto

Graciliano é, afinal, um **narrador** e não um **historiador** (aquele que explica os fatos, BOSI p.234), por isso se atem a contar apenas o ocorrido. Seu (s) olhar (es) orientado(s) para a realidade, ao mesmo tempo em que a descreve, recupera, na descrição desses “pequenos fragmentos”, a ação daqueles homens no que eles tinham de mais humano. Ao penetrar-lhes na alma, redescobre-lhes a humanidade **oprimida** na dureza do cárcere.

Para Alfredo Bosi, Graciliano não se propôs em *Memórias do Cárcere*, a fazer uma avaliação política dos seus companheiros (...) o que o afeta é o modo próprio de estar naquelas condições adversas, o seu jeito de

²⁴⁴ MC p.368.

sobreviver.²⁴⁵ O “jeito de sobreviver” de cada um deles e Graciliano trata não apenas da sobrevivência física, imediata; mas da sobrevivência como pessoas que eram – sobrevivência da sua dignidade.

Para além do tratamento como bichos/rebanho de gados que recebiam das autoridades, aqueles homens podiam encontrar alguma brecha para extravasar-se e marcar assim a sua humanidade, algo para além do silêncio que lhes era imposto.

Os mortos-vivos

Graciliano abre o capítulo 28 aludindo à sua impressão de estar num cemitério: *Algumas dúzias de criaturas vivas agitavam-se , falavam, davam a impressão de passear num cemitério*²⁴⁶ e, a seguir, declara: (...) *éramos fantasmas* (...) ²⁴⁷ Graciliano reflete ainda sobre a falta de lugar para ele e os demais num mundo futuro: *Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos*²⁴⁸ e chega à conclusão de que seriam levados ao enlouquecimento ou ao suicídio. Tal desolação profunda é quebrada por um som, princípio como de um clamor, de um gemido. Mas aos poucos torna - se em notas que vão ganhando nitidez até ser definido como um samba cantado por Paulo Pinto.

Música que “desadormece” (para usar a expressão de Manuel Rui) os homens, não apenas fisicamente (porque se levantam das redes os que

²⁴⁵ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das letras, 2002 p.223.

²⁴⁶ MC p.178.

²⁴⁷ MC p.179.

²⁴⁸ *Ibidem*.

estavam deitados), mas também por dentro: os “espectros” ganham carne e sangue e pisam com firmeza: *Nada se combinara. Um murmúrio plangente, em seguida o rumor de cólera surda, e logo as adesões imprevistas, corpos a levantar-se nas redes, figuras aniquiladas a surgir da noite, espectros ganhando carne e sangue, pisando o solo com firmeza.*²⁴⁹.

“Desadormecidos”, os homens dão vazão a uma cólera surda (ou emudecida ?) . A música vira protesto. Fantasmas mortos-vivos tornam-se novamente homens. Mesmo as doenças parecem desaparecer: *As espinhas curvas aprumavam –se ; as expectorações e a tosse haviam cessado; os pulmões oprimidos lançavam gritos roucos, a animar a toada monótona do coro . Homens. Música. E o olhar de Graciliano agora vê homens de pé – marchando, protestando (...) dezenas de trastes humanos se erguiam, marchavam, os braços para cima, florestas de membros nus , magros e sujos, e o canto ressoava como profunda ameaça.* ²⁵⁰ Graciliano se aflige, imagina a polícia descendo ao porão para “restabelecer a ordem”, mas surpreende-se ao ver as pessoas da parte de cima do navio comprimindo-se num círculo como espectadores apreciando a música (até mesmo os soldados) e , ao final, aplaudirem. A violência não se manifestaria *o negro da pistola não incomodaria Paulo Pinto.*²⁵¹ Os que se achavam “superiores” vinham aplaudir os “inferiores”. Graciliano suspeita, duvida do que vê e ouve. A música “aplaudida” era na verdade um desabafo do ódio e violência do porão. No outro dia, novamente se comportariam de modo tímido, mas naquela noite

²⁴⁹ MC p.180.

²⁵⁰ MC p.180.

²⁵¹ MC p.181

desabafavam , livres de receios. E era isso o que importava, alimentar as almas tristes com a força que vinha da arte de Paulo Pinto: *A arte de Paulo Pinto nos dava forças às almas tristes, aos corpos fatigados. E comovia espíritos indiferentes, arrancava deles a aclamação que estrugia por cima de nossas cabeças.*²⁵²

Segundo Bosi, Graciliano narra uma versão *aderente às suas lembranças insubstituíveis do vivido.* ²⁵³ Assim, os homens descritos são tratados como “bichos, transformados em espectros fantasmas e têm a alma calejada”, mas com a força do samba tornam-se em “homens que ficam de pé e ganham força nas almas tristes”.

No princípio, um clamor individual, então “algumas vozes se uniram à do sambista” e o resultado é um canto coletivo. O autor também se insere, o fechamento do capítulo é com o uso da 1ª pessoa do plural : *Naquela noite , porém largávamos as cautelas, desabafávamos (...)* *A arte de Paulo Pinto nos dava forças.*²⁵⁴

A resistência coletiva

Ao contar/lembrar essas “memórias insubstituíveis do vivido”, Graciliano vai construindo e reafirmando a resistência do texto, o qual recupera, nessas imagens descritas, a importância da coletividade. Afinal, “um galo sozinho não tece a manhã”, mas precisa sempre do canto de

²⁵² MC p.181.

²⁵³ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das letras, 2002 p234.

²⁵⁴ MC p.181.

outros galos – a força (transformadora) da resistência vem da união de vozes, dos cantos, do individual unir-se a outros para que o “nós “ então seja formado. No porão, imundo e fétido, à medida que se uniam, as vozes ganhavam força - força que alimentava a própria alma. A força da resistência que não pode ser construída individualmente, como nos deixa bem claro aqui esta lição do Mestre Graciliano.

E não se trata de uma resistência imediata correspondente apenas à situação vivida ali no porão (o próprio Graciliano afirma que no outro dia os presos voltariam a se comportar timidamente), mas de uma resistência ético- política traduzida na construção da narrativa. A escrita transcreve a luta , sobretudo interior daqueles homens que Graciliano vê , percebe, sente e registra em suas memórias. Ao descrever/denunciar a violência e falar da resistência, a construção das memórias se transforma, ela própria, em instrumento de luta. Luta constante para manter a consciência e, a partir dela, não se resignar, não se entregar e, de alguma forma, continuar lutando pela sobrevivência.

Em *Vidas Secas* Graciliano também tratará dessa força interior que move sempre o homem. O que leva Fabiano e sua família a resistirem e assim sobreviverem não só à seca, mas a todas as adversidades a que são submetidos, é a força da autoconsciência [Mészáros]. Impossibilitados/toldados pela força do meio, da autoridade do patrão e do soldado, são obrigados a permanecerem calados. Mas interiormente não se

resignam. Fabiano mentalmente jurava *não emendar nada* e, se pudesse, *acabaria com as pessoas que mandam no soldados amarelos*.²⁵⁵

Para Bosi, a escrita resistente *descobre a vida verdadeira*, num horizonte em que *o espaço da literatura, considerado em geral, como o lugar da fantasia se torna o lugar da verdade mais exigente*.²⁵⁶

Vivida a experiência do cárcere, Graciliano, além de narrar o que foi visto /experimentado, penetrará sempre um pouco mais tentando compreender o interior, a “alma” daqueles homens. Em relação a *Vidas Secas* o escritor afirma que procurou “auscultar a alma do sertanejo” e em *Memórias do Cárcere* que procurou *penetrar-lhes na alma, sentir suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza*.²⁵⁷

Da resistência interna para a resistência das palavras do escritor, as quais ele articula na construção do texto. Desse modo, a “ficção” de *Vidas Secas* torna-se “verdade exigente” denunciada pelo escritor e, *Memórias do Cárcere*, expressão ardente, clara e em bom som de tudo que se pretendeu calar através da violência exercida pelas autoridades.

De homens e esqueletos

Finda a travessia infame, o autor e alguns companheiros do navio são levados a Casa de Detenção e posteriormente ao Pavilhão dos Primários.

²⁵⁵ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 102ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.37.

²⁵⁶ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das letras, 2002, p.135.

²⁵⁷ MC, p.37.

À chegada, chama a atenção do autor a imagem de um esqueleto que o moço da rouparia traz tatuado no antebraço. Na verdade, a ruína de um esqueleto, apenas partes: crânio, costelas, braços, espinha. Graciliano alude ao fato de que o rapaz não conseguira livrar-se do estigma mesmo causticando inutilmente a pele, ele não conseguira *Voltar a ser pessoa comum. Os restos da infame tatuagem, a marca da ferida, iriam persegui-lo sempre*²⁵⁸. A imagem traz um desassossego ao autor, talvez porque veja ali um prenúncio do que vai ocorrer a ele e aos demais – e esta será uma das grandes reflexões do texto - o que será deles no futuro, mesmo se soltos, livres da prisão? As marcas ali obtidas serão para sempre, não poderão mais voltar a serem “pessoas comuns”. Ademais, é nisso que se transformarão: em esqueletos, carcaças, ou antes, apenas partes de um corpo. Homens cindidos, com feridas e cicatrizes internas e eternas. A violência, sobretudo a psicológica, a roubar-lhes a humanidade a fim de torná-los apenas “restos de homens”. A imagem do esqueleto voltará à memória do escritor no seu retorno da Colônia Correcional : *O esqueleto que o moço da roupa tinha no pulso voltou-me ao espírito. As figuras estranhas apinhadas ali riam . Riam para mim, como se fosse uma carcaça também.*²⁵⁹ A lembrança volta ao “espírito” do autor, algo dentro dele que o perturba – a ideia de que ele e seus companheiros estivessem de fato reduzidos a “pedaços”, como a imagem da caveira.

Se durante a travessia no Porão, a camaradagem obtida entre eles era o que lhes dava alguma força, na Casa de Detenção o autor denuncia o

²⁵⁸ MC p.194,195.

²⁵⁹ MC 2, p.15.

rompimento dessa camaradagem pela dispersão a que eram obrigados: *Dispensavam-nos, rompiam-se as camaradagens alinhavadas às pressas...*²⁶⁰ E, como consequência: *E vivíamos a receber choques na alma.*²⁶¹ As almas que se iam “calejando” no Porão, agora recebiam constantes choques. O autor se refere não só ao rompimento das camaradagens como às relações que lhes eram impostas, à difícil necessidade de “reagrupar-se “ o tempo todo (p.197)

A sensação do autor era a de encontrar-se numa vala, cheia de cadáveres, e ele – o único sobrevivente: *Era como se me achasse numa vala, único sobrevivente no meio de cadáveres...*²⁶² É nessa condição, portanto, de único sobrevivente, que Graciliano afirma, através da escrita das Memórias, a sua resistência escrita. Os demais, cadáveres lançados nas valas, homens de alma calejada e “desunidos” a todo tempo, só voltam à vida e são novamente reagrupados – para sempre - na escrita de Graciliano. Escrita que, como temos afirmado, mais que o “histórico”, resgata a humanidade daqueles homens que viveram a experiência do cárcere com o autor.

O caso Benigno

A separação dos grupos, feita arbitrariamente pelas autoridades e mesmo a separação de uns dos outros pelos ferros das grades, não puderam impedir o protesto e a exigência, de todos para que se prestasse auxílio completo ao companheiro Benigno Fernandes.

²⁶⁰ MC p.192.

²⁶¹ MC p.197.

²⁶² MC p.198.

Era noite e o homem se esvaía em sangue. Principiaram os gritos de socorro, o clamor pelo médico – que demorou, chegou mal humorado e disse que não podia fazer nada. Ante o pedido de ao menos uma injeção, limitou-se a responder que a farmácia estava fechada. A indignação dos homens aumentou. Antes, sentiam-se angustiados por estarem separados, trancados e não poderem nem ao menos ir ver o companheiro, o qual imaginavam a sufocar-se e extinguir-se: *Mas era horrível permanecermos trancados, imaginando uma criatura a sufocar-se ali perto, hemorragia abundante a extingui-la pouco a pouco.*²⁶³ Agora, o desespero tomava conta: batiam os ferros, produziam um barulho estrondoso; gritavam enfurecidos, fechaduras e portas se quebravam. Graciliano resume tudo a ideia de um delírio: *Ignoro o tempo que nos entregamos a esse delírio, mas deu certo: Vinham buscar Benigno... Benigno saía, flácido, exangue, na cama vagarosa, caminho do hospital.*²⁶⁴ Fizera-se o silêncio. Os homens formaram grupos e davam passagem ao companheiro. Graciliano narra o desfecho como uma vitória: *Difícil admitir que, tão poucos, isolados, separados por varas de ferro, houvéssemos batido, ao menos por enquanto, um médico infame, um diretor safado e invistível.*²⁶⁵

Vitória maior numa luta maior: a de se respeitar o outro enquanto ser humano. Poucos e trancafiados, não desistiram do companheiro. Os ferros não puderam conter os gritos, o pedido de socorro falou mais alto:

²⁶³ MC p. 293.

²⁶⁴ MC p. 297.

²⁶⁵ MC p. 297.

*Instintos livres queriam partir metal*²⁶⁶. Mas Graciliano não se ilude quanto aos motivos do diretor para tomar providências :

*Isto deve ter inspirado sentimentos humanos ao diretor; isso e os prejuízos materiais e morais: peças arruinadas, cubículos vazios, a indisciplina a generalizar-se, a invadir talvez as galerias próximas.*²⁶⁷

As consequências também foram certas, ficariam trancados nas celas uma semana a partir do outro dia. No entanto, Graciliano finaliza a narração dos fatos daquela noite com certa satisfação, alegria mesmo: *Achava-me contente. Na fadiga enorme, os ossos meio desconjuntados, a carne moída, felicitavam e queriam dormir.*²⁶⁸

O fato de poder fazer algo pelo outro, a vitória da união de todos em prol de um companheiro aniquilado pela enfermidade, era como se tudo isso lhe reavivasse alguma confiança no ser humano, e o reconfortasse, assim, do vazio e dos medos que dantes tomavam conta de seus pensamentos.

Auscultando almas

Ao saber que sua mulher estava no Rio e vinha visitá-lo, Graciliano se impacienta e se inquieta, achava mesmo uma estupidez da parte dela. Via-se impotente para ajudá-la de onde estava e, mesmo ante a perspectiva de ser posto em liberdade, não conseguia imaginar como seria, o que faria (...) *e realmente a idéia de ser posto na rua, sem armas, sem defesa, me causava*

²⁶⁶ MC p.297.

²⁶⁷ MC p.297.

²⁶⁸ MC p.297.

*arrepios(...) Bambos, fracos, não nos agüentáramos lá fora , a menor desgraça é continuarmos presos*²⁶⁹.

Graciliano sentia-se arruinado física e moralmente *Ruína física e moral, ausência de energia e de membros*.²⁷⁰ E conclui o capítulo encolhido, sentado na cama, fumando cigarros e perdido no tempo: *Encolhi-me , sentado na cama, a acender cigarros, verrumando o futuro, numa confusão.Impossível dormir*²⁷¹. Contudo, na visita, a mulher acaba por surpreendê-lo com o resumo de suas ações na cidade, inclusive os contatos com o editor José Olímpio e com o escritor José Lins do Rego. Também o surpreende a presença de Luccarini, ex-companheiro de trabalho com quem tivera alguns entreviros no local de trabalho *A absurda visita de Luccarini me sensibilizava*²⁷² O homem estava muito doente e em más condições financeiras; mesmo assim quando soube da entrevista da mulher de Graciliano , foi com ela, fingindo ser parente do autor. Foi a última vez que ele e o autor se viram.

Um pouco antes, um presente – um pacote com peras, maçãs e uvas – também havia surpreendido e sensibilizado o autor que então declarara: *É necessário viver ali para compreender certas ações (...) as pessoas que nos obsequiam nem esperam compensação vindoura*.²⁷³ O esforço da mulher e o risco corrido por Luccarini – tudo isso o faz pensar, repensar, refletir enfim, muito, sobre a necessidade de tentar compreender melhor o Outro. E a conclusão a que chega é a de que o fundamental é analisar os indivíduos penetrando-lhes o

²⁶⁹ MC p.268.

²⁷⁰ MC p. 269.

²⁷¹ MC p. 270.

²⁷² MC p.272.

²⁷³ MC p.266.

máximo possível em seu interior, No capítulo 19, Graciliano tece vários comentários sobre a questão do homossexualismo, bem presente na prisão, e ao final conclui: *Faltava-me analisar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que me separavam deles, vencer este nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo, achar lá dentro coisa superior às combinações frias da inteligência*²⁷⁴

É, pois, sempre no interior, no íntimo dos homens que Graciliano está interessado, constata que as ações das pessoas precisam ser compreendidas primeiro que julgadas. Embora afirme que não conseguia reprimir o nojo que os homossexuais lhe inspiram, todo seu esforço é para tentar compreendê-los: *Não lhes percebemos as qualidades(...) Penso assim, tento compreendê-los(...)*²⁷⁵

Voltamos à questão: Graciliano, ao relatar suas memórias, narra a sua experiência e expressa através dela a possibilidade de transformação. O “olhar contestador da realidade” de Graciliano, açambarca a violência gratuita das autoridades e dos poderosos, também se sensibiliza com a solidariedade que se revela nos gestos de outros e por fim o leva a contestar também a sua própria postura em relação aos homossexuais, revê seus conceitos dantes cristalizados para “perceber-lhes as qualidades”. Por isso, em *Memórias do Cárcere* (e depois também em *Vidas Secas*) Graciliano elabora uma narrativa que vai “de dentro para fora”, ou seja, o que salienta em suas memórias é o que **motivou** os homens às ações que praticaram. Importa tentar compreender (e fazer com que o leitor também o consiga),

²⁷⁴ MC p.311.

²⁷⁵ MC p.311.

conforme ele declara e insistimos em repetir, o que estava dentro daqueles homens – a sua alma auscultada pelo escritor.

De borboleta a lagarta – metamorfose inversa

A experiência do cárcere – que lhe propiciara esse mergulho no interior dos homens – é também chamada pelo autor de **Viagem Subterrânea**. Referindo-se a Francisco Chermont, diz que ele (...) *foi o indivíduo mais elegante que me apareceu naquelas viagens subterrâneas.*²⁷⁶

O rapaz, filho de senador e estudante de Direito, não chegara a despir-se de seu fato de casimira bem talhado e logo fora enviado para a Colônia Correcional. Ao retornar, seu aspecto é tão diferente que Graciliano chega a dizer sobre ele, antes de reconhecê-lo: *Um ar de fadiga inquieta, a pele baça, o olhar esgazeado, e completo desleixo, indiferença de quem desceu muito e já nem se preocupa em causar boa impressão.*²⁷⁷ No entanto, mais que sua má aparência física, será seu relato sobre a sua experiência na Colônia que provocará grande inquietude em todos. A descrição que o jovem faz da viagem no navio faz Graciliano recordar-se da viagem no porão do Manaus e ele estabelece então uma comparação: no porão do Manaus, embora o ambiente físico o atormentasse, conseguira habituar-se, sobretudo por causa da convivência de camaradagem – conforme já vimos – estabelecida entre os companheiros de viagem – a qual anulava pequenas incompreensões: *E a convivência de Lauro Lago, Macedo, Mario Paiva, João*

²⁷⁶ MC p.318.

²⁷⁷ MC p.323.

*Anastácio, Manuel Leal de nenhum modo me desagradara. Ligeiras incompreensões anulavam-se*²⁷⁸ O mesmo não ocorrera no navio Campos, onde viajou Chermont, as duas sociedades que justapuseram ali não eram conciliáveis

*A primeira, centena e meia de políticos, aglomerava-se à entrada, em silencioso assombro, a atividade morta; a segunda, 400 ou 500 malandros, vagabundos, ladrões, refugio tumulto, fervilhava e zumbia naquele esgoto social como um formigueiro assanhado*²⁷⁹

Outra parte do relatório de Chermont que chama a atenção de Graciliano foi o relato de um processo que ocorrera no navio presidido por um indivíduo chamado de Moleque Quatro: um homem, acusado de ser delator, é “julgado” e condenado à morte. Ao implorar compaixão, em nome dos filhos, recebe outra punição: *Está bem, não vai morrer. Vai sofrer trinta enrabações.* Mas há a morte, de fato, de outro indivíduo: *Rebulição, desordem, correria, gritos e um pedaço de tábua feriu uma cabeça...*²⁸⁰

No primeiro caso, Graciliano se confessa sem meios para transmitir “com decência a terrível passagem do relatório de Chermont.” E no segundo, reflete sobre a indiferença das autoridades com a eliminação de uma vida: *Nenhum inquérito. Indiferença. Esquecimento... uma ficha a menos.*²⁸¹

Para Graciliano, todo o relato *Era extenso e medonho, com promessas ignóbeis... coisas inconcebíveis nos sucessos largados de supetão dentro das nossas*

²⁷⁸ MC p.325.

²⁷⁹ MC p.325-326.

²⁸⁰ MC p.330.

²⁸¹ MC p.330.

*cabeças, nas cenas de realismo nojento...*²⁸². No entanto, essas cenas de realismo nojento serão presenciadas pelo próprio Graciliano quando ele mesmo é enviado para a Colônia. O autor declara que chegou a supor que o relatório de Chermont fosse um “devaneio”, mas em seguida conclui que *As marcas horríveis não eram fantasia. Tinha se originado no porão, ganho relevo nos padecimentos físicos e morais consecutivos.*²⁸³. Para Graciliano o rapaz havia sofrido uma metamorfose interna e externa – “consequência da vida anormal descrita.”²⁸⁴ Metamorfose inversa : de borboleta a lagarta – o estudante do último ano de Direito tornado em farrapo humano a rastejar-se após a convivência trágica no casulo do cárcere/ da Colônia.

Para Graciliano era “medonho escrever isso” p.329, medonho o fato de tratar-se não de uma fantasia, mas de uma realidade terrível. Medonho constatar a desvalorização da vida humana, a derrocada física e mental a que estavam condenados. Medonho o testemunho (real) de Chermont inserido no testemunho (também real) do próprio Graciliano. Contudo, se era “medonho “escrever isso, também era “necessário, preciso, escrever aquilo tudo”. As descrições resumidas no relato de Chermont serão ampliadas no de Graciliano quando conta sua experiência na Colônia.

O relato de Chermont acaba sendo uma espécie de “previa” do que o leitor vai encontrar no 2º Volume das Memórias. Aqui, o leitor acompanha a degeneração rápida que se processou no indivíduo a despeito de todas as formas de violência sofridas. Primeiro, fora *arrancado violentamente de sua*

²⁸² MC p. 324.

²⁸³ MC p.331.

²⁸⁴ MC p.330.

casa (p.318); depois levado a braços... metido no cárcere e agüentado sevícias por se haver oposto, no Senado, aos desmandos selvagens da ditadura policial reinante.(p.318) Uma semana no Pavilhão e o moço fora levado à Colônia onde passou uma negra semana de ausência (p. 324); para chegar enfim à descrição de uma desgraçada ruína (p.324). Apenas a vista do rapaz naquelas condições constrange e inquieta Graciliano por causar-lhe terrível impressão. O autor se recolhe em desassossego buscando na leitura e na escrita apagar o caso desagradável (p.324). Tenta fugir das minúcias e informações penosas que, no entanto, vieram à noite (p.324) e, enfim, fumando com as pálpebras caídas, Graciliano penetrou no mundo confuso da narração lenta e pesada.

A visão dos ossos secos

Ao penetrar no mundo da narrativa do Chermont, Graciliano penetrou no próprio Chermont em sua *degringolada metódica* (p.318). Recontar a sua história é recontá-lo enquanto pessoa e, assim, reconstruir os passos da humanidade violentamente perdida . E porque é humano ele também e se “humaniza a cada momento”²⁸⁵ é que Graciliano se inquieta não só com o relatório de Chermont,mas com o que seus olhos vêem e

²⁸⁵ GUIMARAES. J, Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a Fala das memórias*. Maceió- Al,19888, Ediculte/Seculte p.220.

com o que ele sente na apreensão do rapaz. Incomoda-o a indiferença não só com as histórias dos homens relatadas no porão – mas com a do próprio rapaz: sua deterioração, seu esmagamento físico e moral. Incomoda-o tanto quanto os percevejos e as traves duras da cama: (...) *O resto da noite os farrapos sujos de notícias loucas me perseguiram, picaram e moeram, associando-se a os percevejos e às traves duras da cama.*²⁸⁶. Os farrapos sujos das palavras de Chermont, ou antes, os farrapos do próprio Chermont é que o incomodam e, apesar de o ser medonho, Graciliano escreverá sobre tudo isso. Registrar e denunciar – eis a sua forma de contestação, seu gesto para mostrar solidariedade, sua arma de resistência. Contar a sua experiência e a do Outro também – fazê-la sua, incorporá-la ao corpo maior, torná-la membro desse corpo ressurreto, reconstruído e re-humanizado pela escrita.

Wander Melo Miranda, afirma em sua obra:

*(...) é na transmissão “realista” da visão desses corpos degradados que reside a força da resistência representada por seu relato enquanto vitória contra a morte anunciada. Trata-se de vitória pessoal compartilhada com antigos companheiros do cárcere, na medida em que é também denúncia da violência contra um e todos, cujos corpos aparecem então resgatados do anonimato e do esquecimento, na sua integridade, pela escrita.*²⁸⁷

Segundo então, Melo Miranda, a escrita das memórias de Graciliano constitui-se uma tentativa de transformar em história significativa aquelas

²⁸⁶ MC p.331.

²⁸⁷ MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p.149.

vidas fragmentadas e mutiladas. Transmitir com realismo a visão daqueles corpos degradados, por mais “medonho” que fosse escrever sobre tudo aquilo, é o que concretiza e sustenta a resistência do relato dessas memórias.

A recuperação, pela memória, dos Outros, todos os corpos no corpo maior da escrita, a recomposição, enfim, desse corpo que pode ser visto (...) *simultânea e contraditoriamente com lugar onde se inscreve a repressão e lugar de resistência a essa mesma repressão (...)*²⁸⁸.

Uma recomposição que se faz aos poucos, com cuidado. Graciliano reconstrói a narrativa reunindo os fragmentos da memória “devagarzinho”. A escrita é densa e minuciosa, Graciliano se atem aos detalhes. De acordo com Alfredo Bosi *Nas Memórias o recorte do pormenor supõe a confissão honesta de que a totalização seria um ideal muito difícil de alcançar*.²⁸⁹ No entanto, Bosi também afirma sobre as Memórias que (...) *o olhar sempre raro vê o que passa despercebido à maioria desatenta*²⁹⁰. Portanto, trata-se de recortar pormenores, mas aqueles plenos de significação na composição do todo. Com seu olhar atento, Graciliano vai agregando as partes aos poucos. Ora, encontramos processo semelhante em um texto bíblico: *A visão de um vale de ossos secos* – que se encontra no capítulo 37 do livro do profeta **Ezequiel**. Esse profeta exerceu suas atividades durante o exílio de Israel na Babilônia (592

²⁸⁸ MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p.149.

²⁸⁹ BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência* São Paulo: Cia das Letras, 2002 p.229.

²⁹⁰ Idem, p.235.

a.C). Sua mensagem foi dirigida a seus companheiros de exílio e aos que ainda estavam na Palestina.

Há uma similaridade em relação à recomposição do todo feita a partir da agregação dos pormenores entre o texto de *Memórias do cárcere* e o texto bíblico que ora transcrevemos:

A visão de um vale de ossos secos

Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos.

E me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos.

E me disse: Filho do homem, poderão viver esses ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes.

Então me disse: Profetiza sobre esses ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.

Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis.

E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis; e sabereis que eu sou o Senhor.

Então profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso.

E olhei e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito.

E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam.

E profetizei como ele me deu ordem; então o espírito entrou neles, e viveram, e se puseram de pé, um exército grande em extremo.²⁹¹

Os corpos, a princípio encontravam-se como ossos secos dispersos no vale. Com a primeira profecia, os ossos juntaram-se, depois vieram os nervos, a carne, a pele. Os corpos então refeitos, recompostos em sua totalidade ainda não passavam de cadáveres. Só com o sopro do Espírito do próprio Deus é que a vida voltou de fato e os corpos enfim reviveram. O mesmo podemos dizer que ocorre na escrita das Memórias. Graciliano resgata partes, pormenores, detalhes daqueles homens para reconstruí-los enfim por completo. Ao contar as memórias, Graciliano “profetiza” no vale de ossos secos do cárcere. Da secura daquela experiência Graciliano cria seu relato. E o leitor, ao ler então o texto, dá a ele o sopro de vida que falta. Ao efetivar a leitura, os corpos novamente reagrupados ganham vida outra vez. Como afirma Werneck Sodré:

Convivendo, pois, com elementos, os mais diversos (...), o romancista nos traçou, com a sua pena fecunda, perfis de uma grandeza imorredoura, imortalizados, agora, figuras que parecem girar em torno do leitor, animar-se e viver, evocados com um poder tão grande

²⁹¹ ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradutor) *A Bíblia Sagrada – Livro do Profeta Ezequiel*. (capítulo 37). Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Liga Bíblica Brasileira, 1997.

*de reconstituição e com tão consumada arte de criar personagens ou de transferi-las para a literatura.*²⁹²

O intuito dessa profecia era o de proclamar ao povo as boas-novas de que o exílio terminaria e Israel voltaria à sua posição de nação livre.

Graciliano, ao cumprir sua promessa de escrever sobre tudo o que passou no cárcere, como já dissemos e retomaremos mais adiante, também “proclama” a restauração daqueles homens.

Como não se acanalhar

Ao final do volume I, Graciliano reflete sobre a solidariedade que os presos no Pavilhão prestavam aos que retornavam da Colônia:

*(...)E vinha a notícia: num cárcere próximo definhavam alguns homens sujos e famintos, de volta da Colônia. Surgiam caixões no pavimento inferior, num instante se organizava um serviço de assistência... Eram frutas, conservas, latas de goiabada, biscoitos, guloseimas várias em pacotes, abundância recebida na secretaria em dias de visita. Causava-me espanto ver aquela gente despojar-se por gosto*²⁹³

Graciliano surpreende-se com aqueles gestos de solidariedade e chega a questioná-los - a experiência da convivência com os presos levava-o à desconfiança – no entanto, “retrata-se” ao admitir o engano e reconhecer ter feito julgamento errado: *Mais tarde, em condições diversas, notei o engano, e arrependi-me de haver julgado mal as criaturas. Descendo muito, fraco e*

²⁹² MC p.26.

²⁹³ MC p.346.

*inútil, recebi favores que não poderia retribuir, Necessitamos conhecer a miséria para descobrir ações desinteressadas. Provavelmente elas existem na vida comum, Falta-nos, porém, meios de percebê-las.*²⁹⁴ Afinal, precisavam amparar-se mutuamente para garantirem sua sobrevivência, o autor repete o que já afirmara antes: *buscávamos amparar-nos uns aos outros. Difícil viver sem isso.*²⁹⁵ Ajudar ao Outro e ao mesmo tempo “amparar-se “nele. Ali, na dureza do cárcere, os homens se projetam uns nos outros, portanto, ajudar o que necessita agora é ajudar-se a si mesmo depois. Para tanto, o mais importante era conservar a dignidade, lutar a todo custo contra a tentativa violenta de suprimir-lhes esse bem inestimável: *Certo não nos iríamos acanalhar; em qualquer meio faríamos o possível para conservar a dignidade*²⁹⁶. De dentro deles mesmos viria a força necessária: *O relatório de Chermnont nos demolia...buscaríamos em nós mesmos força bastante para restaurar-nos*²⁹⁷

Graciliano acreditava nessa capacidade (humana) dos homens de se restaurarem apesar de tudo, de não perderem a dignidade e não se entregarem à canalhice. Escreveu as Memórias para descrever essa resistência.

Graciliano nos relata o tratamento animalesco e as torturas físicas e psicológicas a que foram submetidos aqueles homens, mas também nos retrata a resistência interna que iam construindo dentro de si, o esforço para não se “tornarem de fato” em canalhas, mas continuarem a ser... homens. São os homens que Graciliano busca e resgata em seu texto. É sobre eles

²⁹⁴ MC p.356.

²⁹⁵ MC p.348.

²⁹⁶ MC p.349.

²⁹⁷ MC 333.

que fala o tempo todo, são homens antes que figuras políticas proeminentes ou ladrões e assassinos. São homens que tinham uma vida, mas que fora estragada pelo cárcere: *A vida se estragara*.²⁹⁸

Ao escrever as memórias, talvez já não seja possível recuperar essas vidas (no sentido de consertar estragos) mas certamente pode reconstruí-las através da narrativa, para o leitor, o qual também entende que pode reconstruir a sua.

Dever principal: existir

Se, no Pavilhão, todos os esforços eram concentrados para a manutenção da humanidade (alguma dignidade), “não se acanhalarem”, na 3ª parte , na Colônia Correcional , o existir simplesmente passa a ser um dever.

Em nenhum outro momento será tão necessário defender a vida, o “direito” a ela. O autor passará lá menos dias que no Pavilhão, mas a experiência será muito mais densa.

Logo no início, ao rever alguns que voltavam da Colônia, Graciliano se recorda da imagem do esqueleto que o rapaz da rouparia trazia tatuado. O riso daqueles homens era como o riso da caveira. E já não eram homens senão farrapos apenas: (...) *Farrapos. Regressavam da Colônia*,

²⁹⁸ MC p.378.

*farrapos*²⁹⁹. Assim os descreve o autor, mas um dos presos avança e lhe resume a experiência na Colônia como uma animalização total do ser humano: *Bichos, exclamou Tamanduá. Vivemos como bichos (...). Num curral de arame farpado, como bichos (...).*³⁰⁰

Dias depois, o próprio autor, junto com outros, embarca para a Colônia. Ainda durante a viagem, um pouco antes de jogar na água as anotações que até então fizera, ante a indiferença das pessoas que viajavam na primeira classe (principalmente as mulheres) o autor observa: (...) *não valíamos nada, éramos lixo.*³⁰¹

Acentuando essa ideia do não valer nada e do tratamento como bichos, o autor se refere ao lugar reservado para eles no navio como “jaula”: *Penetrei na jaula que nos reservavam, fui sentar-me a um canto.*³⁰² Os homens ao seu redor eram: *Bichos bravos e vagarosos, de outro mundo.*³⁰³ Homens dantes agitados e falantes, agora quase não se moviam, sequer conseguiam conversar:

*Cabezón tentava conversar e desistia (...). Do velho Eusébio restavam depressões (...). Petrosky, o homenzarrão silencioso e louro, arriava-se a um canto invisível, no escuro, entre caixões. Se tentasse erguer-se não conseguiria aprumar-se.*³⁰⁴

Iam tornando-se sombras. O próprio autor já não se (re) conhece: *Eu mesmo era um desconhecido agora, diluía-me, tentava debalde encontrar-me, perdido*

²⁹⁹ MC 2, p.16.

³⁰⁰ MC 2 p.16-17.

³⁰¹ MC 2, p.38.

³⁰² MC 2 p.40.

³⁰³ MC 2 p.43.

³⁰⁴ MC 2 p.43.

entre aquelas sombras.³⁰⁵ Ao refletir sobre a notícia da prorrogação do estado de guerra, o qual lera num jornal, e recordar-se de sua infância na fazenda, o autor sente-se um sujeito “morto” :

*De qualquer forma, enveredando no futuro ou mergulhando no passado era um sujeito morto. Necessário esquecer tudo aquilo: o porão, o carro de segunda classe, o tintureiro, os cubículos, a recordação da infância, o país distante e absurdo, refúgio impossível.*³⁰⁶

Para contar a experiência na Colônia, o autor vai construindo/reconstruindo a degradação sofrida por ele e os demais. A tentativa de anulação do ser principiava pela aniquilação da vontade: *A vontade sumira-se, seguia à do próprio corpo o meu corpo infeliz era um conjunto de trapos bambos e chegava enfim à impossibilidade de qualquer reação: incapaz da mínima reação, meio cadáver.*³⁰⁷

A sensação do “não ser nada”, “não poder nada” leva à ideia /sensação de solidão – ainda que em meio a tantos outros: *No desarranjo momentâneo o que mais me impressionou foi sentir-me inteiramente só. Havia em torno um milhão de homens, com certeza . E a solidão, por sua vez, levava à aniquilação total: Cruzei os braços, aniquilei-me*³⁰⁸

Mas o relato de Graciliano mostra que havia ainda algo mais terrível. Pior que sentir-se só entre um milhão de homens, era não sentir o Outro, ser-lhe indiferente à sua dor, seu sofrimento. Após relatar a cena

³⁰⁵ MC 2 p. 44.

³⁰⁶ MC 2 p.44.

³⁰⁷ MC 2 p.64--65

³⁰⁸ MC 2 p.64.

violentíssima em que um soldado espanca um homem durante um grito de Formatura geral (todos deveriam ficar em pé, com os braços cruzados) - no filme³⁰⁹, o homem é representado por um negro, que cochila exausto na fila – o autor observa que os demais (inclusive ele) não fizeram absolutamente nada: *Todos em roda estavam assim, firmes, de braços cruzados, impassíveis. Nenhum sinal de protesto, ao menos de compaixão. Também me comportava com essa horrível indiferença.*³¹⁰

A dor do Outro já não despertava nada. A violência cometida contra um inseria-se na violência maior cometida contra todos; e o autor conclui: *Éramos frangalhos, éramos fontes secas; éramos desgraçados egoísmos cheios de pavor. Tinham-nos reduzido a isso.*³¹¹ A violência bestial reduzia-os a “egoísmos cheios de pavor”. E a aniquilação total veio com a declaração do anspeçada em discurso proferido aos recém chegados à Colônia: *Vocês não vêm corrigir-se ... vêm morrer*³¹². É lhes declarada a morte, a supressão total de todo e qualquer direito, inclusive o de viver: *Não tínhamos nenhum direito, nem ao menos o direito de viver. Uma morte vagarosa E finar-nos-íamos devagar*³¹³, uma morte certa *Enfim não nos enganavam. Estávamos ali para morrer.*³¹⁴

Porém, uma morte com redenção: a escrita de Graciliano. Das torturas físicas e psicológicas sofridas, restava-lhe a consciência (...) *restava-me uma consciência*³¹⁵. Consciência que o desperta para o dever de existir:

³⁰⁹ Filme brasileiro, de 1984, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. Prêmio, no mesmo ano, no Festival de Cannes.

³¹⁰ MC 2 p. 67.

³¹¹ MC 2 p.67.

³¹² MC 2 p.69.

³¹³ MC 2 p.69.

³¹⁴ MC 2 p.74.

³¹⁵ MC 2 p.81.

*Com efeito, lá dentro os melindres de consciência embotam-se (...) e o nosso dever principal é existir.*³¹⁶

Resistir para (re) existir

Existir/resistir através da escrita, re-existir enfim. A construção do relato reafirma essa resistência, recupera a história de Graciliano e dos demais, restaura a vida e por isso insere-se no processo de *libertar o passado daquilo que é sua versão segundo os interesses dos vencedores*.³¹⁷

Como no romance de Pepetela, o que temos então é a versão do oprimido, dos vencidos, dos dominados por um dominante – que pode mudar de nome ou de lugar, mas não de lançar mão de métodos violentos para impor-se. Optando por fazer ouvir (e valer) a voz dos oprimidos, é que Graciliano se recusa a atender ao pedido de Alfeu para escrever-lhe um discurso ao diretor da prisão, no aniversário deste. Embora temendo receber pancadas iguais as que recebeu o homem que não fizera a “formatura”, Graciliano explica que era uma tarefa que ele não poderia cumprir: não conhecia os sentimentos de Alfeu para colocá-los no papel, não podia ser ele amável com o diretor, não tinha motivos para ser amigo dele. O autor consegue livrar-se da situação, descrita por ele como a de *um*

³¹⁶ MC 2 p139.

³¹⁷ GARBUGLIO, José Carlos ET alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol 2), p.100.

*rato a pretender esquivar-se inutilmente; os olhos ruins do gato imobilizavam-me.*³¹⁸ .

Não escreveria para o “gato, mas escreveria para os outros “ratos” – presos e ameaçados como ele; ou, ainda melhor, escreveria sobre eles, escreveria –os – como temos afirmado, em *Memórias do Cárcere*, Graciliano resgatou e recompôs aqueles homens na escrita de suas memórias. Deu voz aos oprimidos para que se expressassem e pudessem assim, contar a história na sua versão. Graciliano contou, no seu livro *Insônia* as histórias do ladrão Gaúcho que conhecera lá na Ilha:

- Ô Gaúcho, perguntei, você sabe que eu tenho

interesse em ouvir as suas histórias?

_ Sei. Vossa mercê vai me botar num livro.

_ Quer que mude seu nome?

_ Mudar? Por quê? Eu queria que saísse meu retrato.³¹⁹

De igual modo, é na prisão da Ilha que o autor conhece João Francisco, um caboclo “acostumado” à miséria e que tinha o projeto de entrar num bando e matar soldados na guerrilha: *Queria viver e matar soldados.*³²⁰ Semelhante pensamento passará pela cabeça do vaqueiro Fabiano, em *Vidas Secas*, quando da sua prisão arbitrária. Ao levar pancadas e ter que passar a noite na cadeia junto com outros presos, Fabiano afirma para si mesmo que, se não fosse a família – a mulher, os

³¹⁸ MC 2, p.115.

³¹⁹ MC 2 p.93 A história, de um roubo praticado por Gaúcho, é relatada no conto Um ladrão em *Insônia*.

³²⁰ MC 2, p.136.

meninos e até a cachorra – *Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo*³²¹.”

No entanto, é na saída do autor da Ilha que ele anuncia claramente o seu intento: o de **escrever** as suas recordações. E aqui vale retomar o trecho:

– *Levo excelentes recordações, doutor. E hei de pagar um dia a excelente hospedagem que os senhores me deram.*

– *Pagar como? – exclamou a personagem*

– *Contando lá fora o que existe na Ilha Grande.*

– *Contando?*

– *Sim, doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel.*

(...)

– *Não senhor. Faço livros. Vou fazer um sobre a Colônia Correccional.*

Duzentas páginas ou mais. Os senhores me deram assunto magnífico.

*Uma historia, sem dúvida.*³²²

É como se, respondendo a afirmação à sua chegada a Ilha “Vão morrer”, o autor dissesse “Não, não vamos morrer. Vamos viver para sempre. Vou imortalizar-nos através da escrita”. Nenhuma linha para o gato-opressor, mas todas para os ratos oprimidos.

“Faço livros” – em outras palavras: tenho o poder de dar e ressuscitar vidas.

³²¹ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, 102ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p37.

³²² MC 2 p.158.

O tempo, às vezes, para

Graciliano sai enfim da Ilha e volta para a Casa de Detenção. Ao chegar, um diretor amável, que nascera em Alagoas e conhecera familiares da esposa do autor, faz questão de vê-lo e falar-lhe. A amabilidade com que é então tratado confunde e embaraça Graciliano: - *Sim, [cheguei] ontem. Ou anteontem, não me lembro, respondi atarantado. O tempo deixara de existir.* ³²³

E como “contar” ou “medir” o tempo ante tantas experiências vivenciadas? A memória, ao resgatar a densidade dessas experiências, chega mesmo a questionar a existência, a realidade dos fatos vividos: *A Colônia ia se distanciando; a cama, a esteira, o lençol ensangüentado, a tatuagem do Gaúcho e os olhos ferozes de Alfeu confundiam-se. Teriam existido?* ³²⁴ Questionamento semelhante ao que faz o médico-narrador na narrativa do romance português *Os cus de Judas*, de Lobo Antunes. *Começo a pensar que o milhão e quinhentos mil homens que passaram por África não existiram nunca e lھے estou contando uma espécie de romance de mau gosto impossível de acreditar, uma historia inventada (...)* Para ele, os calendários eram imóveis, intermináveis dias ³²⁵ E, ao voltar para casa, da guerra colonial em Angola, passados já 8 anos que a deixara, o médico narrador se pergunta: *Tão*

³²³ MC 2 p.190.

³²⁴ MC 2 p.192.

³²⁵ ANTUNES, Antonio Lobo. *Os cus de Judas*. Lisboa: Dom Quixote, 1979 p81,204.

*esquisito, entende, que me pergunto às vezes se a guerra acabou de fato ou continua ainda, algures em mim(...)*³²⁶ A experiência da guerra colonial abalara as noções de tempo e realidade. Teriam existido os homens que passaram por África? Teria acabado a guerra – ou ainda “continuará nele”? Quando, se a experiência da guerra tornara os calendários imóveis e os dias intermináveis? O tempo se dilui na(s) experiência(s) da guerra e da prisão; deixa de existir. O médico narrador, do romance português, é um ser aflito e angustiado, busca reencontrar-se através da escrita – numa tentativa de preencher o vazio, sobretudo interno que a experiência da guerra lhe deixou.

Graciliano também busca esse encontro e, se o médico narrador não consegue deixar as lembranças terríveis da violência em África *Deixe que eu esqueça , olhando-a bem, o que não consigo esquecer, a violência assassina na terra preta de África...*³²⁷ – também Graciliano não pode esquecer a violência sofrida no cárcere: *Impossível esquecer o porão do Manaus e a Colônia Correccional*³²⁸

No entanto, Graciliano expressa uma resistência que o leva a prosseguir/insistir e, ainda que “teimosamente”, viver: *Achava-me doente, arrasado, vivia com uma teimosa resistência.*³²⁹ Travava uma dura luta pela vida; *Nunca a luta pela vida me pareceu tão dura*³³⁰ e, a sensação de que estavam

³²⁶ *Idem*, p.200.

³²⁷ ANTUNES, Antonio Lobo. *Os cus de Judas*. Lisboa: Dom Quixote, 1979 p.206.

³²⁸ MC 2 p.211.

³²⁹ MC 2 p. 211.

³³⁰ MC 2 232.

mortos-vivos se mantinha: *Tínhamos na verdade a impressão de nos acharmos num cemitério.*³³¹

Quando sua mulher leva uma procuração para constituir Sobral Pinto seu advogado, primeiro Graciliano oscila, depois aceita *Não podia encerrar-se no pessimismo, indispensável regressar à humanidade, fixar-me nela; impossível satisfazer-me com partículas de humanidade*³³² Assinar a procuração para o advogado, escrever seu nome, já é resgatar a possibilidade de se resgatar como pessoa humana.

Prestes a finalizar as memórias, Graciliano, como não poderia deixar de ser, alude à resistência: *Poderíamos ficar assim. E poderíamos resistir livrar-nos, acomodar-nos outra vez, mais fracos e sem alma.*³³³

Fracos, sem alma (antes “cheia de calos”, “arrancada” depois) havia a possibilidade de findar, entregar-se, não conseguir mais. Mas havia também a possibilidade de resistir, continuar lutando ainda que “mais fracos”.

Dessa resistência contínua trata Graciliano.

³³¹ MC 2 p. 284.

³³² MC 2 p.298.

³³³ MC 2 p.310.

5. Memórias e utopias

Quero trazer à memória o que me pode dar

esperança.

(Livro de Lamentações, do profeta Jeremias)

Memória, movimento e utopia

Em seu livro *Marxismo e Forma*³³⁴, Fredric Jameson, ao passar em revista importantes teorias dialéticas da literatura no século XX, aponta a alienação e a desumanização como danos da sociedade moderna: (...) *Quantos filósofos modernos descreveram a “existência mutilada” que levamos na sociedade moderna, o dano psicológico causado pela divisão do trabalho, a alienação geral e a desumanização da vida moderna em todos os seus aspectos?*³³⁵

Jameson analisa como seria possível superar essa “existência mutilada”, recuperar uma unidade e a humanidade a partir de formulações feitas por Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Ernst Bloch.

Para Walter Benjamin, o impulso para a unidade relaciona-se com o passado e a memória: (...) *A memória forja a cadeia da tradição que transmite os eventos de uma geração para outra*³³⁶

Para Herbert Marcuse a Abundância (liberdade sexual, abundância de bens de consumo, habitação, acesso livre à cultura e outros) e o controle

³³⁴ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985.

³³⁵ *Idem*, p.55.

³³⁶ *Ibidem*.

total (uma crescente manipulação e sofisticadas formas de controle da mente) são fatores dos problemas da sociedade moderna na medida em que, como não há questionamentos do sistema, revoltas, é cada vez maior o aviltamento da vida espiritual e intelectual assim como a degradação e desumanização da existência. Ele apresenta uma ideia utópica da negação: nessa sociedade de consumo, uma existência genuinamente humana só poderia ser alcançada pelo processo de negação; e também valoriza a memória, a qual é tomada como um alicerce teórico: ele fala em “memória de satisfação. Para Marcuse a memória está a serviço do prazer, e o impulso para recuperar a satisfação passada é a força que move o pensamento e que pode mediar o “dentro e o fora”, o psicológico e o político.

Já para Bloch, tudo é manifestação de um movimento em direção ao futuro. Ele alude a um mundo transfigurado que é a Utopia – a qual pode ser detectada sob qualquer nível de repressão pelos instrumentos e dispositivos da esperança. As coisas não se esgotam no acontecer ou no relato do acontecido, permanecem em movimento o qual aponta para uma direção. Ele defende a ideia de “antecipação positiva”: transformação da ansiedade localizando o positivo no interior do negativo. Ou seja, é preciso ampliar as antecipações para encontrar satisfação também na negação. Para Bloch, é esta insatisfação essencial no próprio núcleo da esperança (...) *que impele o tempo adiante e que transforma cada desejo contingente numa figura do desejo utópico mesmo (...)*³³⁷

³³⁷ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985, p. 109.

Todas essas ideias são apresentadas como amostra objetiva de algumas formas que uma hermenêutica marxista (disciplina política que permite contato com fontes de energia revolucionária, durante repressão, para preservar o conceito de liberdade) dispõe (...) *para devolver uma dimensão política autêntica a textos disparatados que se acumulam no livro de nossa cultura(...)*³³⁸

Buscando, então, uma análise a partir dessa dimensão política proposta por Jameson, procuraremos observar como, em *A geração da utopia* e em *Memórias do cárcere*, a relevância da memória traduz-se como força que move o pensamento e aponta, utopicamente, em direção ao futuro.

Exteriorizar a memória – recuperar homens, recuperar uma nação

Já vimos como, em *A geração da utopia*, Pepetela elabora o texto buscando (re) construir a unidade da nação, do povo angolano e como, em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos procura também reconstituir a unidade daqueles homens cindida no cárcere.

Vimos também como, embora flutuando entre algumas definições, *Memórias do cárcere* é um livro de memórias. E *A geração da utopia* o é também na medida em que, ao fazer o balanço de uma parte da história da

³³⁸ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.125.

nação angolana o autor recupera fatos da história real na história de seu romance. São, portanto, dois livros em que se exterioriza a memória através da escrita e que se tornam, assim, a mediação entre o psicológico e o político, o “dentro e o fora” de que trata Marcuse. Ao realizar essa mediação, ou seja, a partir da exteriorização memória pela escrita, recuperam-se a nação e os homens

Graciliano Ramos inicia o capítulo 1 (Volume I) anunciando que vai contar (exteriorizar) o que havia passado há dez anos. Explica por que silenciara e por que estava decidido a contar, enfim, essas memórias.

Ora, segundo Marcuse (...) *a recordação é o complemento da experiência*.³³⁹ Ao escrever, então, as memórias daquele tempo, Graciliano Ramos complementa as experiências vividas no cárcere – não só as dele, mas também as dos homens que ali conviveram com ele. O autor explica que o afligia a ideia de (...) *jogar no papel criaturas vivas (...) realizando atos esquecidos, repetindo palavras (...)*³⁴⁰. Ao reconstituir essas experiências, Graciliano Ramos as complementa com sua própria percepção dos fatos e das pessoas:

(...) *Nessa reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade*.³⁴¹

³³⁹ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.63.

³⁴⁰ MC p.33 .

³⁴¹ MC p.36 .

Assim é que, a escrita das memórias proporciona o resgate da **unidade:** (...) *Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo*³⁴²

Graciliano Ramos afirma ainda, neste capítulo, que por não ter guardado os apontamentos obtidos em longos dias e meses de observação, certamente muitos detalhes foram esquecidos e não poderão ser reproduzidos com exatidão, mas conclui que na verdade valiam pouco; que outras coisas que se conservaram (na memória, por suposto) (...) *cresceram, associaram-se e é inevitável mencioná-las*.³⁴³ São, pois, essas “lembranças inevitáveis” as que podem, de fato, realizar a mediação entre o dentro e o fora – não se tratam de anotações “exatas”, são, antes, as recordações de fatos/lugares/pessoas/gestos que, pela sua relevância para a experiência vivida, “cresceram e associaram-se” – o psicológico e o político: textos de memórias de determinados tempos e espaços, que se revela também texto de denúncia e , assim , de desalienação (Benjamin Abdala Jr.)

O mesmo podemos observar em *A geração da utopia*, o autor não elabora um texto de documento histórico puro e simples, trata-se de literatura – romance ficcional que se apropria de elementos da história e se “nutre” da utopia. Segundo Marcuse, o pensamento utópico

(...) une os impulsos filosófico e artístico, transcendendo-os ao mesmo tempo; é filosofia tornada concreta, é arte que toma como seu objeto, não produtos e obras, mas a própria vida. O impulso para a

³⁴² MC p.37 .

³⁴³ MC p.37.

*fantasia (...) nega agora o mundo real existente, o mundo “realista” e prepara um futuro para este.*³⁴⁴

Sendo, portanto, arte que toma como produto a própria vida, no romance *A geração da utopia*, a partir do real, há o impulso para a *fantasia*. Segundo Antonio Cândido, o texto literário se forma a partir do contexto, para ele: (...) *é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos.*³⁴⁵

Antonio Cândido vê a literatura como força humanizadora, como (...) *algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem (...). A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia.*³⁴⁶

Assim é que o dentro/psicológico (a exteriorização da memória) e o fora/político (*A geração da utopia* também é texto de denúncia e de desalienação, como temos afirmado) são mediados no romance pelos impulsos da fantasia – os quais se constituem por tratar-se de um texto literário .

A geração da utopia é também texto que complementa a experiência vivida do povo angolano, durante o colonialismo, a guerra de libertação e o pós-guerra. No romance, Pepetela apresenta uma visão da realidade vivida naqueles momentos: narra, conforme já afirmamos, a geração da utopia que sonhou, projetou e lutou por uma Angola melhor,

³⁴⁴ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.90.

³⁴⁵ CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 34ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002 p.79.

³⁴⁶ *Idem*, p.80.

mas também narra os seus erros e frustrações. E é então dessa “críticidade” que advém, então, a unidade do texto – o autor, ao mesmo tempo em que trata do heroísmo, não exclui questões como o medo e a covardia. Recorrendo de novo a Antonio Cândido: *O leitor (...) se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.*”³⁴⁷

Em *A geração da utopia*, Pepetela elabora a narração de um período longo da história de Angola: de 1961, partindo das intenções e ações dos jovens da CEI, até “a partir” de 1992. A importância desse recorte longo está, a nosso ver, na possibilidade que o autor tem, assim, de referir-se à força dos impulsos utópicos que nortearam “a geração da utopia” – para depois desenvolver os caminhos trilhados *durante* a revolução, para chegar, enfim, à situação do pós-guerra. O resgate da “força” desses impulsos deve-se à função específica da memória

*(...) em preservar promessas e potencialidades que são traídas e mesmo renegadas pelo indivíduo amadurecido e civilizado, mas que foram certa vez realizadas em seu discurso passado e que nunca são completamente esquecidos.*³⁴⁸

Marcuse chama de “memória de satisfação” e afirma que *A energia primária da atividade revolucionária deriva dessa memória de uma felicidade (...) que o indivíduo pode recuperar somente por sua exteriorização.*³⁴⁹

³⁴⁷ CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 34ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002, p.92

³⁴⁸ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.92

³⁴⁹ *Ibidem*.

Pepetela resgata, portanto, os jovens da CEI com todas suas potencialidades e energia para a atividade revolucionária. Jovens que se tornaram (ou não) depois guerrilheiros e ocuparam (ou não) seus lugares no pós-guerra.

É o resgate de potencialidades anteriores à repressão (à guerra, no caso) e que restaura também a clareza e força dos impulsos. Como se observa na afirmação de Aníbal quando conversa com Sara sobre a sua dúvida se seria melhor partir para Angola mobilizado pelo exército português e efetuar sabotagens ou desertar: *_ Sim, estou preocupado. – Baixou a voz. – Mais cedo ou mais tarde a minha unidade vai ser mobilizada. E eu, o que faço? Não se trata de mim, o que é melhor ou pior para mim, mas para a terra.*³⁵⁰.

A preocupação com a terra, a nação em primeiro lugar, era o que de fato motivava o jovem Aníbal.

Observamos a mesma motivação na convicção de Sara no diálogo em que decide esconder Aníbal quando este opta pela deserção do exército português:

_ Ficas aqui o tempo que for preciso. Sais de manhã cedo, muito rápido, metes-te nalgum sitio...

(...)

_ Sabes o que está a arriscar, Sara ? E por quê ?

*_ Sei. Primeiro és meu amigo. E mesmo se não fosses... és um nacionalista que vai lutar pela independência do país. Esta é a minha forma de ajudar Angola.*³⁵¹

³⁵⁰ GU p.22.

³⁵¹ GU p.54.

Aqui também a luta pela liberdade da terra ganha relevância, é a motivação, no diálogo entre Vítor e Elias – quando ainda jovens estudantes, no tempo da CEI:

— Não sabia que defendias as teorias da UPA.

(...)

— Ouve, Vítor, é a única teoria que soube mobilizar populações inteiras para lutar com paus ou catanas contra o poderio colonial. Conheces outra melhor?

— Conheço. A que diz que todos os angolanos devem lutar juntos contra o colonialismo, sem massacres de civis, sejam eles quem forem.

*E que congregue até mesmo os mulatos.*³⁵²

Por essa época também eles são jovens que pensam na liberdade da terra, defendendo cada um seus pontos de vista, embora, mais tarde, serão os que trairão e renegarão esses impulsos, deixando-se seduzir pelo poder-expresso de diferentes formas.

Em *Memórias do cárcere*, em alguns momentos, Graciliano Ramos alude também a essa energia necessária para a atividade revolucionária, que aparece nos jovens que se dedicaram, de uma forma ou outra, à causa revolucionária:

Receava prejudicar alguém. Iria qualquer informação doida transformar-me em delator, levar à cadeia rapazes inofensivos que tencionavam eliminar a burguesia distribuindo às escondidas nos cafés papéis mimeografados ? Um deles, Jacob (...) encarregava-s de receber as prestações na venda do tio, judeu verdadeiro. Não recebia

³⁵² GU p.83.

*nada: dava aos fregueses opiniões incendiárias, folhas volantes vermelhíssimas. (...) E meus filhos mais velhos, da Juventude Comunista, pichadores de paredes, provavelmente andavam perseguidos, a esconder-se.*³⁵³

E também na resistência dos presos às torturas que sofriam na cadeia para não “delatar” os companheiros:

*Resistência inconsciente, defesa instintiva (...). Imaginei naquela situação e naquela angústia alguém que houvesse fraquejado no torniquete (...). Rodolfo crescera muito aos meus olhos. A energia involuntária deu-lhe maior prestígio que a inteligência revelada nos discursos longos.*³⁵⁴

Valorizar diferenças

Herbert Marcuse, que se referiu a Abundância (sociedade de consumo) e a um certo controle total (manipulações que ocorrem se que haja contestações) como grandes problemas da sociedade moderna, explica que essa “neutralização universal” se dá pelo enfraquecimento da luta de classes, assimilação das classes trabalhadoras à burguesia e a um esgotamento, pelos meios de comunicação do conteúdo e dos gestos de revolta. Tudo isso culmina numa tolerância definida por ele como

(...) genuinamente repressiva na medida em que oferece os meios de difundir as ideias mais perigosas e subversivas: não é a censura que é

³⁵³ MC p.68 Vol 1.

³⁵⁴ MC p.263 Vol 1.

*o meio mais eficaz de destruir um movimento ou uma personalidade revolucionária potencialmente ameaçadores, mas sua transformação em moda.*³⁵⁵

Em *A geração da utopia*, a igreja do Dominus pode ser exemplo dessa espécie de “tolerância passiva”. Sendo uma estrutura comunitária, poderia funcionar como alternativa ao individualismo (capitalista): estimular relações solidárias e apresentar-se como espaço possível para discussões dos problemas do coletivo. No entanto, concentra-se em tornar comuns certos interesses e, longe de incentivar um “questionamento” do sistema geral, induz a uma aceitação passiva de tudo, ao igualar todos e tudo na fala de Dominus :

*(...) todos são bem-vindos,, os fiéis são bem-vindos, os curiosos são bem-vindos, os inimigos são bem-vindos, os caluniadores são bem-vindos, o s descrentes são bem-vindos, todos são de Dominus, porque a todos Dominus ama , e no fim já não serão descrentes, e no fim já não serão inimigos, e no fim já não serão caluniadores, pois no fim todos são irmãos, no fim todos somos filhos de Dominus (...)*³⁵⁶

A “acolhida comunitária” acaba tendo por objetivo a anulação de diferenças: se todos são irmãos e filhos de Dominus, o “curioso”, o “descrente” já não o serão, o mesmo quer dizer que os que se opõem/os que contestam, tornar-se-ão passivamente “iguais”. Mesmo as consequências trágicas da guerra devem ser, simplesmente, esquecidas:

³⁵⁵ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.90.

³⁵⁶ GU p.311.

*(...) até o som diminuir um pouco e o bispo aproveitar para falar, sempre no mesmo tom, explicando os passos principais da doutrina, trovejando contra a intolerância, falando da necessidade de se esquecer os ressentimentos da guerra(...)*³⁵⁷

Em *Memórias do cárcere* Graciliano Ramos aponta a tentativa de quebra/anulação da vontade, conforme já assinalamos, como primeira imposição do cárcere: (...) *Operava-se assim, em poucas horas, a transformação que a cadeia nos impõe: a quebra da vontade.*³⁵⁸ E, mais adiante, denuncia o estado de letargia, de “sonolência” do povo que se mantinha, indiferente à Revolução os da cidade, e ainda cegamente obedientes aos coronéis e à igreja, os do campo (quando tecemos algumas considerações históricas no início deste trabalho, vimos como o governo ditatorial no Brasil tratou de calar as vozes contestadoras dos que se lhe opunham). Vale repetir o trecho:

*Em geral a revolução era olhada com medo ou indiferença. Os habitantes da cidade contentavam-se com discursos idiotas (...) as populações da roça (...) animalizavam-se na obediência ao coronel e ao seu vigário (...). Muitos anos seriam precisos para despertar essas massas enganadas, sonolentas.*³⁵⁹

À quebra da vontade, seguia-se a da consciência e por fim a da dignidade:(...) *A um canto o advogado Nunes Leite se encolhia, isento de pensar (...)* *Agora, envolto em fria mortalha de medo, perdera a consciência, era um fantasma choroso e automático.*³⁶⁰

³⁵⁷ GU p.313.

³⁵⁸ MC p.54.

³⁵⁹ MC p.83.

³⁶⁰ MC p.100.

Aqui, a ideia de igualar está atrelada a de suprimir diferenças com o intuito de humilhar, degradar, destruir: (...) *A administração pública não atenta nessas ninharias, tende a uniformizar as pessoas. Somos grãos que um moinho tritura - e ninguém quer saber se resistimos á mó ou se nos pulverizamos logo.*³⁶¹ O mesmo pode ser observado no discurso de Alfeu à chegada a Colônia Correcional: *Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Aqui não há grandes. Tudo igual.*(...)³⁶²

A resistência a essas “uniformização” das diferenças (para usar o termo de Benjamin Abdala Jr.), viria, de acordo com Marcuse, de um movimento que funcionasse como um “ensaio geral da utopia”. Um movimento do particular para o geral em que se parta da experiência individual para uma liberação universal. Para tanto, seria necessário que o contentamento subjetivo deixasse de ser positivo (no sentido de saciedade final pela sociedade de consumo) para se tornar negativo – como recusa simbólica a tudo que a sociedade tem a oferecer, só assim (...) *a felicidade pode recuperar seu direito de ser concebida como medida e ampliação das possibilidades humanas.*³⁶³

Podemos então dizer que os jovens da CEI em *A geração da utopia*, partiram desses princípios para elaborar a sua resistência. A partir do projeto inicial de “descobrir Angola”, valorizando as suas diferenças (culturais), os objetivos passaram pela questão da libertação da “pátria, da nação” ainda que com sacrifícios individuais. E, para que se atingissem tais objetivos, seria necessário que essa postura fosse adotada e se

³⁶¹ MC p.101.

³⁶² MC 2, p.69.

³⁶³ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.90-91.

mantivesse durante a guerra (pelos líderes e guerrilheiros) e depois dela (pelos dirigentes políticos sobretudo).

A frustração do projeto ocorreu justamente por causa da inversão de postura, ou seja, muitos passaram a pensar mais, e primeiro, nos próprios benefícios que nos do coletivo (do povo). Vítor, Malongo e Elias são exemplos já anteriormente analisados neste trabalho.

Marta, a amiga de Sara que abrigou Aníbal, ainda na primeira parte do romance, alertou “profeticamente” para a probabilidade de a revolução – que ela chamou de sonho – não se efetivar como se almejava, e apontou para a desilusão que Aníbal sofreria:

— Se não morrer, o que se enquadra melhor com sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chama de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefactos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida.³⁶⁴

Cumprida a “profecia”, a sociedade angolana que aparece no final do romance é marcada, como já vimos, pela corrupção dos que detêm poder político e econômico e pela miséria do povo. Desse grande incêndio, ou “naufrágio coletivo” para usar o termo de Marcuse, Pepetela, que alude à divisão de Angola em duas e propõe a sua “junção” novamente, mostra que

³⁶⁴ GU, p.111.

é possível a continuidade da utopia ao apostar no revigoração das novas gerações – as quais terão por base a memória do que foi feito/sonhado pelas gerações anteriores. O termo geração indica que se trata do coletivo, embora partindo de ações particulares, o movimento utópico realiza-se no conjunto.

Em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos não escreve a sua biografia ou as suas memórias, opta, como já vimos, por contar a de todos. Posiciona-se como único sobrevivente no ambiente “sepulcral” do cárcere e descreve-se quase sempre como o que apenas observa os demais. Mas sabemos que essas “observações” na verdade estão sendo captadas e filtradas pela sensibilidade do escritor, do artista, do homem profundamente humano, que as exteriorizará por fim na composição das *Memórias do cárcere*. E, invertendo a ação da administração que tendia a uniformizar para tratá-los como grãos, o autor reagrupa partes de cada um para novamente reconstruir o grupo e, tal como num quebra-cabeça, partes distintas vão associando-se em um encaixe perfeito para compor outra vez o desenho original. Assim, as observações “pessoais” do autor retêm particularidades daqueles homens reestruturadas no texto, que se torna, então, coletivo. Mesmo quando cita nomes, afirma que são os fragmentos daqueles homens o que lhe interessa. Fragmentos que podem ser físicos, como nessa passagem em que descreve vários companheiros do porão do Manaus:

(...) O meu desejo era retratar os circunstantes, mas, além dos nomes, escassamente havierei gravado fragmentos deles: os olhos azuis de José

*Macedo, a contração facial de Lauro Lago, a queimadura horrível de Gastão, as duas cicatrizes de Epifânio Guilhermino, o peito cabeludo e o rosário do beato José Inácio, a calva de Mário Paiva, os braços magros de Carlos Van der Linden, o rosto negro de Maria Joana iluminado por um sorriso muito branco.*³⁶⁵

Assim, os “nomes” acabam chamando menos a atenção que “a queimadura horrível” de um, o “rosário pendente no peito cabeludo” de outro, “os braços magros” que remetem a toda magreza do corpo e, finalmente “um rosto negro de mulher iluminado por um sorriso muito branco.” Mas os fragmentos podem também ser de personalidade, e o autor, que por diversas vezes, como vimos, refere-se à travessia no porão como um processo de animalização, descreve assim o preso Ramiro, também do porão do Manaus:

*A coragem doida do menino encantava-me. Com certeza não tinha consciência do nosso estado, Enquanto os outros se moviam cautelosos, falando baixo, ele pisava firme, dirigia-se aos soldados em destampatórios, excedia-se em exigências ásperas, verdadeiras ordens. Depois, ria num estouvamento feliz, alheio à imundície, corria por todos os cantos exibindo as bochechas coradas, e à noite repousava calmo, como se o protegesse o sorriso doce da mamãe.*³⁶⁶

A linguagem aqui é de uma ternura incontida: “encantava-o” o “menino” que “pisava firme” e “ria num estouvamento feliz”, que conseguia manter-se “alheio” a toda aquela imundície e ainda “exibia

³⁶⁵ MC p.152.

³⁶⁶ MC p.171.

bochechas coradas”. E, por fim, como em um fecho de contos infantis, o menino “repousava calmo”, como se protegido pelo “doce sorriso da mamãe.” Trata-se de uma humanidade resgatada com maestria nas palavras do grande escritor Graciliano Ramos, capaz de detectar e expressá-la também quando presentes mesmo naqueles escolhidos para serem seus algozes:“(…) *Espantoso era achar naquela gente escolhida para torturar-nos homens dispostos, em noite de temporal, a descer de um cavalo, oferecer-nos a sela cômoda, viajar num rego lamacento.*(...)”³⁶⁷

Assim é que Graciliano Ramos vai recompondo a partir das diferenças sutis daqueles homens, seus corpos magros, marcados por queimaduras e cicatrizes, assim como suas personalidades - ainda que violentadas pela dureza do cárcere - humanas.

Futuro pleno de esperanças

A esse movimento (utópico) que Marcuse chama de “ensaio geral da utopia” e que vai do “particular para o geral”, Ernst Bloch acrescenta a noção de que se trata de uma “manifestação em direção ao futuro, plena de esperança”. Para ele:

(...) assim, pouco a pouco, para onde quer que olhemos, tudo no mundo torna-se uma versão de certa figura primordial, uma manifestação daquele momento em direção ao futuro e à identidade derradeira com um mundo transfigurado que é a Utopia, cuja

³⁶⁷ MC 2, p.170.

*presença vital por trás de qualquer distorção , sob qualquer nível de repressão, pode ser detectada,não importa quão fragilmente, pelos instrumentos e dispositivos da esperança.*³⁶⁸

A realidade, o momento presente, é algo que não pode/não deve ser ignorado, mas, partindo justamente dessa realidade é possível movimentar-se em direção ao futuro a partir dos dispositivos da esperança e, assim, imaginar-se (e lutar por) outra realidade, melhor.

A valorização da memória está no fato de que, ao se instaurar esse futuro novo, os elementos válidos do passado devem ser estabelecidos de uma nova forma.

Assim é que *Memórias do cárcere* é o relato da realidade de uma época – de ditadura, de repressões políticas várias – a *autópsia de uma época das mais sombrias que este país já atravessou*³⁶⁹ nas palavras de Werneck Sodré ao prefaciar o livro. E, no entanto, é um relato que transcende, sendo ainda nas palavras de Werneck: *uma espécie de livro de aprendizagem que deve estar em todas as mãos*³⁷⁰ é, por isso também, texto em movimento.

O próprio Graciliano Ramos afirma, no primeiro capítulo: (...) *emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte. Na cidade estávamos mortos, vamos ressuscitando.*³⁷¹ O livro todo é esse movimento lento de ressurreição (conforme já assinalamos no capítulo anterior). Se, na realidade passada, que a memória evoca, o mundo era de treva e morte,

³⁶⁸ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.97.

³⁶⁹ MC p.11.

³⁷⁰ MC p.19.

³⁷¹ MC p.35.

agora - no momento em que ele escreve - já é possível avistar luz mesmo que à distância: *Demais, já podemos enxergar luz a distância(...)*³⁷².

São, portanto, as memórias de um tempo de trevas, mas que, pelo movimento da escrita, podem avistar alguma luz. Luz ou esperança possível de ser detectada apesar da repressão. Esperança de que o futuro – que se instaura- seja, afinal, diferente e melhor. Graciliano Ramos não escreveu as memórias apenas para contar a história daquele tempo e daqueles homens. Escreveu a história deles para escrevê-los através dela, ressuscitá-los, imortalizá-los e resgatar-lhes a humanidade, sobretudo - conforme temos assinalado. Escreveu um “livro de aprendizagem para estar em todas as mãos” – lições a serem aprendidas e colocadas em prática. Graciliano Ramos fala da urgência em recompor o grupo que se desagregara; unificá-lo novamente apesar de algumas *vacilações dolorosas* (p.37 Vol. 1) da memória. O importante, o urgente, era contar aqueles “*casos passados há dez anos*”(p.33 Vol. 1), *desenterrar pacientemente* (p.37 Vol.1) aqueles homens para torná-los vivos outra vez e assim podermos ouvir-lhes as vozes reprimidas.

Memórias do cárcere é, portanto, movimento que restaura essas vozes do passado as quais ecoam perpetuamente no texto e, assim, podem possibilitar, um futuro bem diferente. Para isso servem as lições que se inscrevem no texto, daí a convicção a afirmação do autor à saída da Ilha Correcional: *_ Sim , doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel.*³⁷³

³⁷² MC p.35.

³⁷³ MC 2, p.158.

Ao colocar tudo no papel, os “casos contados” tornaram-se em novelo e Graciliano Ramos afirmou: (...) *este novelo de casos em muitos pontos vai emaranhar-se*.³⁷⁴ No entanto, ao invés de “emaranhar-se” o novelo é o que permite a saída do labirinto do passado, na medida em que a narrativa dos casos é tecida pelo fio libertário da (denúncia) da verdade. Ao ler o livro, tomamos esse fio nas mãos e podemos, então, percorrer seguros este labirinto - quase sempre escuro devido à presença da repressão e do medo, mas que se torna iluminado com a chegada de uma esperança que surge, timidamente talvez, quando dos gestos de solidariedade, companheirismo, mesmo de críticas – quando enfim se descortinam por trás das grades dos diversos cárceres (físico, moral, psicológico,...) que os aprisionam, os homens que efetivamente são. Homens e não mortos-vivos. Homens e não coisas. Homens outrora cindidos, mas costurados, de novo, pelo novelo da narrativa. Homens outra vez. Homens.

Ernst Bloch não se refere à esperança apenas como dispositivo para detectar a utopia, mas também como algo que (...) *impelir o tempo adiante e que transforma cada desejo contingente numa figura do desejo utópico mesmo, cada presente contingente numa figura da presença última da Utopia*.³⁷⁵ Impelir o tempo adiante no sentido de não apenas desejar uma outra realidade, um futuro melhor – mas provocá-lo. Trata-se de uma utopia que apresente, do modo mais concreto possível, um imaginário do ainda não existente (u – topos: lugar nenhum). Esse imaginário (desejado para o futuro) parte do concreto

³⁷⁴ MC p.35 .

³⁷⁵ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985, p.109.

(realidade vivida no presente) e mantém do passado (das memórias) o que lhe for aproveitável.

Em *A geração da utopia*, Pepetela traz à tona fracassos de um projeto, sonhos que não se concretizaram, mas, ao realizar um balanço histórico, também “impele o tempo adiante”.

Resgatado criticamente, o passado possibilita a aposta no futuro, afinal, segundo Bloch:

*Há muita coisa que não se esgota no acontecer, ou mesmo no bom relato do acontecido. As coisas possuem um modo estranho de permanecer em movimento, há um problema aqui em algum lugar, está apontando em certa direção ou dando início a uma descoberta.*³⁷⁶

Assim é que os problemas detectados no passado podem, pelo movimento contínuo das coisas (ou dos ciclos, segundo Pepetela), apontar outra direção, um novo caminho.

Ainda que, para alguns estudiosos do autor, *A geração da utopia* é um romance de desilusão e desencanto, preferimos a ideia de que apresenta sim “escombros” de grandes lutas e grandes sonhos, no entanto, também mostra que é possível retirar desses escombros materiais para um recomeço.

Se, no primeiro capítulo “A Casa”, a agitação, as discussões e os preparativos para a luta armada, foram uma forma de presentificar os desejos postos no horizonte, (no futuro, Angola liberta), o último capítulo, “O templo” revela consequências dos erros cometidos e, contudo, aponta para um recomeço possível. Os acontecimentos não se esgotaram em si

³⁷⁶ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985, p.99

mesmos, ainda se podem retirar ensinamentos preciosos deles. As novas gerações, como temos visto, precisam das anteriores para se apoiarem na sua sabedoria e nas suas experiências. Daí a importância de um bom relato, que por sua vez também não é capaz de esgotar tudo – o movimento é mesmo sempre contínuo. *A geração da utopia* é relato da efervescência de uma nação em contínua transformação: a que sofreu o colonialismo, a que passou pela guerra de libertação, a que começou a formar-se no pós-guerra e continua, dia após dia, a formar-se.

Transformação esta que se torna possível pelo que Bloch chama de “antecipação positiva”: (...) *não se trata de substituir a ansiedade pela esperança (...) mas localizar o positivo no interior do negativo mesmo.*³⁷⁷ Quando o negativo é reabsorvido no positivo, ampliam-se as esperanças, as antecipações.

Envelhecidos pelo tempo, os jovens da CEI são agora políticos (Vítor), executivos (Malongo) ou líderes religiosos (Elias) que se enriquecem às custas do povo; mas também são médicos (Sara) que se preocupam com este mesmo povo tão explorado e enganado, e sonhadores que não se corromperam (Aníbal). Apesar do negativo da corrupção política e social, o positivo de projetos e sonhos que não morreram; em meio a uma sociedade que afinal ainda é desigual e injusta, há os que ainda pretendem/aspiram lutar pela transformação (Judite e Orlando). O movimento não para. Há um convite para agir que é incessante.

³⁷⁷ JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma*, São Paulo: Hucitec, 1985 p.106.

Resistência que leva à re- existência, do caos à unidade

Em *A geração da utopia* e *Memórias do cárcere*, Pepetela e Graciliano trazem à tona a mutilação da existência (da nação e dos homens no cárcere, respectivamente) e traduzem, através da construção de seus textos, o desejo e a possibilidade de recuperar a unidade.

O importante é não parar de agir, que o mesmo quer dizer não parar de acreditar, de ter esperanças. A utopia – como desejo posto no horizonte – precede à ação: *Sem utopia revolucionária não haverá prática revolucionária (...)*³⁷⁸, afirma Michael Löwy. Fanon, alude à revolução como uma luta contínua: *Depois da libertação nacional, ele [o povo] é convidado a lutar contra a miséria, o analfabetismo, o subdesenvolvimento. A luta, afirmam todos, continua. O povo verifica que a vida é um combate sem fim.*³⁷⁹

A construção da resistência e o resgate da unidade e da humanidade perdida se tornam possíveis através de um agir contínuo, pleno de esperança, que por sua vez não se configura como *uma fé paralisante em um progresso necessário, em um futuro garantido*, mas, ao contrário, como um olhar novo que ajuda a restabelecer a *circulação entre a memória do passado e a abertura do futuro*, afirma Löwy.

³⁷⁸ LÖWY, Michael. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, 2000 p.246.

³⁷⁹ Fanon, Frantz, *Os condenados da terra*, Rio de Janeiro: Civilização, 1968,p.73.

6. Considerações finais

Quando existe contato entre o sonho e a vida, então tudo vai bem.

(Pissarev)

Ao buscarmos, portanto, estabelecer novas associações no campo do comunitarismo cultural – como alternativa às imposições da globalização neoliberal - por meio do estudo comparado entre *A geração da utopia* e *Memórias do cárcere*, detectamos contatos de compartilhamento entre Brasil e Angola e verificamos a importância do papel desempenhado pela literatura nos dois países.

Vimos, como, devido às pressões econômicas e políticas, o homem é transformado em “objeto”, não se identifica com o produto de seu trabalho – na medida em que trabalha só para sobreviver- e, dessa forma, perde também a sua humanidade. Esse estado de “passividade” é o resultado direto da opressão exercida pelos dominadores. E é o que interessa aos governos ditatoriais, como observamos durante a ditadura Vargas no Brasil e, em Angola, quando sob o domínio do colonialismo português, durante o Salazarismo.

A partir de nossas reflexões, verificamos que o escritor, enquanto intelectual engajado, produz uma literatura “desalienadora”, na medida em que elabora textos, os quais, a partir de uma perspectiva sociopolítica, se opõem ao que é imposto pelos dominantes.

Em *A geração da utopia*, Pepetela, ao fazer o balanço da história de sua geração, resgata o que fora cindido pelo colonialismo e pela guerra de libertação e reconstrói, assim, a nação. Ao “atar pontas”, busca tapar os fossos que separa Angola em duas, atravessa tempos e espaços e refaz, então, um ciclo.

Em *Memórias do cárcere*, ao contar a experiência vivida no cárcere durante a ditadura Vargas, Graciliano Ramos, através da evocação da memória, reconstrói a unidade dos homens que conviveram com ele na prisão, resgatando-os, sobretudo, em sua integridade humana.

Assim é que, ao denunciarem as formas de violência impostas, Pepetela e Graciliano Ramos elaboram uma literatura de resistência que leva à re-existência.

Em *Literatura e Resistência*, o crítico Alfredo Bosi afirma que resistência pode ser tema ou forma imanente da escrita. No segundo caso, trata-se de (...) *escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema.*³⁸⁰ Por isso inserimos nessa condição *A geração da utopia* e *Memórias do cárcere*.

Segundo ainda Bosi, na escrita resistente tudo o que foi calado (...) *por medo, angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático.*³⁸¹ Assim, trata-se de uma escrita que “liberta” a voz antes calada. É o que fazem Pepetela e Graciliano Ramos quando, como dissemos, devolvem a

³⁸⁰ BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, p.129.

³⁸¹ *Idem*, p.135.

voz aos oprimidos – resgatando-os em sua dignidade de pessoas/seres humanos.

A evocação da memória traduz-se como força que move o pensamento e aponta, utopicamente, para o futuro.

Em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos dá voz aos homens cindidos no cárcere, destruídos e transformados em esqueletos, em mortos-vivos. Homens de almas calejadas e tristes, com certeza apenas da morte.

Graciliano Ramos, também prisioneiro desse cárcere descreve-se a si mesmo como único sobrevivente. Em meio a uma atmosfera sepulcral, é o que se agarra a “migalhas de vida” e escreve. Escreve para não perder a consciência e manter-se vivo. O autor, que mesmo em sua obra de ficção, construiu um discurso narrativo carregado de intensa crítica à miséria e aos desmandos políticos, também em *Memórias do cárcere*, denuncia o jogo de poder dos dominantes: a instituição pública, não atentando para as diferenças, reduzia-os todos a meros indivíduos numerados, despersonalizados e sem vontade. Graciliano elabora o texto de modo a que se torne, então, uma firme resistência a essa serialização do indivíduo, a essa coletivização alienante. A voz, devolvida ao oprimido que sobreviveu para testemunhar a **sua** versão, exprime-se sempre em processo de autoquestionamento.

Quando a vida deixou de ser um direito e a morte foi sentenciada, o escritor encontrou na escrita a sua forma de resistir para re-existir. *Escreveu lá fora tudo o que viu e ouviu na prisão*: a violência sendo usada para sustentar o poder e homens mortos, apesar de vivos. Escreveu para libertá-

los, ressuscitá-los, enfim. Como não se tratava de apenas reerguer corpos, *soprou-lhes a vida* quando os retratou a partir dos gestos, palavras ou mesmo silêncios capazes de revelar-lhes a humanidade – cerceada, violentada, mas não destruída. Então, para recuperá-la, é preciso escrever, exteriorizar as memórias. Ainda que, em razão de sua conformação à verossimilhança – alicerce maior da literatura - no momento em que a memória é escrita, é reduzida e está definitivamente alterada. O escritor passa, então, a **narrador** e, como tal, tece o fio libertário da narrativa transformando-a em instrumento de **conscientização do leitor**.

Afinal, não se trata de recuperar o passado para eternizá-lo, mas de confrontá-lo com o presente para impelir o tempo adiante. Graciliano Ramos retirou forças para sua própria resistência interna, manifesta em sua decisão de escrever. Portanto, ao resistir escrevendo, tornou possível que aqueles homens no cárcere também pudessem resistir, re-existir.

Pepetela, em *A geração da utopia*, trata da resistência/(re)existência da nação através da resistência do angolano. Ainda que muitas vezes desencantado/desiludido ou mesmo mutilado, mas ainda assim pronto para um recomeço. Afinal, não há apenas pessoas como Malongo e Vítor, há também como Sara, Judite, Orlando, Mukindo e Sábio. Estes, a despeito e apesar daqueles, é que tornam possível a resistência da nação.

O “colonizado” é agora, em Pepetela, o angolano. E ele pode, sim, começar a sua narrativa com *portanto* e acabá-la *sem ponto final*. Afinal, é a sua voz, o seu jeito de ser e de se expressar; é o detentor de sua própria identidade. Aníbal, o Sábio, conclui em conversa com Mundial: (...) *Somos,*

*angolanos, é tudo...*³⁸² Já ninguém mais precisava (ou devia) ser visto como do norte, do sul ou do leste. Importava, nesse momento, que todos se vissem como angolanos, pois assim se ia (re) construindo a nação-Angola.

Uma nação que não existia como totalidade, O colonialismo e a guerra transformaram-na em um “conjunto de cacos”, tendo a fratura como marca [Rita Chaves], sua imagem só poderia ser a da cisão, da fragmentação. Daí a tarefa do escritor, intelectual engajado, de tecer uma unidade - ainda que mantendo a diversidade e atentando sempre para as constantes transformações. Pepetela monta o retrato multifacetado da nação: da corrupção imperdoável na política (Vítor, Malongo), ao povo mutilado e esquecido (Mukindo); e também da resistência diária e contínua desse mesmo povo à crença em utopias ainda possíveis (a mangueira, na Caotinha, pode despertar um dia – uma nova geração vem aí,...).

Pepetela acredita que a história, em seu continuum, é feita de ciclos os quais não se repetem pura e simplesmente. Em 1992, ao escrever *A geração da utopia*, o autor inicia com a afirmação de que os ciclos eram eternos; em 2001, no final de *Jaime Bunda, agente secreto* o autor: (...) *dispensa narradores, e pega de novo na palavra. Para fechar os ciclos. Ou para abrir novos?*³⁸³

O importante é que se retome a palavra – ela já não pode pertencer aos muitos “Dominus” de todas as épocas. E Pepetela retoma-a para dividi-la com o leitor, falar-lhe, conscientizá-lo.

³⁸² GU, p.151.

³⁸³ PEPETELA, *Jaime Bunda, agente secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p..375.

Pepetela e Graciliano tornam possível uma interpretação crítica do leitor, é quando ocorre então a sua *realização produtiva* que o leva à desalienação. Ao reordenarem, os pedaços díspares de um determinado período da nação em *A geração da utopia*, e dos homens, em *Memórias do cárcere*, deram-lhes uma forma una, devolvendo-lhes, assim, a essência [Mészáros]

Textos como esses suscitam reflexões sobre nossas carências e nos ajudam a preencher a falta de convicções (e de utopias) do mundo atual. Ajudam-nos a entender que, mesmo nos escombros, poderemos encontrar alguma condição para recomeçar a nossa luta pela sobrevivência, pela vida.

Ainda que com sorrisos tímidos, apesar dos fantasmas... - como escreveu Pepetela em ensaio para a *Revista Época*:

(...) No entanto, no entanto... Apesar de tanta guerra, de tanta agonia, de tanta destruição, de tanto sonho adiado, de tanta vida desperdiçada, ainda existe uma réstia de esperança. Todas as convulsões violentas num país jovem levam a desmembramentos, muitas vezes irreversíveis. Quantos Estados na Europa, aparentemente consolidados, se desmembraram nos últimos anos? Pois bem, até agora pelo menos, Angola não se desintegrou. Até diria que o projeto de nação se vai consolidando, contra todas as expectativas e talvez contra toda a lógica. Como é possível? Se as famílias se dividiram, um filho para cada exército, se algumas zonas se opuseram a outras, como é possível resistir um projeto de nação que aglomere culturas e tradições diferentes, expressas em múltiplas línguas? (...)

Talvez seja a única lição e, quem sabe, o único proveito, que podemos retirar deste século conturbado de Angola. O aprender como um povo humilde e pouco letrado sabe retirar do sofrimento levado ao extremo insuportável, da agonia de todos os instantes, aquela força que o faz sobreviver como povo, como nação. Com um tímido e triste sorriso nos lábios. Triste, mas sorriso, apesar de todos os fantasmas. Também de sorrisos, mesmo sofridos, se faz futuro... ³⁸⁴

³⁸⁴ Pepetela, Guerra sem fim, Ensaio Angola In *Revista Época*, edição 88, São Paulo: Globo, janeiro de 2000.

7. Bibliografia

De Pepetela

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. Lisboa/Luanda: Edições 70/UEA, 1976.

_____. *A corda*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1978.

_____. *Muana Puó*. Lisboa / Luanda: Edições 70 / União dos Escritores Angolanos, 1978.

_____. *Mayombe*. Lisboa/Luanda: Edições 70/UEA, 1980.

_____. *A revolta da casa dos ídolos*. Lisboa / Luanda: Edições 70 / UEA, 1980.

_____. *O cão e os caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

_____. *Yaka*. São Paulo, Ática, 1984.

_____. *Lueji*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 19980.

_____. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Luandando*. Luanda, Elf Aquitaine, Angola: 1990.

_____. *O desejo de kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. *Parábola do cágado velho*. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

_____. *A gloriosa família*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. *A fonte da água lilás*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

_____. *Jaime Bunda*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

_____. *Jaime Bunda e a morte do americano*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. *Predadores*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

_____. *O terrorista de Bekerley*, Califórnia. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

_____. *Contos de Morte*. Luanda: Chá de Caxinde, 2008.

_____. *O Quase Fim do Mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

_____. *O Planalto e a estepe*. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

De Graciliano Ramos

Caetés

Rio de Janeiro: Schidt, 1993. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 6. ed. São Paulo: Martins, 1961. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1973. [31. ed., 2006]

S. Bernardo

Rio de Janeiro: Ariel, 1934. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 7. ed. São Paulo: Martins, 1964. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [83. ed., 2006]

Angústia

Rio de Janeiro: j, Olympio, 1936. 8. ed. São Paulo: Martins, 1961. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [61. ed., 2005]

Vidas Secas

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 6. ed. São Paulo: Martins, 1960. 34. ed.
Rio de Janeiro: Record, 1975. [102. ed., 2007]

A terra dos meninos pelados

Ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Porto Alegre: Globo, 1939. 2. ed.
Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, INL, 1975. 4. ed. Ilustrações de
Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1981. 24. ed. Ilustrações Roger
Mello. Rio de Janeiro: Record, 2000. [35. ed., 2006]

Histórias de Alexandre

Ilustrações de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Leitura, 1944.

Dois dedos

Ilustrações em madeira de Axel de Leskoschek. R.A., 1945.
Conteúdo: Dois dedos, O relógio do hospital, Paulo, A prisão de J. Carmo
Gomes, Silveira Pereira, Um pobre-diabo, Ciúmes, Minsk, Insônia, Um
ladrão.

Infância (memórias)

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 5. ed. São Paulo: Martins , 1961. 10. ed.
Rio de Janeiro: Record, 1975. [38. ed., 2006]

Histórias incompletas

Rio de Janeiro: Globo, 1946. Conteúdo: Um ladrão, Luciana, Minsk,
Cadeia, Festa, Baleia, Um incêndio, Chico Brabo, Um intervalo, Venta-
romba.

Insônia

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 5. ed. São Paulo: Martins, 1961. Ed. Crítica. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1973. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [29.ed., 2003]

Memórias do cárcere

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. 4v. Conteúdo: v.1 Viagens; v.2 Pavilhão dos primários; v. 3 Colônia correcional; v.4 Casa de correção. 4 ed. São Paulo: Martins, 1960. 2 v. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. 2 v. Conteúdo: v. 1, pt. 1 Viagens; v. 1, pt. 2 Pavilhão dos primários; v. 2, pt. 3 Colônia correcional; v. 2, pt. 4 Casa de correção. [37. ed., 2001]

Viagem

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 3. ed. São Paulo: Martins, 1961. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21. ed., 2007]

Contos e novelas (organizador)

Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957. 3 v. Conteúdo: v. 1 Norte e Nordeste; v. 2 Leste; v. 3 Sul e Centro-Oeste.

Linhas tortas

São Paulo: Martins, 1962. 3. ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975. 280 p. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21. ed., 2005]

Viventes das Alagoas

Quadros e costumes do Nordeste. São Paulo: Martins, 1962. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [18. ed., 2002]

Alexandre e outros heróis

São Paulo: Martins, 1962. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. [50. ed., 2006]

Cartas

Desenhos de Portinari...[et al.]; caricaturas de Augusto Rodrigues, Mendez, Alvarus. Rio de Janeiro: Record, 1980. [9. ed., 1994]

Cartas de amor e Heloísa

Edição comemorativa do centenário de Graciliano Ramos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. [3. ed., 1996]

O estribo de prata

Ilustrado por Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1984. (Coleção Abre-te Sésamo). [4. ed., 2002]

Ficção Auxiliar

ANTUNES, Antonio Lobo. *Os cus de Judas*. Lisboa: Dom Quixote, 1979.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*, São Paulo: Ática, 1982.

Sobre os Autores

Pepetela

ABLAS, Maria de Nazaré Ordonez de Souza. *Conflito de identidades em A geração da Utopia e O Esplendor de Portugal*. Tese de Doutorado apresentada a FFLCH – USP Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, 2003. (Texto policopiado)

AMMAN, Margot, VENÂNCIO, José Carlos. Pepetela, um construtor da Angolanidade. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: 2 a 8 out. 1990.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: Ficção e História - uma literatura em movimento*. Tese de doutoramento. USP, São Paulo: 1985. (texto policopiado).

_____. *Mayombe - A (Re) Construção da Identidade Nacional*. In *Políticas de Comunicação - Participação Popular*, São Paulo: UCBC - Ed. Paulinas, 1988.

CASTRO, Roberto C. G. A dura luta para escrever. (entrevista) In *Jornal da USP*, São Paulo: 30/06 a 06/07, 1997.

CHAVES, Rita de Cássia Natal. *Mayombe: a reinvenção de Ogun, o Prometeu africano*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras de UFF em 1984. (Texto policopiado).

_____. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. In *Via Atlântica*, nº 2 - Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - FFLCH - USP, São Paulo: 1999.

_____ e MACÊDO, Tânia. (orgs.) *Portanto ... Pepetela*, Luanda: Edições Cha de Caxinde, 2002.

CRUZ, Maria de Santa. O outro lado da guerra colonial. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa: 15 a 28 de setembro, 1981.

HUNGARO, Susana Regina Vaz. *Romance, revolução e utopia: um estudo comparado entre Capitães de areia, Levantado de chão e a Geração da Utopia*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do DLCV da FFLCH da USP para obtenção do título de Doutor. (Texto policopiado)

LABAN, Michel. *Angola. Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991.

LEITE, Ana Mafalda. O desConstrutor de mitos. (entrevista). In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: 7 maio. 1997.

MATA, Inocência da. *Silêncios e Falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar Além, 2001.

MEDEIROS, Tomás. Pepetela - o poeta da Utopia. In *África - Revista do Centro de Estudos Africanos* 18/19 (I) 1995/1996, São Paulo: Humanistas - Publicações FFLCH / USP, 1997.

MOTA, Denise. Pepetela alfineta a nova elite de Angola In *Folha de São Paulo*. São Paulo: edição de 6 de março de 2006.

NEPOMUCENO, Eric. (entrevista). Pepetela defende retomada do socialismo utópico. In *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 2 de novembro, 1997, p. D3.

ORNELLAS, Sandro. Notas para Pepetela. IN *Verbo 21*, disponível no site [HTTP://www.verbo21.com.br/arquivo/471+x4.htm](http://www.verbo21.com.br/arquivo/471+x4.htm) acesso no dia 29/11/2005.

RODRIGUES DA SILVA. De utópico a profeta. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: 11 ago. 1992.

_____. Da utopia à amargura. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias* Lisboa: 29 mar. 1995.

VIEIRA, Joaquim. Pepetela: O papel de Literatura consiste em levantar os problemas. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa: 8 a 21 de dezembro de 1981.

Sobre Graciliano Ramos

ABDALA JR, Benjamin. *A escrita neo-realista: análise sócio-estilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1981.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*.
Brasília: Editora UNB, 1999.

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere, literatura e testemunho*.
Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico).

BUMIRGH, Nádia Regina Marques Coelho. *Graciliano Ramos e a Revista Cultura Política: pequena abordagem interpretativa na proposta de edição crítica de Viventes das Alagoas*. 2003. 2 vol. + anexos. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – FFLCH - Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre a obra de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. *Graciliano Ramos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996. 130 p.
(Coleção Nossos Clássicos, nº 53).

_____. *Ficção e Confissão*. Ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 243-247. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

CARELLI, Fabiana Buitor. *Porões da memória. Ficção e História em Jorge Amado e Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, 1997.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 243-247. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

DAVID, Débora Leite. *Dois cárceres, uma certeza: a morte. Um estudo comparado entre A vida verdadeira de Domingó Xavier de José Luandino e Memórias do cárcere de Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado apresentada à área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Graciliano Ramos revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: UFRN-CCHLA, 1995.

FELDMAN, Helmut. Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São

Paulo: Ática, 1987. p. 275-279. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos: outros heróis e esse Graciliano*.

São Paulo: Brasiliense, 1983. 78 p. (Coleção Encanto Radical, nº 30).

FERREIRA, Jair Francelino. *Do meio aos Mitos. A tradição religiosa na obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora Papel Virtual, 2004.

GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

GARBUGLIO, José Carlos. Graciliano Ramos: a tradição do isolamento.
in: _____ et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p.
366-385. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol.
2).

GONÇALVES, Floriano. Graciliano Ramos e o romance: ensaio de interpretação. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 248-253. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

GUIMARAES, J. Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió: Ediculte/Seculte, 1997.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 66ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 192-217.

LEITÃO, Claudio. *Líquido e Incerto. Memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói: Editora Federal Fluminense (EDUFF), 2003.

LIMA, Valdemar de Souza. O literato. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 333-340. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 78ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1999.

MELARD, Letícia. *Ensaio de Literatura Brasileira. Ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1972.

MARINHO, Maria Celina Novaes. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas secas*. São Paulo: Humanitas, 2000.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos .Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP;Belo Horizonte:Ed.UFMG, 1992

_____.*Graciliano*.São Paulo: Publifolha, 2004 (Folha Explica).

_____ e SOUZA, Maria Eneida de. *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Graciliano Ramos. In: GARBUGLIO, José Carlos et alii. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987. p. 269-274. (Coleção Escritores Brasileiros, Antologia & Estudos, vol. 2).

MOURÃO, Rui. *Estrutura: ensaio sobre o romance de Graciliano*. 3ª ed. revista e ampliada. Curitiba: UFPR, 2003.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. Reflexos de sua personalidade em sua obra. IN DUARTE, Eduardo de Assis. *Graciliano Ramos revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: UFRN/CCHLA Ed.Universitária,1995.

PINTO, João Pereira. **A liberdade em Graciliano Ramos**. Varginha , MG: Ed. Alba, 2000.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos*. Brasília: Edições Quíron/MEC1975.

RAMOS, Clara. *Cadeia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

_____. *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Coleção Retratos do Brasil, vol. 134.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.

REIS, Zenir Campos. Tempos futuros. In DUARTE, Eduardo de Assis. *Graciliano Ramos revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: UFRN/CCHLA Ed.Universitária,1995.

SANTOS, Rubens Pereira dos. *Vidas secas e Os flagelados do vento leste: insulamento e tragédia*. 1995. 224 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo.

Bibliografia – Teoria e Crítica

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *História social da literatura portuguesa*.
São Paulo: Ática, 1990.

_____. *De vãos e ilhas: literaturas e
comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Fronteiras Múltiplas, identidades
plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São
Paulo: Editora SENAC, 2002.

_____. “Fluxos comunitários: jangadas, margens
e travessias.” Em *Via Atlântica*, nº8, Revista da área de Estudos
Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa,
DLCV, FFLCH, USP, 2005.

_____. & SCARPELLI, Marli Fantini. (orgs.)
Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo:
Ateliê Editorial, 2004.

ABENSOUR, Miguel. *O novo Espírito Utópico*. Campinas, Unicamp,
1990.

ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradutor). *A Bíblia Sagrada – Livro do
Profeta Ezequiel*. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Liga
Bíblica Brasileira, 1997.

ARANTES, Paulo. Nação e reflexão. In *Zero à esquerda*. São Paulo:
Conrad Editores do Brasil, 2004.

ARAUJO, Paulo. Caos e metamorfoses: África século 21. In *Revista Cultura*. Fevereiro de 2009. Disponível no site <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc19/index2.asp?page=contos>.

ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - *Repensando a africanidade*, Niterói: UFF, 1990.

BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec. 1988.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política (vol. 1)* São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Atual, 1990.

BERND, Zila. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre : Editora da Universidade, 1992.

BHABHA. Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris: Gallimard, 1976, 1982, 1991.

3t.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Literatura e resistência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

BOURNEUF, Roland e REAL, Quellet. *O Universo do Romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

BRUNEL, P. PICHOS, CL. ROSSEAU, A.M. *Que é Literatura Comparada?* São Paulo: Perspectiva, Ed. Universidade de São Paulo, 1990.

CABRAL, Amílcar. *Análise de alguns tipos de resistência*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

Caderno de campos. *Revista dos Alunos de Pós-graduação em Antropologia da USP*, ano III, nº 3, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 4ª ed., São Paulo: Martins, 1976, 2 vol.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3ª ed., São Paulo: Nacional 1973.

_____. *Textos de Intervenção*. (Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades. Ed.34, 2002.

CATTANI, Afrânio Mendes. Compreendendo os fundamentos ocultos da dominação. In *Revista Educação* Ano 1 –Especial Bourdieu pensa a educação. São Paulo: Ed. Segmento, s/d.

CENTRO DOS ESTUDOS ANGOLANOS. *História de Angola*. Porto, s/d.

CHAVES, Rita de Cássia Natal. *A formação do romance angolano. Entre intenções e gestos* Coleção Via Atlântica, n 1. São Paulo: 1999.

_____. O Projeto Literário Angolano - A Identidade a contrapelo. In *Políticas de Comunicação - Participação Popular*, São Paulo: UCBC - Ed. Paulinas, 1988.

_____. *Angola e Moçambique – Experiência colonial e Territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. A pesquisa em torno das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: pontos para um balanço. In *Revista Crioula*, nº7, maio de 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/10.

_____ e MACÊDO, Tânia.(orgs.) *Marcas da diferença.As literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

_____ e VECCHIA, Rejane.(orgs.) *A Kinda e a Misanga.Encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nizla, 2007.

DA COSTA E SILVA, Alberto. *A enxada e a Lança*. A África antes dos portugueses. São Paulo: Nova Fronteira: Edusp, 1992.

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia* (trad. do Rev. J. R. Carvalho Braga) 6ª Ed. C.P.B., Rio de Janeiro: 1978.

DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. 2ª ed., São Paulo: Ática , 1987.

FARIA, Antonio Augusto e BARROS ,Edgard Luiz de.*Getúlio Vargas e sua época*. São Paulo: Global Editora, 1989.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Luanda: UEA, 1979.

FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

FERRO, Marc. *História das Colonizações: das Conquistas às Independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo: Difel, 1974.

GRUNZINSKI, Serge . *O pensamento mestiço* .São Paulo: Companhia das Letras,2001.

HAMILTON, R. G. *Literatura Africana Literatura Necessária I - Angola*.

Trad. do Autor. Lisboa: 70, 1971 (Biblioteca de Estudos Africanos, 3).

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Marxismo e Forma*. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. *Globalização e Estratégia Política in Contracorrente*, Rio de Janeiro* São Paulo: Record, 2001.

KHLYABICH, I. *Pequena História da Filosofia e Dicionário dos Principais Termos Filosóficos*. Coleção Estudos Contemporâneos. São Paulo: Argumentos, 1967.

LARANJEIRA, Pires. *Literatura Calibanesca*. Porto: Afrontamento, 1985.

LAVRA & OFICINA - Gazeta da UEA nº Especial para o 2º Congresso de Escritores de Língua Portuguesa, Dezembro de 1993.

LINS, Osmar. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo*. Existência e Literatura. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

LÖWY, Michel. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1990.

_____. *Nacionalismos e Internacionalismos :da época de Marx até nossos dias*. Tradução de Carmem Cacciarro e Valéria Coelho da Paz. São Paulo: Xamã, 2000.

_____.e BENSID, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

LUCKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Presença, s/d.

MACÊDO, Tania. A representação literária de Luanda - uma 'ponte' entre Angola, Brasil e Portugal in *Via Atlântica*., nº 1, São Paulo:. Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, 1997.

MACÊDO, Tania. *Da Fronteira do Asfalto aos caminhos da Liberdade (imagens do musseque na literatura angolana contemporânea)* Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990. (Texto policopiado)

_____. *Angola e Brasil. Estudos Comparados* Coleção Via Atlântica, n 3 . São Paul: 2002.

_____. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In *Revista Crioula*, maio de 2009. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/edicao05.php> acesso em 30/06/09.

MANDEL, Ernst. *O lugar do marxismo na história*. São Paulo: Xamã, 2001.

MARGATO, Isabel. GOMES, Renato Cordeiro (orgs.) *O papel do intelectual hoje*. BH/MG: Ed. UFMG, 2004.

MARGARIDO, A. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Ed. A regra do jogo, 1980.

MARQUES, Carlos V. Português é troféu de guerra. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: 19, Abril, 1989.

MARX, Karl. “Apêndice”, Apud .FROMM, Eric. *Conceito Marxista do homem*. 3ª ed. São Paulo: Zahar Editora S.A , 1983.

MATA, Inocência da. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós colonial em SCRIPTA, Belo Horizonte,v.10, n 19, p 25-42, 2 semestre 2006.

MELO, João de. A Literatura de Guerra Colonial. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: 19, Abril, 1988.

_____.*Os Anos da Guerra*. 2ª Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

MEMMI,Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do Colonizador*.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MÉSZÁROS, Istivan. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOISÉS, Leyla P. Literatura Comparada, Intertexto e Antropologia. In *Anais do VI Congresso Brasileiro de Teoria e Críticas Literárias e*

2º Seminário Internacional de Literatura, Campina Grande: UFBB, 1985.

MOURÃO, Fernando A. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

MUIR, E. *A Estrutura do Romance*. 2ª ed., Porto Alegre: Globo, 1975.

MUNANGA, Kabengele. Cultura, Identidade e Estado Nacional no contexto dos Países Africanos. In *A Dimensão Atlântica da África*, CEA-USP/ SDG - Marinha CAPES, São Paulo: 1997.

MÜNSTER. A. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Edunesp, 1993.

NETO, A. ... *Ainda o meu sonho...* (Discursos sobre a cultura nacional). Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

NOVAES, Adauto. (Organizador) *O silêncio dos intelectuais*, São Paulo: Cia das Letras, 2006.

OAKESHOTT, Robert. África, o continente construído na dificuldade. In *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 15 março 1998.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos Sentidos*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1995.
- POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Arca Editorial, 1989.
- REIS, Carlos (Diretor). Discursos. *Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, nº 9. Coimbra: Universidade Aberta, 1995.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1996.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. São Paulo: Ed. Papyrus, 1994.
- RUI, Manuel. Entre mim e o nômade - A Flor. In Documentos da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, UEA.
- SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia da Letras, 2003.
- _____. *Representações do intelectual. As conferências de Reith*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- SAKAMOTO, Leonardo. Guerrilha sem fim. (Reportagem Internacional). In Revista *ISTO É* nº 1573. São Paulo: Ed. Três, novembro - 1999.

SANTIAGO, Salviano. *Uma literatura nos trópicos*, São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidades*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Estórias africanas, História e antologia*.
São Paulo: Ática, 1985.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

SCHWARTZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 1989.

SERRANO, Carlos Moreira Henriques. *Angola: nasce uma nação - um estudo sobre a construção da identidade nacional*. Tese de Doutoramento em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: 1988.
(texto policopiado)

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa (orgs.) *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul : Yendis Editora, 2006.

SOUZA E SILVA, Manuel de. *Do alheio ao próprio: A poesia de Moçambique*. São Paulo: Edusp/Ed. UFG. 1996.

TACCA, Oscar. *As Vozes do Romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de Literatura Comparada Afro - Luso - Brasileira*, Lisboa: Vega Universidade, s/d.

TORRES , Alexandre Pinheiro. *O Neo – Realismo Português*. Lisboa: Moraes Editores, 1977

VALENTIN, José Wilson. *Brasil – Sociedade e Espaço Geografia do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura versus Sociedade*. Lisboa: Ed. Vega 1992.

WIESER, Dóris (entrevistador). *Especulo - Revista de estudos literários*, nº 30, Universidad Complutense de Madrid. Disponível no site [HTTP://ucm.es/info/especulo/numero30/pepetela.html](http://ucm.es/info/especulo/numero30/pepetela.html) em 10/12/10

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.